



Universidade Federal do Amazonas
Programa de Pós-Graduação em História
Mestrado em História

REGINALDO SIMÕES MENDONÇA

**REVISTA SINTONIA:
IMPrensa E PODER POLÍTICO NO AMAZONAS
(1939-1943)**

Manaus
2015



Universidade Federal do Amazonas
Programa de Pós-Graduação em História
Mestrado em História

REGINALDO SIMÕES MENDONÇA

**REVISTA SINTONIA:
IMPrensa E PODER POLÍTICO NO AMAZONAS
(1939-1943)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

ORIENTADOR:
PROF. DR. LUÍS BALKAR SÁ PEIXOTO PINHEIRO

Manaus
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

MENDONÇA. Reginaldo Simões

Revista Sintonia: Imprensa e Poder Político no Amazonas (1939-1943). Reginaldo Simões Mendonça. Manaus: [s/n], 2015, 143 p.

Orientador: Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História.

1. História Social. 2. Estado Novo. 3. Propaganda Política.
4. História da Imprensa.
5. Amazonas – Sociedade e Cultura.
6. Amazonas – Política e Governo.
7. Amazonas – História – 1939-1943.

I. Pinheiro, Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro
II. Universidade Federal do Amazonas
III. Título

Banca Examinadora

Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro
(UFAM – Presidente)

Prof. Dr. Almir Diniz de Carvalho Júnior
(UFAM – Membro)

Profa. Dra. Heloísa de Faria Cruz
(PUC-SP – Membro Externo)

Dedico este trabalho:

À Deus, Senhor de tudo;

À minha esposa pelo apoio, amor incondicional, auxílio e companhia nos momentos que mais precisei e por acreditar nos meus sonhos;

Aos meus pais pelo apoio quando necessário;

Aos meus mestres, por transmitir seus preciosos conhecimentos e me guiar pelo caminho do sucesso;

E a você leitor, na esperança de que essa pesquisa contribua de forma positiva em seus conhecimentos.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho de pesquisa envolveu pessoas e instituições a quem sou grato pelo auxílio. A princípio agradeço à Secretaria de Estado de Educação do Amazonas e Qualidade de Ensino (SEDUC) aqui representada pela Professora Hellen Maciel, Coordenadora Distrital de Educação 3, pela liberação em horas oportunas, o que me possibilitou maior dedicação ao curso.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado Amazonas (FAPEAM), uma vez que o fomento de 21 meses de bolsas foi importante para que eu pudesse me dedicar mais às pesquisas e à feitura da Dissertação.

Ao orientador e amigo, Prof. Dr. Luís Balkar Sá Peixoto Pinheiro, agradeço a forma generosa como orientou este trabalho. Sua sensibilidade de dizer as palavras certas nos momentos mais apropriados, não apenas ajudou a dar rumo à pesquisa, mas também me deu segurança de novas investidas como pesquisador.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas, com registro especial ao Prof. Dr. Almir Diniz de Carvalho Júnior e a Profª. Dra. Eloína Monteiro dos Santos pelas indicações, quando do Exame de Qualificação.

Agradeço aos arquivos públicos e seus funcionários que me abriram as portas para os seus valiosos acervos, permitindo assim que eu pudesse dar andamento as minhas pesquisas.

Gostaria de citar os colegas de jornada Amaury Pio e Eduardo Gomes pelas conversas empolgantes sobre a pesquisa em nossas apresentações de trabalhos ao longo dessa caminhada.

Não poderia deixar de agradecer a minha família, que incondicionalmente e mesmo nas horas difíceis, esteve ao meu lado, me apoiando sempre que necessário. Por fim, mas não menos importante, agradeço a você Elisangela Muller de Souza Mendonça, meu amor e meu sol, pelo apoio incondicional e por acreditar em mim, quando eu mesmo já não tinha certeza do caminho a seguir. Você faz tudo valer à pena!

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo demonstrar como a propaganda política na Imprensa foi utilizada por Getúlio Vargas no Amazonas como veículo de convencimento da população em busca de apoio a seu projeto político, e como mecanismo de controle, estabelecido tanto por meio difuso através da censura e atuação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), quanto de forma mais direta, com a perseguição política a seus opositores. Neste processo, busca-se paralelamente compreender como um importante veículo informativo, como a Revista Sintonia, criada em Manaus pelo telegrafista Rigoberto Costa, em 1939 – e cuja existência prolongou-se, com interrupções, até 1954 –, aliou-se a esse propagandismo, fazendo dele a pedra de toque de sua publicação. Buscou-se também através das análises de conteúdo apresentado pela própria revista verificar a sua composição editorial entre os seus 41 exemplares procurando entender seu dinamismo intelectual e informativo.

Palavras Chaves: Periodismo, Estado Novo, Getúlio Vargas.

ABSTRACT

This research aims to demonstrate how political advertising in the press was used by Getúlio Vargas in the Amazon as convincing vehicle of the population in search of support for his political project, and as a control mechanism ,established both through diffuse through censorship and performance of the *Departamento de Imprensa e Propaganda* (DIP), the more directly , with the political persecution of its opponents. In this process, we seek to understand parallel as an important vehicle information, such as *Revista Sintonia*, established in Manaus by telegraph Rigoberto Costa in 1939 - and whose existence lasted, with interruptions, until 1954 - allied to that propagandism, making it the cornerstone of its publication. The aim was also through the content analysis presented by the magazine check their editorial composition among its 41 copies seeking to understand their intellectual and informative dynamism.

Keywords: Periodism, Estado Novo, Getúlio Vargas.

SUMÁRIO

Considerações Iniciais	8
Capítulo 1	
Conquistando Corações e mentes.	18
1.1. A Revista dos Telegrafistas em Sintonia com o Regime Varguista	25
1.2. Transpondo Fronteiras: Da Amazônia para o Brasil Inteiro	50
Capítulo 2	
Folheando...: conteúdos, temas e seções.	59
Capas e temas	61
Editoriais	67
Colunas e Seções	71
Colaboradores	79
Tudo pelo Comércio	84
Capítulo 3	
Imprensa e Poder Político no Amazonas.	91
A Construção da imagem Getuliana em <i>Sintonia</i>	91
Leopoldo Péres, em <i>Sintonia</i> e com o poder	106
Com Álvaro Maia, de braços dados pelo Amazonas	116
Considerações Finais	133
Referências	138
Lista de Imagens	143

Considerações Iniciais

Esta dissertação tem como foco central um olhar para dimensões da história ainda pouco exploradas no contexto amazonense. Quer, sobretudo, acompanhar a trajetória de uma revista – *Sintonia* – que, surgida em Manaus à época do Estado Novo, articulou-se com ele, buscando exercer um protagonismo no cenário regional não apenas no processo de informação e comunicação, mas também campo das ações político-sociais.

Sua existência por mais de uma década (1939-1943 e 1950-54) demonstra desde logo sua relevância, e justifica sua incorporação como objeto central de nossa análise. Mas o tema também suscita questões que buscamos discutir, conscientes de que nem sempre chegaríamos a um consenso. O objeto de nossa análise clama por um esforço de compreensão de nossa parte e isso passa, fundamentalmente, contextualizá-la, inseri-la em seu contexto de produção, o que também pressupõe o conhecimento acerca do que era essa sociedade amazonense do período e dessa forma, é forçoso reconhecer que, neste diapasão, nosso objeto logo se reveste de nova característica: é fonte direta de sua época e, portanto, de sua própria existência.

Questões como essa – além do fato de que a vemos a partir do campo de ofício do historiador – nos levaram a pensar as articulações íntimas e complexas entre História e Imprensa. Não se trata de uma preocupação isolada. Pelo contrário, faz coro com temas, questões, perspectivas e preocupações que a historiografia brasileira tem levantado. Com efeito, a articulação entre História e Imprensa no Brasil tem vivenciado um significativo avanço nas últimas décadas, com a emergência de dissertações, teses, coletâneas e um sem número de artigos em revistas especializadas da área. Diante das discussões acerca da imprensa, o gênero *revista* foi igualmente deixando de lado certa marginalização vivenciada décadas atrás, e validando sua importância no circuito acadêmico.¹

¹ CRUZ, Heloísa de Faria (Org.). *São Paulo em revista: Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedades paulistana, 1870-1930*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempo de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP/ Imprensa Oficial do Estado, 2001.

Para o historiador, em particular, as revistas, assumem ainda a dimensão de importantes fontes de pesquisa, funcionando não propriamente como espelho de seus tempos, mas como frestas por onde dimensões do passado podem ser acessadas. Por meio de suas representações, ela registra tanto quanto expressa o passado, os valores daquela sociedade em que está inserida. São antes, “textos entranhados de história”, para usar uma expressão consagrada por Carlo Ginzburg.²

Em que pese ser inconteste a riqueza desse manancial de questões e informações, seu desvelamento requer, todavia, a atenção e o rigor analítico que já vem se firmando no campo historiográfico, alertando, por exemplo, para uma adequada compreensão do projeto gráfico/editorial, e problematizando seus conteúdos, para além dos textos, em cada vinheta, reclame, anúncio, capa, ilustração ou charge ³. Ao analisarmos uma revista é possível perceber, por esses elementos extratextuais, o perfil não apenas de seus proprietários e dirigentes, como também o de seus leitores e anunciantes, portanto, daqueles que a financiam e a proposta de seus proprietários e idealizadores.

A utilização do periódico como fonte para a pesquisa histórica requer, portanto, cuidados por parte do pesquisador, em especial a clara convicção de que, os registros do passado, quaisquer que sejam, são antes *monumentos*, registros impregnados de subjetividade e intencionalidades, como nos fez ver Jacques Le Goff ⁴. Isso significa que não se pode compreender o periódico – seja ele fonte ou objeto da reflexão (ou ambos) do historiador – e seus conteúdos, como a verdade do passado. Desta forma, a *realidade* expressada nos periódicos é, antes de tudo, *representação*, já que emerge intimamente articulada com o campo das ideias, valores, projetos políticos e sociais daqueles que o idealizaram e deram vida.

Neste particular convém observar as distinções conceituais levantadas por Roger Chartier, notadamente a que diz respeito entre “a brecha existente entre o passado e sua representação, entre o que foi e o que não é mais e as construções narrativas que se propõem ocupar o lugar desse passado”, o que, para o autor,

² GINSBURG, Carlo. *Os fios e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 11.

³ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário. Na Oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 264.

⁴ LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e Memória*. 2^a ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992, p. 535-549.

“permitiram o desenvolvimento de uma reflexão sobre a história, entendida como uma escritura sempre construída a partir de figuras retóricas e de estruturas narrativas que também são as da ficção”.⁵

É neste sentido que Ana Luiza Martins argumenta que a revista pode se converter para o pesquisador numa “cilada documental”, exatamente por ser um gênero de imprensa tão valorizado, por documentar o passado, através de registros múltiplos. Portanto, argumenta a autora, é preciso “levar em consideração as condições de sua produção, sua negociação, os capitais nela envolvidos, e ter em mente que o texto periódico é uma interpretação do passado pelo qual o pesquisador pretende transitar”.⁶

Foi exatamente quando as guinadas historiográficas da segunda metade do século XX alcançaram de forma mais generalizada o ofício do historiador, que “o periódico, antes considerado fonte suspeita e de pouca importância..., [passou a ser] reconhecido como material de pesquisa valioso para o estudo de uma época”.⁷ No Brasil, estudos pioneiros, como o de Nelson Werneck Sodré⁸, exploraram essas dimensões, articulando imprensa e sociedade e, desta forma, contribuíram de maneira significativa para a uma maior atenção por parte dos historiadores profissionais.

Como relação ao gênero *revista*, sua incorporação à análise é mais recente, em que pese o avanço acentuado ocorrido nos últimos anos. Cruz, por exemplo, registra que em pesquisa realizada com os impressos paulistas em meados dos anos 1990, viu-se surpreendida “por uma gama extremamente rica e diversificada de publicações periódicas culturais e de variedade em relação as quais, os estudos

⁵ CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 12. Na mesma obra, o autor ainda esclareceria suas posições acerca dos conceitos que propôs à abordagem historiográfica: “As noções de representação, práticas e apropriação... propunham uma aproximação que insistia mais nos usos particulares do que nas distribuições estatísticas. Nesse sentido, chamava a atenção para os gestos e comportamentos, e não apenas para as ideias e os discursos, e considerava as representações (individuais ou coletivas, puramente mentais, textuais ou iconográficas) não como simples reflexos verdadeiros ou falsos da realidade, mas como entidades que vão construindo as próprias divisões do mundo social”. Idem, p. 7.

⁶ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. Op. cit., 2001, p. 21. Segundo a autora: o fascínio suscitado pela revista como documento tornou-a irresistível, “conjunto lúdico que numa só publicação reúne texto, imagens, técnica, visões de mundo e imaginários coletivos. Todos seus componentes, aparentemente corriqueiros – formato, papel, letra, ilustração, tiragem – sugerem indagações que prenunciavam a carga de historicidade presente nas hoje, velhas e amarelecidas publicações. Tem se ali registro múltiplo, do textual, do iconográfico, do extratexto, reclame ou propaganda, à segmentação, do perfil de seus proprietários aquele dos consumidores”. Idem, p. 17.

⁷ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *A imprensa na História do Brasil*. São Paulo: Contexto: EDUSP, 1988, p. 13.

⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Mauad, 1994.

sobre a imprensa e a cidade traziam pouquíssimas referências”⁹. O quadro, todavia, se modificava, sendo a publicação do alentado estudos de Ana Luiza Martins, ocorrido uma década depois, uma clara sinalização nesse sentido. Para Tânia Regina De Luca, o trabalho de Martins é emblemático, em especial, “por enfrentar o desafio de conceituar esse gênero de impresso, esclarecer suas condições de produção, mapear o seu processo de difusão e inquirir acerca da natureza da amplíssima gama de semanários que circularam” por São Paulo.¹⁰

Para Martins, a Europa foi o grande celeiro para o pioneirismo do gênero, já que as primeiras edições periódicas foram encontradas na Inglaterra, França, Itália e Alemanha. A autora esclarece que a palavra tem a etimologia oriunda do inglês “*Review*”, que significa, entre outras coisas, “resenha” e “crítica literária”. “*Review*” era uma palavra comum para diversas revistas literárias inglesas, que eram os modelos imitados durante os séculos XVII e XVIII. No entanto, na Inglaterra, Estados Unidos e outros países de língua inglesa, as revistas são chamadas mais comumente de “*magazines*”, que vem da palavra árabe “*Al-mahazen*”, que significa “armazém” ou “depósito de mercadorias variadas”, pois, diferente dos livros que são monotemáticos, as revistas geralmente apresentam vários assuntos. São publicações periódicas de cunho informativo, jornalístico ou de entretenimento voltadas para o público em geral.¹¹

As revistas são, pela natureza de sua publicação, os órgãos da imprensa apropriados ao estudo das grandes questões da política, economia social, artes, dentre outros. Dessa maneira, trabalhar com as revistas significa, em primeiro lugar, investigar seu veículo de difusão, pois ele influencia diretamente a significação dos textos nele inseridos.

Ainda seguindo o raciocínio de Martins, pode-se dizer que a definição do objeto *revista* só é possível se comparado ao jornal e ao livro. A primeira distinção, portanto, refere-se a sua relação com o tempo. O jornal, cotidiano, factual, restringe-se às informações ao longo de mais ou menos 24 horas; a revista, por seu turno, meio de sociabilidade por excelência é, a priori, um espaço de confrontação.

⁹ CRUZ, Heloísa de Faria (Org.). *São Paulo em revista*: op. cit., p. 19.

¹⁰ LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 122.

¹¹ MARTINS. Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Op. cit., p. 45.

Assim, a revista procura apreender a atualidade para fazer dela seu objeto de reflexão e também de ação. Diz Ana Luiza Martins:

O surgimento da revista a partir do jornal confirmava a clássica evolução histórica do jornal para a revista literária, confinando naquele a informação de cunho político e cotidiano e nesta, a contribuição literária e os projetos culturais. E mais uma especialização: aquela da revista de variedades em que imperou o uso e abuso da novidade da ilustração, com ênfase nas notícias de teor sociocultural.¹²

Ainda segundo o entendimento de Ana Luiza Martins, as revistas eram objeto de difícil definição, e essa dificuldade podia ser encontrada mesmo nas definições utilizadas pelos próprios mentores das revistas (proprietários, editores, redatores, colaboradores). Pode-se então afirmar que a revista inicialmente surgiu em forma de jornal, assumindo custos de produção menores desse gênero, transformaram-se “em revista periódica, abandonando o formato tabloide incorporando uma capa que facilitava o manuseio”.¹³

O gênero revista logo foi sendo associado a um conjunto de características específicas que a distinguiam cada vez mais do jornal:

Com apresentação cuidadosa, de leitura fácil e agradável, diagramação que reservava amplo espaço para as imagens e conteúdo diversificado, que poderia incluir acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana, humor, conselhos médicos, moda e regras de etiqueta, notas policiais, jogos, charadas e literatura para crianças, tais publicações forneciam um lauto cardápio que procurava agradar a diferentes leitores, justificando o termo variedades.¹⁴

Consolidada como um novo gênero da imprensa escrita, a revista passou a ser disputada por escritores que ambicionavam a divulgação de seus textos literários “*reunindo nomes consagrados da época*”. O fato é que durante o século XIX a revista já ditava moda na Europa, principalmente pela evolução das empresas gráficas como também pelo grande aumento da população leitora.

No Brasil o mercado editorial não se mostrava tão atraente ou minimamente organizado quanto o europeu o que retardou o aparecimento desse gênero de impresso. Para Martins, contrapondo-se ao processo modernizador mais avançado no cenário europeu, o século XIX brasileiro conviveu com a existência de “gráficas precárias, população analfabeta, ausência de livrarias e mesmo de pontos

¹² MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Op. cit., p. 67.

¹³ Idem, p. 69 e 73.

¹⁴ LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. Op. cit., p. 121.

de vendas, raras bibliotecas públicas e edição praticamente inexistente”¹⁵. É mais precisamente com a chegada do século XX, que a imprensa periódica brasileira – no caso as revistas –, passou por transformações significativas e isso certamente estaria associado à crescente implementação de maquinários gráficos e chegada de novos métodos de produção.

Acalentando a modernidade, o século XX abriu a oportunidade para a consolidação do gênero, mesmo com uma quantidade razoável de gráficas espalhadas por algumas capitais do Brasil. No entanto, a falta de “conhecimento da legislação” e de “critérios normativos” permitiu o surgimento de uma grande quantidade de revistas no Brasil. Essa modernidade aqui difundida se refere ao fato de haver um processo de transformação do cenário urbano presente nas grandes capitais, como São Paulo e Rio de Janeiro:

A crescente diversidade editorial e gráfica a partir da década de 1910 não pode ser dissociada, certamente do fato de que o Rio de Janeiro atingiu o marco de 1 milhão de habitantes no final desse decênio, dando ao Brasil sua primeira metrópole moderna. Com novos bairros, transportes, hábitos de lazer, divisões de classe e de gosto, a sociedade cada vez mais complexa e fragmentada demandava tratamento diferenciado para os muitos grupos que a compunham.¹⁶

As revistas foram surgindo, portanto, com temas os mais variados, abordando assuntos relacionados à “economia de mercado”, passando pelo “comércio e indústria”, “propaganda política e religiosa”, sociedades profissionais, assuntos femininos, literatura ou moda. No entanto, poucos títulos obtiveram êxito, já que a grande maioria ressentiu-se da falta de recursos financeiros e também muitos empreendimentos não se adaptaram “as exigências do novo ritmo de produção” e a própria “intensificação do volume de novas revistas em São Paulo e no Rio de Janeiro, considerado o maior mercado jornalístico do país”.¹⁷

Na trajetória do gênero *revista* um marco definidor a ser destacado foi a inserção de recursos ilustrativos. O avanço técnico registrado permitiu uma maior

¹⁵ MARTINS. Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Op. cit., p. 42.

¹⁶ CARDOSO. Rafael. (Org.). *Impressos no Brasil 1808-1930: Destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

¹⁷ GARCIA. Sheila do Nascimento. *Revista Careta: Um estudo sobre o humor visual no Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado em História. Assis, São Paulo: UNESP - Assis, 2005. Esse processo de especialização e concentração dos impressos revista já havia sido percebido por Heloísa de Faria Cruz, quando argumenta que “no decorrer da terceira década [do século XX] o periodismo ‘cultural’ de entretenimento paulistano já se apresentava bastante segmentado. A diversidade de títulos diminui, as publicações diferenciam-se e especializam-se”. CRUZ, Heloísa de Faria (Org.). *São Paulo em Revista*. Op. cit., p. 27.

utilização de imagens (ilustrações), possibilitando uma transformação enriquecedora no conteúdo e na forma de comunicação das publicações periódicas, o que as tornou mais atraentes, interessantes e acessíveis, já que até mesmo pessoas sem alfabetização podiam apreender os sentidos intrínsecos às gravuras, charges e imagens que as revistas veiculavam, por vezes em profusão.

O recurso sedutor da imagem impressa transformou-se num sucesso quase instantâneo, e o novo estilo gráfico logo se disseminou pelo mundo e pelo Brasil. Na virada para o século XX importantes revistas surgiam no país apresentando esse novo formato gráfico:

As mais conhecidas são Kosmos e Renascença, ambas bem impressas e fartamente ilustradas, trazendo requintes como papel colorido, tintas metálicas, experiências com cor nas imagens e na impressão de textos, assim, como uma atenção inédita aos detalhes da diagramação, com margens e entrelinhas amplas manchas elegantes e geometrizadas, fartura e originalidade na ornamentação das páginas.¹⁸

Entretanto, diversas outras revistas de menos importância também estão no rol desse crescimento gráfico brasileiro do século XX, e foi devido a esta ousadia gráfica¹⁹ de proposta estilística, que o gênero no Brasil se transformou e elevou definitivamente a valorização das revistas em nosso país. O fato é que não podemos deixar de mencionar que o gênero *revista* colaborou também com a formação e ampliação das comunidades leitoras. Para Ana Luiza Martins, o leque temático criado após a sua consolidação atingiu a sociedade como um todo, o que gerou demandas de consumo e a construção de públicos diferenciados:

Para a mulher: leitora em potencial, as revistas constituíram-se no espaço de inserção feminina por excelência, quer como consumidora quer como produtora [...] Importante igualmente para o universo masculino, cooptando o leitor em seus vários níveis, fosse através das revistas agrícolas, comércio e indústria, política, técnicas e, sobretudo esportivas [...] Para o público infantil e adolescente, tanto através das revistas escolares ou as ditas infantis.²⁰

Sendo assim, o estudo da imprensa vem se constituindo num dos elementos fundamentais para o processo de reconstrução histórica, já que por seu intermédio pode o historiador aproximar-se das práticas políticas, econômicas, culturais,

¹⁸ CARDOSO. Rafael. (Org.). *Impressos no Brasil 1808-1930*. Op. cit., p. 82.

¹⁹ A ousadia gráfica a que nos referimos diz respeito à difusão plena da impressão fotográfica e a introdução do *offset* no Brasil. Mesmo que a impressão não fosse de luxo, seguindo os padrões europeus, muitas revistas começaram a seguir padrões gráficos surpreendentes para a época, sendo mais ousados e dinâmicos quanto a paginação e diagramação.

²⁰ MARTINS. Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Op. cit., p. 558.

sociais e ideológicas dentro dos diversos setores que compõem uma sociedade de forma dinâmica. É nesse sentido que alimentamos a expectativa de que com a *Revista Sintonia* possamos compreender o significado específico deste periódico no contexto amazonense de meados do século XX, ao mesmo tempo em que por meio dele esse contexto específico possa ser também desvelado.

Nossa pesquisa encerra também uma historicidade própria, levanta outras questões e problemas²¹. Iniciado o Mestrado e os primeiros contatos com a documentação nos arquivos, pensamos em assumir um recorte cronológico mais amplo, que abrangesse as duas fases vivenciadas pela revista, sendo a primeira entre os anos 1939 e 1943, enquanto a segunda compreendia os anos de 1950-1954, com quatro anos, portanto, de interrupção. Logo cedo estabelecemos uma convicção – reforçada durante o Exame de Qualificação – de que está seria uma tarefa hercúlea e de difícil consecução no âmbito de uma pesquisa institucional de mestrado e seus prazos assaz reduzidos. Mas a definição do recorte não se deu exclusivamente pela extensão das informações ou das condições mais fragmentárias do acervo referente ao segundo momento. Ela derivou antes, da percepção de que, em sua segunda fase *Sintonia* – assumindo feição de revista feminina – era já uma revista diferenciada, pouco lembrando sua fase inicial, em que as preocupações direcionaram-se mais claramente para o campo da política e do debate acerca dos problemas (econômicos) regionais.

O resultado destas preocupações nos levou a optar por circunscrever a análise ao momento inicial de existência da revista (a primeira fase – 41 exemplares), em especial por nos interessar problematizar sua relação com o campo da política do Estado Novo, e o propagandismo político empreendido por Getúlio Vargas, um tema de minha predileção quando de minha Graduação em História ²². O recorte ainda me impunha a percepção de como essas grandes

²¹ Optei por assumir o debate teórico metodológico à medida que ele fosse se fazendo necessário no transcórre da dissertação. Portanto, esses “outros problemas e questões” terão sua hora e lugar para emergir ao longo do texto. Espero ter conseguido este intento.

²² Foi durante minha graduação em História, realizada na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (Dourados), que tomei contato com alguns poucos números da Revista *Sintonia* (todos de sua primeira fase) e ali, com a perspectiva de meu deslocamento para Manaus, formei as primeiras convicções sobre o tema, comprometendo-me com ele. O contato com uma segunda fase da revista (que até então desconhecia) só ocorreu em Manaus, no início da pesquisa do Mestrado. Enfrentar essa ampliação do escopo, além de fugir de minhas preocupações iniciais, impunha-me o desafio de acercar-me mais pontualmente das questões de gênero – campo de grande densidade no interior

questões – relação entre a imprensa e a política do Estado Novo – eram produzidas, difundidas e percebidas num contexto específico (amazônico), sobre o qual eu também pouco sabia.

Assumindo a dupla dimensão de entendimento da revista *Sintonia* como objeto e fonte a um só tempo, propus um caminho que se preocupava tanto com a emergência da revista, seu significado no interior do periodismo amazonense, e sua razão de existir; quanto os temas e questões centrais que informava, suscitava e debatia (a política do Estado Novo, o desenvolvimento regional, etc.). Questões apenas aparentemente diferenciadas, já que imbrincadas de forma visceral.

Estruturei a dissertação de forma a acompanhar essas perspectivas, e assim, no primeiro capítulo – “Conquistando Corações e Mentes” – procuramos em um primeiro instante contextualizar o período de surgimento da revista, informando os impasses iniciais e seu rápido enquadramento aos ditames do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). A construção desse vínculo nos impôs também fazer uma discussão sobre o Estado Novo, a fim de fundamentar e entender as relações da imprensa com o poder. Em seguida, apresentamos como se deu o surgimento da *Revista Sintonia* e como foi se configurando seu programa de expansão para grande parte do território brasileiro.

Ainda neste primeiro capítulo discutiremos a relação da revista com a classe dos telegrafistas, uma vez que em seus primeiros números *Sintonia* se apresentará ao público como “revista dos telegrafistas do Amazonas”²³. Esta dimensão inicial nos possibilitou ainda resgatar, mesmo que de forma sucinta, facetas da história do telégrafo e dos telegrafistas na cidade de Manaus, enfatizando as lutas por melhorias nas condições de trabalho e busca do reconhecimento frente à sociedade. Por fim, o capítulo discute também os motivos que possibilitaram a *Sintonia* a mudar seu escopo e, desta forma, concretizar sua cooptação pelo regime varguista.

O segundo capítulo – “Folheando a Revista” – privilegia-se a abordagem do conteúdo intrínseco do periódico, elencando e analisando as principais tipologias que dele emergiam. Dessa forma, explorou-se também a oportunidade de

dos estudos historiográficos contemporâneos –, para as quais – é preciso confessar! – não me via suficientemente preparado.

²³ *Sintonia* seguia um formato (33x42 cm) e layout bastante comuns para a época, mesclando textos e imagens.

desvincular a análise de *Sintonia* de um caráter eminentemente político, de periódico à serviço do Estado Novo. Sem negar-lhe tais vinculações, explora-se o lado social e informativo da revista que circulou não apenas no Amazonas, como também em grande parte dos Estados brasileiros.

O terceiro e últimos capítulo – “Revista Sintonia: Mídia e Poder no Amazonas” – está dividido em três subitens que contemplam as análises da perspectiva política seguida pela direção da revista, com uma análise preliminar referente ao surgimento do Estado Novo e sua influência na imprensa local. Discute-se também como o Estado Novo, através do DIP, formulou e difundiu conteúdos com vista à cooptação da imprensa amazonense para a ideologia de Vargas e promoção de sua imagem, através de um sistemático culto ao personalismo. Explorando as imagens, telegramas, matérias e ofícios publicados, discutimos como aconteceu a construção da imagem getuliana nas páginas de *Sintonia* e como foi a sua atuação frente a esse novo período governado por Getúlio Vargas.²⁴

Ainda com relação ao terceiro capítulo, nossa análise também explorou outra dimensão largamente difundida em *Sintonia* e que trata de como se estruturou a aliança entre os grupos locais comandados por Álvaro Maia e Leopoldo Pères e o governo central, tendo por base uma maior inserção do Amazonas na economia nacional.

O tema da recuperação econômica regional é pedra de toque na mediação entre as lideranças políticas nacionais e as oligarquias regionais representadas por Álvaro Maia, o interventor e governador a quem Vargas entregou os destinos do estado entre os anos de 1930 e 1945. Em *Sintonia*, o culto ao personalismo alcança também a figura do caudilho amazonense, apontando-o como homem de confiança do regime e braço direito de Vargas, sendo, portanto, o fiador da estabilidade política e social do Estado.

²⁴ Embora a pesquisa não incorpore centralmente uma leitura e análise da produção imagética gerada por *Sintonia*, a referência a algumas delas gerou o imperativo de incluí-las na dissertação. Contudo, optamos por, sempre que nos pareceu necessário, introduzi-las em pranchas encartadas após a página em que a elas se faz referência, de modo a não quebrar o fluxo do texto, e ao mesmo tempo permitir que fossem facilmente acessadas e visualizadas.

Capítulo 1

Conquistando Corações e Mentes

Os leitores de *Sintonia* não devem ter se surpreendido com o fato daquele periódico, vindo à tona no final de 1939, logo passasse a incorporar em suas páginas imagens e textos sobre o país, seu dirigente maior e sobre o sistema de governo por ele adotado. O alinhamento da imprensa aos governos (nacional e local) parecia ser uma marca acentuada do período, tornando-se, desde cedo, uma espécie de pré-condição para a existência.

Viviam-se os primeiros anos do Estado Novo, período de claro fechamento político adotado por Getúlio Vargas após o golpe de estado deflagrado por ele em 30 de novembro de 1937, data em que o presidente outorga à nação uma nova carta constitucional, com clara inspiração nos regimes conservadores (e mesmo fascistas) que campeavam em solo europeu ²⁵. A consequência imediata foi a instauração de uma ditadura cruenta e duradoura no país.

O tema do Estado Novo continua controverso no ambiente historiográfico. Em avaliação feita no início dos anos 1990, René Gertz queixava-se do descuido e descaso dos historiadores com o estudo daquele período, detectando rápidas referências em análises gerais e poucos títulos específicos sobre o assunto ²⁶. Essa carência de estudos tem sido, todavia, relativizada, e o exame da produção historiográfica na atualidade tem tornado evidente o surgimento de vários novos trabalhos referentes ao assunto. Essa é a posição realçada por Maria Helena Capelato que, fazendo um balanço dessa produção, detectou a existência de muitas

²⁵ De acordo com Francisco Iglésias, o texto constitucional imposto por Vargas “nutriu-se de modelos europeus, reais e teóricos, com a doutrinação portuguesa, espanhola e italiana da direita, como os dos governos de Mussolini, do corporativismo português de Salazar, que assume o cargo como ministro em 1926 e institucionaliza o que chama de Estado Novo em 1933, do exemplo polonês de Pilsudski, a contar de 1926. Não lhe faltaram antecedentes imediatos, sem falar nos remotos, reacionários ou tradicionalistas do século XIX e mesmo antes”. IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil, 1500-1964*. São Paulo: Cia das Letras, 1993, p. 246.

²⁶ GERTZ, René. Estado Novo: um inventário historiográfico. In: SILVA, José Luiz Werneck da (Org.). *O feixe e o prisma: Uma revisão do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p. 111-131.

teses e dissertações produzidas nos últimos anos sobre diferentes aspectos que caracterizam àquele regime político.²⁷

Diria que o interesse científico mais contundente projetou-se na área de História, no calor das avaliações sobre os regimes políticos autoritários, embalados pelas expectativas de dias melhores que viriam com a retomada da democracia na condução da vida pública dos brasileiros. Poder-se-ia dizer que, nestas décadas, ao mesmo tempo em que se pesquisava o período, apareciam nessas análises a reelaboração do já produzido, inclusive do ponto de vista teórico, indicando uma preocupação que marcou significativamente tais abordagens.

Em decorrência, a historiografia classificou esse período ora de “autoritário-corporativista” ora de “totalitário”, temática que ganha realce nas discussões sobre a natureza do “regime”, que vigora no após trinta anos que traduzem distintas formas de poder, na medida em que os caminhos e estratégias dos vários grupos se diferenciam, mesmo entre aqueles que preconizam um regime político forte.²⁸

Uma das publicações que mais se destacou dentro do contexto político marcado pelo autoritarismo foi *Estado Novo: Ideologia e Poder*, publicado em 1982, como resultado de pesquisas realizadas no âmbito do CPDOC/FGV²⁹. A obra, assinada por Lucia Lippi de Oliveira, Mônica Pimenta Veloso e Ângela de Castro Gomes, foi pensada a partir dos arquivos pessoais de autoridades que integraram o governo Vargas e se propôs a recuperar as propostas político-ideológicas daquele governo, evidenciando o modelo político específico, distanciado dos pressupostos europeus.

O foco das análises dos intelectuais do CPDOC sobre o Estado Novo, é a recuperação dos fundamentos do projeto político-ideológico desse regime, auto definido de “democracia social”. Na mesma obra, Ângela Castro Gomes discute o projeto político/ideológico forjado durante o Estado Novo pelos ideólogos do regime que “*afirmam inaugurar uma experiência única na história do Brasil*”. De acordo com Gomes, a proposta de fundação de um novo Estado, “verdadeiramente nacional e humano”, estava nas principais linhas dos discursos políticos após o golpe em 1937. Essa proposta representava, para seus defensores, o início de uma

²⁷ CAPELATO, Maria Helena. Estado Novo: novas histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.) *Historiografia Brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 183-213.

²⁸ Idem, p. 197-201.

²⁹ OLIVEIRA, Lucia Lippi et al. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1982, 166 p.

nova era na história do país. A constituição de uma ordem política que estivesse de acordo com as reais potencialidades, necessidades e aspirações do povo brasileiro, significando com isso um autêntico “redescobrimto do Brasil”.³⁰

Sua abordagem nos parece relevante para a percepção das redes de controle criadas pelo regime e de como elas focarão o espaço da imprensa como campo central para a consolidação e difusão da ideologia que embasa o sistema. É neste sentido, ainda segundo a autora, que o governo mobilizará uma série de recursos específicos para assegurar a produção e a divulgação das ideias do projeto político estadonovista.³¹

A autora reconhece a dificuldade de rastreamento desse ideário, mas vê uma possibilidade de acessá-los por meio dos artigos publicados pela revista *Cultura Política*, publicação oficial que, subordinada ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), foi um importante órgão criado para a produção e divulgação desse projeto estadonovista. Na compreensão da autora o DIP será uma das engrenagens mais importantes de sustentação do regime, já que materializou “o grande esforço empreendido, durante o Estado Novo, para controlar os instrumentos necessários à construção e implementação desse projeto político-ideológico cuja meta era se afirmar como ‘socialmente dominante’”.³²

A imprensa acabou se tornando um elemento fundamental na construção de imaginários sociais e naquilo que passa a ser apresentado como a realidade. Diante dessa situação, o controle da informação e, portanto o controle da imprensa, se torna essencial em qualquer projeto de formação de ideologias e de controle do poder. Para Silvana Goulart, “a mídia atua em grande parte no sentido de influenciar direta ou indiretamente o público para a manutenção, aprovação e reiteração da estrutura socioeconômica vigente”. E o faz, não por uma expressa afinidade ideológica (nem sempre existente), mas, em especial, “por seu caráter de empresa privada, cujo lucro é a principal razão de ser”.³³

É nesse sentido, que a criação do DIP por intermédio da Lei nº 1.915, de 27 de dezembro de 1939, e regulamentado pelo Decreto Lei nº 5.077, de 29 de

³⁰ GOMES, Ângela Maria de Castro. “O redescobrimto do Brasil”. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi et al. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Op. cit., 109-151.

³¹ Idem.

³² Idem, p. 110.

³³ GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990, p.11.

dezembro do mesmo ano, assume um patamar de extrema importância política. Seu diretor Lorival Fontes era o responsável pela articulação da propaganda governista difundindo de forma sistemática a popularização da ideologia do governo, no intuito de atingir a todas as camadas sociais. Em sua lógica, para atingir a política como fim, espaço público por excelência, é fundamental passar pelo crivo da imprensa, seja conquistando sua simpatia ou produzindo fatos jornalísticos que coloquem o político em evidência.

No entanto, ao assumir a característica de um superministério o DIP, subordinado exclusivamente e ao poder executivo, tinha tarefas múltiplas, centralizando, coordenando e orientando a comunicação social do Estado em vários segmentos, a fim de instaurar a censura e o controle dos meios de comunicação. Neste contexto, radiodifusão, teatro, cinema, turismo e imprensa passaram a ser vigiados e mobilizados para a imposição ideológica, visando a cooptação das classes trabalhadoras, “integradas ao jogo político do populismo”.³⁴

Atingindo diferentes classes sociais através de discursos nacionalistas e apologéticos, a propaganda política atuou no sentido de viabilizar a popularização do regime varguista, imprimindo por meio da imprensa, forte marca personalista. Desta forma, as ações do chefe da nação passaram a fazer parte do cotidiano do povo brasileiro, procurando firmá-lo como unanimidade nacional.

Não sem razão, o Estado Novo é considerado um dos períodos em que a imprensa brasileira mais sofreu repressão direta do Estado. Com a criação de departamentos que controlavam a conjuntura política, econômica e social, o Governo divulgava seus ideais e conquistava adeptos do seu modo de gerir a nação. O jornalismo que, segundo Ranielle Moura e Ana Regina Rêgo, sempre ocupou posição de destaque na esfera social foi intimado pelos órgãos de controle da imprensa a atuar como propagador da doutrina difundida pelo Estado Novo.³⁵

Porém, é necessário ressaltar que o poder exercido pela ditadura Vargas – como de resto para a maioria dos regimes totalitários – não se embasava somente

³⁴ Para Silvana Goulart, o pensamento político dominante no Estado Novo realçava a convicção de que só um governo forte poderia viabilizar a verdadeira democracia. Porém, diz a autora, isso só é possível quando se consulta diretamente o povo nas suas mais legítimas aspirações. GOULART. *Sob a verdade oficial*. Op. cit., p. 11.

³⁵ MOURA, Ranielle Leal; RÊGO, Ana Regina. Nazismo e Fascismo nas páginas da revista *O Cruzeiro*. In: *Anais da Confederación Iberoamericana de Asociaciones Científicas y Académicas de la Comunicación*. s/d. Disponível em: < <http://confibercom.org/anais2011/pdf/24.pdf> >. Acesso em: 15 de abril. 2014.

nas formas repressivas. De acordo com Capelato, o regime estadonovista, sem abrir mão de seu poder de controle e dominação, buscou também estabelecer uma relação amigável com alguns representantes da imprensa:

Vargas procurou conquistar os representantes da imprensa de duas maneiras: reprimindo-os e adulando-os. Ajudou na construção do novo prédio da Associação Brasileira de Imprensa e nela foi recebido como "conselheiro", "o melhor dos amigos" e o "maior benfeitor da casa" (O Estado de S. Paulo, 18/1/1942).³⁶

Ao construir um novo prédio da ABI e beneficiar veículos jornalísticos e jornalistas, oferecendo regalias como a isenção fiscal, o Estado se utilizava de sua posição de poder e de barganha política, passando a gerir a nação de maneira bastante intervencionista, enquanto se aproximava de setores importantes da sociedade de forma não repressiva.

Como argumentou Michel Foucault, o poder não possui apenas a face negativa, destrutiva. Esse mesmo poder compreende um aspecto positivo, no qual se porta com um caráter produtivo. Tal afirmação pode ser observada durante o período da Ditadura Vargas.³⁷

Nessa perspectiva podemos salientar que o DIP atou no sentido de eliminar ou pelo menos limitar a imprensa regionalizada através dos discursos formalizados por agências especializadas a fim de construir uma propaganda em prol do regime. Dessa forma, o aspecto positivo se reduz ao simples fato do exercício da manipulação da imprensa que está relacionado ao fornecimento de papel, matéria prima primordial do empreendimento jornalístico, já que os periódicos que se submeteram aos ditames do regime favorecidos com cortes de impostos, reduzindo sensivelmente o preço final da matéria prima e, conseqüentemente, garantindo (senão aumentando!) a margem de lucro empresarial.

De acordo com Silvana Goulart, a criação do DIP impôs ao governo a necessidade de criação de uma estrutura que fosse capaz de atender as especificidades de um superministério, em que o mesmo havia se transformado. Durante sua vigência o órgão foi dirigido por Lourival Fontes (1939-1942), Major Coelho dos Reis (1942 a 1943) e, por fim, Capitão Amílcar Dutra de Menezes que

³⁶ CAPELATO, Maria Helena Rolim. *História e imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto: EDUSP, 1988.

³⁷ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

atuou até a extinção do departamento em 1945 ³⁸. Essa estruturação foi organizada em várias divisões com finalidades diferenciadas de acordo com o regimento do próprio departamento. ³⁹

Para atender os nossos objetivos vamos apenas enfatizar as ações e atribuições das divisões de *Divulgação* e de *Imprensa*, como parte dessa organização funcional do DIP. Ainda de acordo com Goulart, a Divisão de Divulgação foi criada para atender objetivos que estivessem ligados a elucidar a opinião da população em detrimento das diretrizes do regime, sempre divulgando as realizações que viessem beneficiar o país em caráter coletivo. Dentre outras funções podemos destacar ainda, os serviços de edição e revisão geral de vários periódicos instituindo temas sugestivos as transformações geradas pela Revolução de Vargas, divulgando notícias da participação do Brasil na guerra, promover divulgação das solenidades comemorativas e também distribuir a imprensa as matérias de origem pagas. Já a Divisão de Imprensa, e de acordo com sua finalidade, mantinha a função de registrar todas as publicações periódicas autorizando a circulação das mesmas. Nesse aspecto, percebe-se a construção do exercício da censura e o controle dos meios de comunicação através da criação do *Conselho Nacional da Imprensa* que se ocupava principalmente com o abastecimento de papel necessárias a indústria gráfica. Goulart comenta:

Suas atividades também se concentravam no sentido de, junto a Divisão de Imprensa, fazer o registro e a classificação dos periódicos quanto ao gênero e a periodicidade, especificar suas características, finalidades, propriedades e atividades em função dos interesses nacionais, associativos ou comerciais. ⁴⁰

A estrutura administrativa do Conselho tinha por finalidade fiscalizar e identificar toda e qualquer atividade jornalística contrária ao regime do Estado Novo, no mesmo instante em que se difundia o ideal de que ao jornalista caberia a defesa de sua missão maior, que era a de bem preparar e orientar a opinião pública. Ainda segundo Silvana Goulart, em um curto espaço de tempo o CNI registrou um número extremamente alto de suspensões e interdições em empresas periódicas no Brasil. Só em “1940 o CNI recusou-se a registrar 420 jornais e

³⁸ GOULART. Silvana. *Sob a Verdade Oficial*. Op. cit., p. 62.

³⁹ Silvana Goulart também esclarece que as divisões do DIP estavam formadas da seguinte forma: Divisão de Divulgação, Divisão de Radiodifusão, Divisão de Cinema e Teatro, Divisão de Turismo, Divisão de Imprensa e Serviços Auxiliares. Idem, p. 62.

⁴⁰ Ibidem.

revistas brasileiras e 61 foram suspensas”. Em 1942 o mesmo órgão se “pronunciou sobre 567 pedidos de registros de publicações... e aplicou penalidades a 18 jornais infratores”.⁴¹

Para que as ações de controle pudessem chegar mais pontualmente a cada estado brasileiro foram criados os Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda (DEIP's), a partir do decreto-lei nº 2.557, de 4 de setembro de 1940. Tais órgãos deveriam trabalhar em estreita colaboração com os interventores e autoridades federais. Esse órgão representou a expressão máxima da propaganda estadonovista tendo como finalidade a junção de pensamento dos governados a seu governante levando sempre os valores da doutrina do regime de Getúlio Vargas.

No entanto, não houve uma política homogênea para assegurar a instalação dos DEIPs nos estados da federação e, assim, em muitos casos, a implementação do órgão estadual ocorreu dentro das conveniências e possibilidades apresentadas.

No Amazonas o DEIP foi instalado somente no ano de 1943, pelo decreto estadual nº 995, de 23 de março, sendo assinado pelo então Interventor Federal Álvaro Botelho Maia, político, intelectual e jornalista destacado no cenário amazonense, ocupando a cabeça do executivo estadual (como interventor e governador eleito) desde 1930⁴². O decreto estadual ampliava e centralizava as ações de controle do executivo estadual e, desta forma, Álvaro Maia passou a acumular também a função de editar na ocasião o *Diário Oficial* do Estado do Amazonas, além da responsabilidade de articular a publicidade das secretárias de estados, das prefeituras e de departamentos estaduais, como o caso do *Departamento Administrativo do Estado*, assumido por Leopoldo Péres.

Os Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda foram criados com o claro intuito de implementar mais pontualmente as diretrizes estabelecidas pelo DIP. Assim, enquanto o DIP se especializava como órgão normativo, os DEIPs se caracterizaram por fazer cumprir as exigências do Governo Federal.⁴³

O retardo na implementação dos Departamentos Estaduais de Imprensa e Propaganda, não pode significar ausência de controle ou, muito menos, a existência

⁴¹ GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial*. Op. cit., p. 66-67.

⁴² Um importante estudo da trajetória de Álvaro Maia, enfatizando sua dupla dimensão de intelectual e político, pode ser visto em: SANTOS, Eloína Monteiro dos. *Uma liderança política cabocla: Álvaro Maia*. Manaus: EDUA, 1997.

⁴³ GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial*. Op. cit., p. 77-78.

de um ambiente de liberdade de expressão e de imprensa que, portanto, precisasse ser controlado. O retardo pode derivar exatamente do oposto, da existência de governos estaduais autoritários e fortemente controladores da informação, fazendo com que a presença de um órgão como o DEIP não fosse ali sentida como necessária. Este parece ter sido o caso do Amazonas, onde o controle da imprensa já era exercício diretamente pelo Interventor Federal, antes mesmo da criação dos DEIPs. Esse controle ficava a cargo da Delegacia de Segurança Política e Social, que tinha ainda como finalidade a articulação política, e o controle da propaganda do regime e do governo de Álvaro Maia. Além disso, desde logo a Delegacia havia assumido o papel de distribuir as notícias que chegavam da Agência Nacional para os periódicos locais. Isso não significa que a criação tardia de um órgão centralizador e fiscalizador entre as partes.

Como veremos adiante, e em que pese uma postura mais discreta frente aos governos nos três ou quatro primeiros números, ao que parece a revista *Sintonia* não apresentou resistência aos ditames traçados pelo DIP, mas é perceptível a ocorrência de uma guinada radical em direção à assimilação daquele ideário e ao papel de órgão visceralmente alinhado ao sistema. A investigação dos motivos que levaram Rigoberto Costa, proprietário e diretor de *Sintonia*, a trilhar caminhos diferentes daqueles traçados no escopo inicial da revista, é o que veremos a seguir.

1.1 A revista dos telegrafistas busca *sintonia* com Vargas

Seja como revista de cultura ou variedade, seja como veículo de difusão e propaganda dos telegrafistas do Amazonas, *Sintonia* reverbera ainda os ecos do processo modernizador de grande impacto no contexto da sociedade amazonense naquela primeira metade do século XX. Processo mais longo, que nos remete aos avanços tecnológicos do século anterior e as mutações dele decorrentes.

Com efeito, o século XIX para muitos pesquisadores é considerado como o século das grandes descobertas científicas, possibilitando não apenas um impulso modernizador, como também uma sensível ampliação conhecimento e maior

articulação dos espaços, graças em especial à dinamização dos processos de comunicação (vapor, ferrovias, imprensa, telegrafo, etc.).⁴⁴

Esse progresso científico provocaria mudanças profundas na sociedade, produzindo, por exemplo, um vigoroso processo de urbanização. Ou seja, na passagem para o século XX, as cidades ganharam uma importância significativa, em especial por se configurarem em centros consumidores, fundamentais para o capitalismo em expansão.

A amplitude e abrangência desse processo são incontestes e suas marcas podem ser visibilizadas pelos quatro cantos do globo. A urbanização modernizadora de Manaus – outrora pequena vila incrustada no interior da selva amazônica – não deixa de ser um exemplo sintomático deste processo, já que em um espaço de tempo extremamente curto (notadamente entre os anos 1890 a 1910), sairia do obscurantismo para projetar-se como verdadeira “Paris das Selvas”.⁴⁵

Neste contexto a cidade passou a dinamizar um número significativo de empreendimentos no âmbito deste processo modernizador, delegando para empresas estrangeiras o gerenciamento de diversos serviços públicos que passaram a ser constituídos e dinamizados, como o sistema de abastecimento de água e de víveres; o tratamento de esgotos; a iluminação elétrica; o sistema de transporte por bondes elétricos e a telegrafia. Ao analisar o processo modernizador, Ana Maria Daou nos lembra que:

As alterações urbanas ocorridas em Manaus na última década do século XIX devem ser entendidas como expressão local de um movimento mais geral que ocupou as elites tendo em vista a implantação de cidades ou seu remodelamento segundo padrões distintos do que fora a urbanização promovida pelo império.⁴⁶

Assim sendo, as mudanças preconizadas pela República favoreceram a consolidação de outro tipo de sociabilidade identificada como uma vida moderna e

⁴⁴ MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um fio: Caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 1998, p. 43.

⁴⁵ Tanto para compreensão do processo modernizador, quanto para a necessária crítica à construção discursiva da cidade como “Paris das Selvas”, cabe conferir: DIAS, Ednea Mascarenhas. *A ilusão do fausto: Manaus, 1910*. Manaus: Valer, 2003; PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)*. Manaus: Valer, 2003; COSTA, Francisca Deusa Sena da. *Quando o viver ameaça a ordem urbana*. Manaus: Valer, 2014.

⁴⁶ DAOU, Ana Maria Lima. *A cidade, o teatro e o paiz das seringueiras: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFERJ, 1998.

cosmopolita condizentes com as transformações pelos quais passavam a cidade ⁴⁷ e diante dessa prosperidade econômica, a principal preocupação do poder público entre a transição do século XIX para o XX, se caracterizou pela adequação do espaço urbano diante do projeto desenvolvimentista do capitalismo. Durante as primeiras décadas do século XX as mudanças se concentrarão na ideia da expressão do progresso e é nesse sentido que se observa o surgimento da telegrafia.

O fato de uma importante publicação periódica, de grandes dimensões e ambições, vir à tona em meados do século XX articulando demandas e aspirações de um segmento específico da classe trabalhadora – os telegrafistas – nos impõe a necessidade de compreensão do que e do quanto significou o telégrafo no contexto da época de emergência da revista. Necessidade que se reveste de importância ainda maior se levarmos em consideração o ambiente tecnológico contemporâneo e seus processos de troca de informações e comunicações instantâneas.

Os rastros dessa compreensão foram trilhados por poucos pesquisadores, destacando-se o estudo de Laura Antunes Maciel, para quem “o telégrafo constituiu-se num instrumento e num ramo da administração pública. Um mecanismo capaz de fazer chegar à palavra do poder em todos os pontos do território” ⁴⁸. Caminhando com a autora, ressalta-se que aquela tecnologia deve ser considerada o primeiro sistema de informação utilizado em cadeia mundial, “*uma rede de arames*” que em 1905 permitia que um telegrama fizesse a volta ao mundo em apenas nove minutos. Maciel registra ainda que o telégrafo elétrico fez sua estreia no Brasil em 1852⁴⁹, no Rio de Janeiro, e em 1871 foi efetivada a ligação telegráfica entre a Europa e o Brasil, através de um cabo submarino ligando Pernambuco a Portugal.

O telégrafo dava seus primeiros passos, ele foi apresentado como o mecanismo capaz de transportar o pensamento humano através do espaço por meio da eletricidade [...] aproximando as pessoas e as nações mediante as trocas de informações de produtos e das relações

⁴⁷ Vale ressaltar que essas transformações, segundo Daou, tiveram início durante o governo de Eduardo Ribeiro, pois sua administração se baseou em um ponto de convergência entre a ideia de cidade que alimenta o imaginário republicano ou talvez positivista. Assim, a administração de Eduardo Ribeiro é expressiva nas mudanças com a passagem do Império para a República quanto das representações inovadoras sobre o papel da cidade percebida agora como irradiação da civilização.

⁴⁸ MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um fio*. Op. cit., p. 43.

⁴⁹ Idem, p. 47.

diplomáticas, agilizando as comunicações e auxiliando a circulação de mercadorias, o telégrafo foi um poderoso elemento na expansão do capital e no fortalecimento dos impérios modernos.⁵⁰

Isso nos faz pensar que o surgimento das comunicações telegráficas em Manaus não está ligado somente a fatores internos, ligados à região e ao anseio de modernização e de apropriação de tecnologias, processos e equipamentos disponibilizados pela revolução tecnológica. Antes, se impõe a necessidade do capital (mediada pela ação do Estado como seu agente indireto), de aprimorar a malha comercial e a comunicação. Quando, portanto, se menciona a presença na Manaus da borracha de agentes, empresas e investimentos estrangeiros, de um lado; e da implantação de linhas de comunicação telegráfica, se está, portanto, referenciando processo intimamente imbricado.

A modernização regional e do país, implicava, portanto em estabelecer um canal de comunicação confiável entre os diversos cantos do país, que também se via conectado ao mundo. Tarefa hercúlea, lembra Laura Maciel e especialmente difícil de ser concretizada em se tratando da região amazônica, pois esbarrava tanto na “crônica falta de recursos..., [quanto nos] *‘tropeços que a natureza tropical impunham’*, ... além da falta de preparo do pessoal técnico”⁵¹. Seja como for, em um período aproximado de 20 anos, o Brasil construiu aproximadamente 10.969 km de linhas telegráficas.⁵²

Foi exatamente para uma melhor qualificação dos quadros técnicos e organização dos serviços que foram sendo criadas instituições e organismos de controle e regulação, além dos escritórios e agências que executavam o serviço em cada localidade. Ainda de acordo com Maciel, o órgão controlador dos telégrafos – a *Repartição Geral dos Telégrafos* (RGT) – apresentava constantemente relatórios que expressavam a falta de preparo técnico dos candidatos a telegrafistas, o que de certa forma tornava difícil sua operacionalização.

Para atacar o que considerava o problema capital no funcionamento do telegrafo nacional – a formação profissional dos telegrafistas – a Repartição intensificou a realização de cursos de “aula telegráfica”, aumentou as exigências para matrícula dos alunos, exigindo aprovação em exames de português, que compreendiam princípios de gramática, domínio da leitura, “escrita com letra clara e boa ortografia”,

⁵⁰ MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um fio*. Op. cit., p. 44.

⁵¹ Idem, p. 51.

⁵² Ibidem, p. 50. Laura Maciel informa ainda que esses 10.969 km de linhas telegráficas estavam distribuídos em 182 estações telegráficas, evitando dessa forma a desagregação do território.

conhecimentos de francês, noções de inglês, geografia, aritmética, além de álgebra e geometria.⁵³

Em contextos como a Amazônia, tanto o telégrafo, quanto seus agentes acabavam, portanto, se revestindo em precursor e difusores do progresso, exemplo maior da capacidade humana de transpor não apenas a densidade sufocante da selva, mas também, rios, montanhas, oceanos e continentes. Uma vez implementada as linhas telegráficas que ligavam o Amazonas ao resto do país e ao mundo, o papel dos telegrafistas se amplificou e se consolidou como campo de atuação profissional que se mantinha valorizado, tanto pela continuidade da relevância do telégrafo na metade do século XX, quanto pelas exigências de especialização e conhecimento técnico.

Não há ainda estudos específicos – ou pelo menos não tomamos conhecimento deles – sobre a formação e atuação dessa categoria profissional no Amazonas, e talvez por isso seja mais surpreendente que um empreendimento jornalístico tão ousado e importante tenha emergido em Manaus exatamente articulado em torno dos telegrafistas. Com efeito, a revista *Sintonia* durante sua primeira fase (1939-1943) reservou em suas primeiras nove edições espaços exclusivos para a divulgação de notícias vinculadas ao ofício telegráfico.

Editor-chefe de *Sintonia*, Rigoberto Costa era “telegrafista de 2ª classe”, atuando na Diretoria Regional do Amazonas e Acre e, nos números iniciais externava sua preocupação quanto aos problemas da profissão, em especial quanto à correta utilização do telégrafo. Pedagógica, *Sintonia* traria, logo em seu primeiro número, uma série de informações e instruções referentes ao modo correto da utilização do telégrafo, tanto no que concerne à escrita, quanto ao manuseio dos aparelhos e equipamentos.

*Um telegrama estropiado causa sempre dissabores e, muitas vezes prejuízos. Ao recebermos um telegrama truncado experimentamos o mesmo desapontamento que nos causa a falta de uma página no melhor capítulo de um romance. O pior é que quase todos praguejam contra o telégrafo cometendo quase sempre a maior das injustiças. [...] Acrescente a essa análise a diferença de ambiente e conforto, e além do mais o esforço intelectual do operador radiotelegrafista e a “mola” do fone a apertar-lhe a orelha. Os estropiamentos quando acarretam prejuízos para as partes trazem conseqüentemente a punição do funcionário culpado. No entanto, afirmo que os maiores responsáveis pela mutilação dos telegramas, são os próprios expedidores.*⁵⁴

⁵³ MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um fio*. Op. cit., p. 56.

⁵⁴ *Sintonia*, nº 1. Manaus, set./out. 1939, p. 7.

É possível encontrar nesta fala inicial que o objetivo da Revista era esclarecer as dúvidas na taxaço e na expediço do telegrama, procurando diminuir os descontentamentos daqueles que utilizavam o serviço, como também evitar possíveis processos quanto a erros de operaço. Com isso, *Sintonia* estava disposta a melhorar o serviço e também ampliar o conhecimento dos seus leitores, através de uma seço exclusiva de perguntas e respostas.

Hosenildo Gato Alves que também se debruço na análise dos números iniciais de *Sintonia*, Rigoberto Costa “teve realmente a intenço de que ela fosse um órgõ classista, tendo para sua criaço o encorajamento de seus colegas de classe”⁵⁵. Em seu terceiro número, *Sintonia* apresenta em sua seço de cartas um agradecimento do editor da *Revista Farmacondotologica*⁵⁶ pelo recebimento dos dois primeiros números, lançados, respectivamente, em setembro e dezembro de 1939, fazendo ainda um apelo de uniõ em prol da classe. Isto é também o que sugerem os telegrafistas do Alto Madeira, em Porto Velho.

A última revista que o Amazonas possui. É uma revista de classe. É a revista dos telegrafistas do Amazonas. É a última expressão de esforço da mocidade de nossa terra! Obrigado pela oferta de um exemplar. Consignamos aqui votos de prosperidade a novel confrreira *Revista Farmacondotologica*, Set. 1939.

A Revista que Rigoberto Costa prometeu a sua classe e cujo aparecimento registramos em nossas passadas ediçoes foi bem recebida pelo público, agora num exame mais consciente podemos assegurar que o nosso confrade Rigoberto Costa merece o apoio de sua classe. *Revista Farmacondotologica*, Dez. 1939.

A nova Revista que é muito bem feita e traz excelentes publicaçoes. Está destinada a um futuro muito promissor, pois é um órgõ mensal dos telegrafistas do Amazonas. Alto Madeira, mar. 1940.⁵⁷

As colunas analisadas deixam claro também a relevância do telégrafo para o Brasil e para o Amazonas e, certamente o surgimento da revista militava no sentido de que houvesse um maior reconhecimento e valorizaço desses profissionais que, segundo *Sintonia*, lutavam para o engrandecimento da pátria.

⁵⁵ ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e Poder: A Propaganda Varguista na Imprensa Amazonense (1937-1945)*. Dissertaço de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2009, p. 81.

⁵⁶ A *Revista Farmacodontológica* era de publicaço dos estudantes de farmácia e odontologia de Manaus sob a direço do estudante Roberto Santiago. Rigoberto Costa, editor de *Sintonia* na ocasiõ, era companheiro de turma de Odontologia do editor da *Revista Farmacodontológica*.

⁵⁷ *Sintonia*, nº 3. Manaus, mar. 1940, p. 8.

No artigo “*O Morse e o Mundo*”, um texto assinado por Ramayana de Chevalier ⁵⁸ – importante literato amazonense – e escrito especialmente para a revista, discute-se o papel do radiotelegrafista, buscando-se demonstrar a real função daquele profissional para a sociedade.

O radiotelegrafista é uma síntese funcional do mundo. As suas emoções representam nas horas plácidas de paz um reflexo do turbilhão universal. A sua voz é muda para os homens. Por que por ela fala na linguagem coletiva dos povos, o *Morse* infatigável. O seu coração é um fervedouro. Aí se diluem todas as paixões da terra, na antítese dos comunicados, na sintonia das propagandas, na aflição através do S.O.S. Todas as atividades do mundo que o fazem, como assinalou Cassiano Ricardo, monstruosamente presente a si mesmo, tem no radiotelegrafista, o microcosmo de expansão e resistência. E ele é o espinhaço dos governos, o ponto de referência do progresso, o hífen permanente que liga o passado ao futuro que se aproxima em vertigem. Ele é o fulcro da imprensa, na sua obscura posição silencioso e calmo, dirige indiretamente os povos. De sua honestidade, de sua leal verticalidade profissional vem a segurança dos poderes públicos. É uma arma. Uma arma que se condenou ao silêncio, para a grandeza do ideal de aproximação espiritual dos países e dos continentes. É um dínamo da cultura. Porque as suas energias condensam a energia total da cultura humana no conhecimento que ele dá aos homens de si próprios. O universo hoje marcha pelo ar, mais do que os aviões que são arrancadas impetuosas para o céu. As ondas invisíveis representam um passo dado para a frente dos territórios inviolados do éter. Quando as antenas transmitem as notícias sinistras das hecatombas, dos naufrágios, dos bombardeios, dos heroísmos, é ele o primeiro que vibra e que sofre que se entusiasma e se deprime com as angústias das populações atormentadas.[...] O mundo enfim, na dor ou na alegria, como se Deus desfizesse o mito da torre babeliana, pela sua palavra que é a linguagem internacional dos grupos humanos. ⁵⁹

A busca pelo reconhecimento e pela valorização da classe estava inserida nos objetivos do surgimento de *Sintonia* e também se mostrava estampada em seu subtítulo: “*A Revistas dos Telegrafistas do Amazonas*”. O trabalho não seria fácil! A responsabilidade de Rigoberto Costa era a de produzir uma revista que fosse capaz de qualificar o profissional (telegrafista) e ainda subsidiar os leitores da revista e usuários do serviço de telegrafia sobre o correto modo de funcionamento do telégrafo e do sistema telegráfico. Para tanto, estrutura um conjunto de informações, apresentando-as como um verdadeiro curso de formação. Em nove edições da revista são apresentadas seis lições.

⁵⁸ Nasceu em Manaus em 27 de Setembro de 1909. Graduou-se em medicina na Bahia, sem, todavia, exercer a profissão, optou pelo jornalismo em sua forma mais abrangente, destacando-se como redator contundente a polemista por vocação.

⁵⁹ *Sintonia*, nº 1. Manaus, set./out. 1939, p. 7.

No editorial de lançamento deste esforço de formação “técnica”, Rigoberto Costa, esclarecendo acerca da variedade de assuntos que serão abordados e ministrados, conclama o apoio de seus colegas telegrafistas, convidando à participação todos os que desejarem transmitir os seus conhecimentos para proveitos de todos. O único a se manifestar ou pelo menos aquele que teve seus ensinamentos divulgados foi um telegrafista conhecido como *Agáó*. Não encontramos outras informações a seu respeito, mas a coluna assinada por ele – “*Redija bem seus telegramas. Escreva bem legível*” – aparecerá em nas seis edições iniciais da revista. Como divulgado em seu primeiro número, o “*curso prático de Radiotelegraphista*”, proposto por Rigoberto Costa, seria ministrado pelo

competente telegraphista José Rovêdo Vercesi que o mantém no Brasil Telegraphico, Revista do Clube dos Telegrafistas do Brasil, que se edita na cidade do Rio de Janeiro. Este nosso collega, que presentemente empresta o seu valioso concurso à nossa repartição é um grande estudioso dos segredos da eletricidade, vem sobre modo se especializando em radiotelegraphia e radiotelephonia technica, dedicando o melhor de seus esforços neste mister, revelando-se di-a-dia um príncipe do rádio, tudo tem benefícios do próximo.⁶⁰

O curso prático foi publicado seguindo a ordem das edições da revista e em suas primeiras edições era visivelmente a maior coluna de *Sintonia*. Pela tabela abaixo é possível acompanhar a forma como foi pensado e estruturado, bem como os objetivos das aulas.

Tabela 1: Estrutura do *Curso Prático de Radiotelegraphista*

Lições	Tema da Aula	Edição	Objetivos da Aula
1ª	Transmissão e Recepção Sem Fio e Como se Propagam as Ondulações	1ª (set./out. 1939).	Entender como se propagam os sons pelo ar, através de grandes distâncias, sem necessidade de fio entre transmissor e receptor.
2ª	Velocidade com que se propaga o som	2ª (dez. 1939)	A velocidade do som varia com a temperatura e com o grão de humidade do ar.
3ª	Moléculas e Átomos	3ª (mar. 1940)	Qualquer substância pode ser dividida em pequenas partículas não perdendo as qualidades que caracterizam a substância a que pertencem
4ª	Corrente Elétrica	4ª (jun. 1940)	Entender os estudos sobre eletricidade
5ª	Parte Prática	5ª (jul. 1940) 6ª (ago. 1940)	Entender o funcionamento da ferramenta
6ª	Variação da resistência com o comprimento e seção do fio	7ª (set. 1940) 8ª (out. 1940) 9ª (nov. 1940)	Resistividade e Resistência

Fonte: *Sintonia*, nº 1 a 6. Manaus, set. 1939 a nov. 1940.

⁶⁰ *Sintonia*, nº 1. Manaus, set./out. 1939, p. 7.

Apesar da irregularidade das edições iniciais, o curso prático perdurou por quase um ano. As lições se baseavam na dificuldade de operar corretamente o telégrafo o que poderia acarretar em enormes prejuízos diversos. É forçoso reconhecer que, por intermédio de Sintonia e de seu colaborador neste empreendimento, o radiotelegrafista José Rovêdo Vercesi, – funcionário do Departamento de Correios e Telégrafos do Distrito Federal – buscou-se dar uma contribuição efetiva para a evolução do sistema de comunicação telegráfica do Amazonas.

As lições do curso eram, invariavelmente, acompanhadas pela coluna “*Redija bem seus telegramas. Escreva bem legível*”, já mencionada, e, pela análise de seus conteúdos, pode-se afirmar ser toda ela de feitura local. Se o curso prático, pela abrangência técnica e abordagem teórica – pressupondo algum conhecimento prévio – parecia dirigir-se prioritariamente ao profissional da radiotelegrafia ou para aqueles que nela desejassem ingressar, a coluna “*Redija bem...*”, trazendo ensinamentos práticos, era claramente direcionada ao leitor comum, vendo-o como um potencial usuário do serviço de telegrafia, orientando-os para evitar erros comuns que prejudicavam a comunicação. E isto porque Agaó, seu redator, partilhava a convicção de que grande parte dos erros na transmissão telegráfica advinha de quem demandava o serviço:

Um individuo que morava que em Lisboa necessitava adquirir um macaco se dirigindo a um amigo do despacho, porém, querendo economisar palavras, (a taxa por palavra no serviço exterior é um tanto elevada), escreveu ‘um ou dois’ servindo-se dos algarismos 1 e 2 e da letra “o” na persuasão de que para o bom entendedor uma palavra basta. A economia de duas palavras foi efetuada com efeito, pois que os três caracteres “102” pagaram apenas uma palavra. Acontece, porém, que na transmissão, o telegrafista que infelizmente não é pagé, isto é, não tem o dom de adivinhar o que deseja expressar o expedidor, e, muito menos, tempo a perder, com centenas de recado a transmitir não distinguindo a letra “o” transmitiu 102 (cento e dois) macacos. Por outro lado se o expedidor houvesse utilizado a barra de fração 1/2 havia feito a mesma economia e não teria recebido tantos macacos, como também não se admite que ele recebesse a metade de um macaco. Este caso poderá ser tomado como anedota, porém, a má grafia e redação dos telegramas é o fator principal para o estropiamento dos mesmos.⁶¹

Em duas páginas inteiras, o curso prático referia-se à preocupação com a existência de repartições possuidoras das franquias postais telegráficas e a forma como procediam. Na verdade, *Sintonia* esforçava-se por distinguir as franquias

⁶¹ *Sintonia*, nº 1. Manaus, set./out. 1939, p. 9.

postais dos departamentos oficiais do telégrafo, já que as franquias cometiam mais erros, utilizando despachos inadequados, emitindo telegramas com uma quantidade de palavras superior ao permitido e, na maioria das vezes, com sinais de pontuação escritos por extenso, o que tornava difícil a transmissão dos dados, e, dessa forma, prejudicava o trabalho telegráfico.

A coluna ainda chama a atenção dos usuários que utilizam as franquias postais para a emissão de telegramas empregando as palavras “OFICIAL e URGENTE”. Uso inadequado, já que estas eram palavras reservadas aos interesses das repartições telegráficas, devendo o usuário pagar taxas particulares para o envio de suas mensagens. No entanto, a coluna também chama a atenção dos telegrafistas, alertando-os que deveriam rejeitar tais despachos, mas isso não estava sendo observado pelos profissionais. A revista ainda conclama as autoridades competentes a adoção de medidas que aliviassem a pressão sobre o sistema que parecia à beira da saturação. Uma das saídas apresentadas era a criação de um serviço postal aéreo, já que *“continuam a fazer escoar pelo telégrafo, todas as suas comunicações, que salvo as de caráter urgente, bem, pois, deveriam ser encaminhadas, muito a contento pela via aérea”*.

Sintonia indicava ao leitor a Delegacia Postal de Correios e Telégrafos com sede na Avenida Sete de Setembro, no centro da cidade, para o envio dos telegramas e também para tratamento das possíveis dúvidas em relação ao correto funcionamento do serviço telegráfico no Amazonas. Nota-se, porém, que o problema central da seção *“Redija bem...”* e sua contínua insistência em informar e asseverar que as causas dos erros na transmissão das informações eram quase sempre advindas do expedidor, estava no fato de que as mensagens não entregues causavam queixas e prejuízos, com o ressarcimento do valor pago recaindo sobre o telegrafista. A primeira pergunta enviada pelos leitores à redação fazia referência exatamente ao processo de devolução do dinheiro e assim foi respondida:

COMERCIÁRIO – Manáos – Sim, meu amigo. Toda e qualquer reclamação a ser feita, referente ao serviço expedido, deve ser acompanhada do respectivo recibo da taxa do telegrama em questão, onde contém o número e a data do despacho e ao mesmo tempo prova a qualidade de expedidor. Si o engano provir do telégrafo, o senhor será reembolsado.⁶²

⁶² *Sintonia*, nº 1. Manaus, set./out. 1939, p. 10.

Não se questionava, portanto, a devolução do dinheiro em caso de erro, mas este devia antes ser provado como de autoria do sistema, o que a entrega do recibo da taxa podia negar, caso a “qualidade do expedidor” não ficasse atestada.

A taxação para a emissão do telégrafo também era uma dúvida recorrente dos leitores usuários do serviço, por isso, a necessidade de também expor em detalhes o endereçamento correto do destinatário. Já em seu terceiro número, os comentários giravam em torno das abreviações e de possíveis símbolos utilizados nas correspondências, alertando, por exemplo, que “nunca se deve abreviar, no endereço ou texto do telegrama, as palavras Rua, Travessa, Praça, Boulevard, Largo, Beco, Casa. Como também não se coloca algarismo romano em substituição ao número” ⁶³. Esta situação era a grande causa dos extravios das mensagens, e os custos de reparação destes erros transferidos aos profissionais do ofício, já que culpa exclusiva do telegrafista.

Ainda com relação à taxação do serviço telegráfico percebemos a preocupação do leitor com relação aos custos para a correta emissão das mensagens. Em resposta a uma leitora, identificada como Dalva, os custos telegráficos eram informados, não sem certo gracejo ao final:

Carta telegráfica noturna geralmente é transmitida a noite. Taxa: \$100 por palavra adicionando-se a taxa de 1\$000 por grupo de 25 palavras ou fração. TAXA MÍNIMA: 3\$500 embora não atinja a 25 palavras. Seu telegrama continha 26 palavras, isto é, 2\$000 de taxa fixa porque excedeu 25 palavras e 2\$600 das palavras. Total: 4\$600 – Claro como a estrela DALVA. ⁶⁴

É importante mencionar que as redações dos textos deveriam ser feitas com a maior clareza possível, evitando prolixidade e se possível ter uma boa caligrafia. Cabia ainda ao telegrafista antes do envio esclarecer qualquer dúvida existente referente a uma palavra mal escrita, bem como do suposto valor, tendo em vista, ao benefício próprio e, caso contrário, o chefe do tráfego telegráfico ou mesmo o telegrafista poderia sustar a transmissão do mesmo.

A trajetória inicial de “*Sintonia: A Revista dos Telegrafistas do Amazonas*” deixa claro tratar-se de uma publicação especializada e até mesmo técnica, embora estampasse em sua primeira capa um programa bem mais abrangente: “mensário ilustrado de atualidade e propaganda nacional” (ver Imagem nº 1). Sua dimensão

⁶³ *Sintonia*, nº 3. Manaus, mar. 1940, p. 10.

⁶⁴ *Idem*, p. 12.

de periódico classista, entretanto, se sustentava pelos vínculos de origem – Rigoberto Costa e outros colaboradores eram telegrafistas! – e pela defesa da valorização do profissional radiotelegrafista, empreendendo esforços, nos números iniciais, no sentido de uma politização do tema, momento em que, como se verá, a revista assumi um tom reivindicador, mesmo que com moderação.

Numa visão de conjunto, fica evidente que a revista se vinculou mais claramente à profissão que ao profissional e, assim, dedicou-se em acompanhar o processo de construção da comunicação telegráfica no Brasil e seu gerenciamento. Demonstrou sempre uma predileção pela ordem e uma tendência à exaltação do poder e de seus representantes. Desta forma, já em sua primeira edição seria divulgada a notícia de uma nova diretoria para o Departamento dos Correios e Telégrafos⁶⁵. A notícia é divulgada com bastante entusiasmo por Rigoberto Costa, que não perdeu a oportunidade de fazer o elogio dos novos mandatários e, assim fazendo, exaltar o sistema:

A nova orientação dada as diretorias dos correios e telegraphos subordinadas ao ministério da Viação e de Obras Públicas permitiu a essa entrosagem que orgulha a nossa feição política e social, uma nova possibilidade de vir a chegar ao seu extremo grão de technica com a presença na chefia dessa repartição, do illustre militar, vindo da Revolução de Outubro o Capitão Landri Salles Gonçalves um dos poucos a quem a política não seduziu nem desnordeou.⁶⁶

Em nota endereçada à classe dos telegrafistas, Rigoberto parabeniza o governo federal pela nomeação do Capital Landry Salles para a chefia do Departamento – cargo que exerceu de julho de 1939 a 8 de novembro de 1945 – e defende que o seu conhecimento técnico e sua competência em muito contribuirão para o sucesso de sua administração. Rigoberto faria ainda uma saudação de boas vindas à Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos do Amazonas e Acre, que na ocasião era dirigida pelo Sr. Waldemar Tavares Werneck, homem vindo da telegrafia, e pelos Dr. Mario Julio Valois, chefe do Tráfego Postal do Departamento do Amazonas, e Antônio Souza Barros, chefe do Tráfego Telegráfico do Amazonas. O destaque e exaltação dos mandatários eram, por fim, coroados com a reprodução de fotografia das personalidades então destacadas.

⁶⁵ O Departamento de Correios e Telégrafos se tornou subordinado ao Ministério de Aviação e Obras Públicas por meio do Decreto Presidencial nº 20.859, de 26 de dezembro de 1931.

⁶⁶ *Sintonia*, nº 1. Manaus, set./out. 1939, p. 6.

A Delegacia Postal Telegráfica de Porto Velho, criada pela Portaria nº 249, de 16 de fevereiro de 1938, pelo então diretor-geral dos Correios e Telégrafos, capitão Mario José de Faria Lemos, e homologada pelo Decreto-lei nº 416, de 18 de março do mesmo ano, constituía para a região amazônica um dos mais importantes departamentos federais, pela natureza de sua origem, vinculada que estava à marcha da Comissão Rondon. Desde aquele momento, o órgão passou a ser o nervo vital das telecomunicações postais telegráficas e radiotelegráficas da grande bacia do rio Madeira, reverberando sua influência até Manaus. Em reportagem de capa, *Sintonia* referencia a construção das linhas telegráficas que partiam de Porto Velho, então pertencente ao Estado do Amazonas, passando pelas florestas e também pelas extensas redes hidrográficas dos rios Juary, Jarú, Ji Paraná, e Pimenta Bueno, chegando até a cidade de Cuiabá, no Mato Grosso. Essa grande conquista territorial para a instalação das linhas telegráficas é enaltecida pela revista como sendo uma das maiores vitórias da classe dos telegrafistas.

Revela salientar que é talvez, de todas as suas congêneres, a que maior área superintende numa topografia única no hemisfério ameríndio, em que o drama homérico do homem surge em todas as suas grandezas e estoicismo pelo domínio da silva monstruosa, absorvente e assassina, da água infiltrante e solapadora, escrevendo eles, guarda-fios, condutores de matas, telegrafistas e inspetores, no anonimato da sua modéstia, a mais bela epopeia de brasilidade e abnegação pela conquista de uma pátria maior e mais forte.⁶⁷

Dessa forma, a mensagem transmitida para os leitores era de que a Delegacia Postal Telegráfica de Porto Velho assumiria grande importância nos múltiplos aspectos para a consolidação do projeto de defesa da fronteira Oeste no plano de segurança nacional lançado pelo governo Vargas. Outra grande contribuição desse projeto mencionada na revista foi a consolidação de pequenas agências postais telegráficas por toda a região.⁶⁸

Esse crescimento mostraria a necessidade da expansão de órgãos oficiais bem com a formação de trabalhadores aptos para operacionalizar os telégrafos. Para Laura Antunes Maciel:

O serviço telegráfico nacional já empregava, em 1930, 6 mil funcionários – dos quais cerca de 1.700 eram telegrafistas – distribuídos por 1.450 estações telegráficas em todo o território nacional. Isto equivale a dizer

⁶⁷ *Sintonia*, nº 3. Manaus, mar. 1940, p. 11.

⁶⁸ Foram construídas as seguintes agências telegráficas: Agência Cachoeira do Samuel; Estações de Caritianas, Arikemes, Presidente Hermes, Pimenta Bueno e Presidente Pena.

que, apesar dos percalços, a RGT iniciava essa década com 59 mil quilômetros de linhas telegráficas ligando todos os Estados da Federação, unindo municípios, vilas e povoados interioranos numa verdadeira rede de comunicações rápidas que, juntamente com o telefone e o rádio, sem esquecer os correios, estava enfeixada nas mãos do Estado nacional. A constituição da comunicação telegráfica – como um ramo da administração pública – adquiria uma organização e um desenvolvimento comparáveis apenas à distribuição de forças militares envolvidas com a segurança nacional.⁶⁹

Sob a administração do delegado Armindo da Costa Rodrigues, do Inspetor Moacyr de Miranda – que viria a ser redator chefe de *Sintonia* – e do Telegrafista Beda de Lima, a Delegacia Postal de Porto Velho administrava um quadro de pessoal de 18 telegrafistas, 140 extranumerários mensalistas, sendo deste, 111 guarda-fios. Para *Sintonia* este era um número muito pequeno de funcionários, diante das necessidades, e, por este motivo, cobravam providências das autoridades.

Um dos fatos mencionados pela revista em sua reportagem era o fato da sede da Delegacia Postal Telegráfica de Porto Velho manter em funcionamento várias repartições como, por exemplo, a seção de linhas e instalações, a chefia de tráfego postal telegráfico, a seção de serviços econômicos e uma tesouraria, sem que tais repartições tivessem o pessoal necessário para o seu adequado funcionamento. De maneira positiva e atendendo o bem-estar dos funcionários desses órgãos, *Sintonia*, em rápido comentário, cita a estrutura do prédio em construção para o alojamento dessa estrutura, enaltecendo como o único no Amazonas que atendia as exigências necessárias.

Rendendo homenagens ao delegado da Delegacia Postal Telegráfica Armindo da Costa Rodrigues, *Sintonia* faz também um breve histórico de seus feitos como telegrafista, tendo sido ele oriundo da antiga Comissão Rondon:

Desempenhou suas funções de secretário do antigo Distrito Telegráfico de Belém, homem de visão clara de administrador que durante um período de oito anos, tem sabido manter e argumentar a grandeza daquela obra, seguindo com tino, incomum a rota que idealizaram seus brilhantes antecessores, o que se projeta através de proveitosas realizações, além de conseguir manter um tráfego normal, reconstruir e manter em ótima conservação, aquele colosso, não obstante a exiguidade das verbas que lhe são atribuídas nos orçamentos, o que por si só, representa um valioso atestado de sua capacidade de trabalho.⁷⁰

⁶⁹ MACIEL, Laura Antunes. Cultura e Tecnologia: A constituição do serviço telegráfico no Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 21, nº 41, p. 127-144, 2001.

⁷⁰ *Sintonia*, nº 3. Manaus, mar. 1940, p. 13.

Não restam dúvidas também que os discursos de *Sintonia* estavam alinhados ao processo de mudança no que diz respeito aos investimentos para a melhoria da profissão e da categoria. No terceiro número da revista surgiu a primeira publicação referente a uma reclamação trabalhista dos telegrafistas. A queixa, apresentada em nome do telegrafista Miguel Ferreira, fazia uma crítica contundente às condições de trabalho, agravadas pela Segunda Guerra Mundial, uma vez que os telegrafistas, no esforço de guerra, tiveram suas jornadas ampliadas e, dessa forma, sacrificavam suas vidas em prol da integridade da pátria:

Os telegrafistas não podem sequer gozar de férias ou feriados. E nas horas mortais no silêncio da noite em que a humanidade repousa se refazendo das labutas diárias, o homem do telégrafo, sem o direito de pregar os olhos continua a tarefa do dia, internando-se pelas madrugadas, mal alimentado, sem conforto, limitado a parcos vencimentos arrasado com pesadas e espinhosas responsabilidades. E qual o fim desses míseros trabalhadores? Como prêmio de seu trabalho, tem o bacilo de Kock, preparado para atacá-lo envolvendo-o no manto negro da miséria, jogando-o no desprezo, aposentado ou demitido por sofrer de moléstia, afastado do aconchego da família do convívio dos amigos e dos colegas prisioneiros tocado a ferro e a fogo para o isolamento da vida social, condenado a morte com a voz abafada pela moléstia negra!⁷¹

O depoimento registrado em *Sintonia*, bem como o próprio fato da revista publicá-lo, não deixa de ser interessante também, para que, em paralelo, se abra um breve espaço para refutar, como tem feito a recente historiografia social do trabalho⁷², alguns mitos consagrados acerca das atividades sindicais durante o Estado Novo, dentre eles o suposto silêncio e total cooptação dos trabalhadores ao trabalhismo, em especial por temor diante do poder discricional e da violenta repressão que caracterizaram a ditadura varguista. Marcelo Badaró Mattos propõe também que se relativizem as “interpretações que afirmam a importância dos ganhos materiais dos trabalhadores” naquela conjuntura, e esclarece que:

Especialmente a partir do esforço de guerra, as restrições (declaradas “temporárias”) à legislação trabalhista – suspensão de direitos como férias, aumento autorizado da jornada de trabalho, mobilidade de emprego etc, – criaram uma situação de intensa exploração operária.⁷³

⁷¹ *Sintonia*, nº 3. Manaus, mar. 1940, p. 17.

⁷² FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. *Historiografia, trabalho e cidadania no Brasil*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (Orgs.). *O Brasil Republicano*, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 181-211.

⁷³ MATTOS, Marcelo Badaró. *O sindicalismo brasileiro após 1930*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 22.

Não podemos negar o fato de que o depoimento publicado na revista era extremamente preocupante aos olhos dos leitores. Como a revista atendia a questões classistas e, portanto, nessa fase inicial não tinha ligações políticas claras e estreitas com o regime estadonovista, o seu editor chefe Rigoberto Costa não se preocupava, ao que parece, com possíveis retaliações. O fato é que esse depoimento ecoaria no número seguinte, em uma matéria endereçada para a classe dos telegrafistas e intitulada “*Mais um grito*”.

A matéria traz dois depoimentos de telegrafistas considerados importantes à época, tendo, ambos, funções administrativas destacadas no governo: Alcebíades Moura, era telegrafista e Chefe do Tráfego Telegráfico da Delegacia Regional do Belém-Pará, enquanto Antônio de Souza Barros, também telegrafista, era Chefe do Tráfego Telegráfico da Delegacia do Amazonas e Acre. Deles também a revista fez imprimir as respectivas fotografias.

Dentre os seus inúmeros argumentos da matéria, merece destaque o pedido de amparo do poder público no que diz respeito às leis que regulamentam a remuneração e a segurança, do ponto de vista higiênico e alimentar. A imagem projetada na matéria sobre a carreira de telegrafista está muito aquém da importância que a mesma apresenta para a sociedade e o governo, e, dessa forma, os autores observam que foram recentemente articuladas melhorias para a classe funcional, porém ainda não implementadas. Essa seria a razão pela qual os problemas atuais apresentam os mesmos sintomas que há muito tempo se fazem presentes nas falas da categoria, no sentido de uma necessária intervenção do governo federal.

A grande manifestação dos telegrafistas da Delegacia Regional do Amazonas e Acre era mostrar que existiam duas classes totalmente distintas: a dos *titulados* – verdadeiros funcionários – para que estavam reservadas as regalias constitucionais de leis e direitos; e a dos *extranumerários-mensalistas*, “a legião dos que só tem direito a trabalhar” em troca de uma remuneração muito baixa. Um dos problemas apresentados pela reportagem acerca dessa segregação reside no fato de que as comissões nomeadas pelo governo central para estudar a situação não pertenciam ao quadro organizacional da classe telegrafista e, desta forma, ficavam distantes das reivindicações trabalhistas por não terem nem as experiências, nem a

sensibilidade para com as angústias pelas quais passavam os trabalhadores do ofício.

Os telegrafistas extranumerários-mensalistas, aos quais Rigoberto Costa fazia parte, solicitavam que o Departamento de Correios e Telégrafos criasse uma comissão mista de estudos, integrada por titulares e contratados, para que se pudesse, de uma forma homogênea, ter o conhecimento necessário da miserabilidade dessa legião de trabalhadores à mercê da própria sorte.

Havia uma crença no padrão de justiça do presidente Getúlio Vargas e do presidente do DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público). Estes teriam consideração pela luta dessa classe trabalhista, pois, segundo nota, todos eram conhecedores dos serviços prestados por esses trabalhadores à nação brasileira. Assim, no dia 26 de abril de 1940, os telegrafistas contratados da Delegacia Regional do Amazonas e Acre enviavam, com muita coragem, um apelo ao Sr. Simões Lopes Filho, presidente do DASP, referindo-se à questão das remunerações, conforme Decreto nº 2.412, de 23 de fevereiro de 1938.⁷⁴

1º O DCT do qual fazemos parte é repartição pública onde mais intenso e mais perfeito é o serviço Rádio telegráfico do país.

2º Possuem os operadores de serviço rádio desse departamento em sua grande maioria certificado de rádio telegrafista de 1ª ou 2ª classe.

3º Foram esses certificados obtidos mediante prova de habilitação julgada até 1925 por banca examinadora designada pelo sub-diretor Técnico de Telégrafos, portaria 1852 de 14 de Abril 1930 da então Repartição Geral dos Telégrafos e mais recentemente pela escola de Aperfeiçoamento do atual DCT.

4ª Constam essas provas de habilitação para telegrafista de 1º classe: Portuguez, Caligrafia, Aritmética. Consideradas eliminatórias: Teoria e Prática de elementos de eletricidade, Teoria e Prática de Telegrafia, Conhecimentos práticos para a preparação de aparelhos, Transmissão e Recepção auditiva, Regulamentos e Taxação de Telegramas e por fim, Geografia Geral e inglesa. Para telegrafista de 2º classe o mesmo programa com exceção de língua inglesa.⁷⁵

A remuneração dos telegrafistas no Amazonas segundo a revista era abaixo daquela prevista pela conferência de Madrid. Segundo a regulamentação prevista pelo decreto 2.412, era facultado ao governo fixar o número de exames necessários para a obtenção dos certificados de telegrafista de 1ª ou 2ª classe. Ocorre que, no Brasil, além dos conhecimentos técnicos e práticos, havia a inclusão da língua inglesa oportuna para diferenciar a classe de formação. Na correspondência

⁷⁴ O Decreto promulgava a convenção internacional de telecomunicações, concluída e assinada por ocasião da conferência telegráfica de Madrid, realizada a 3 de setembro de 1932.

⁷⁵ *Sintonia*, nº 4. Manaus, jun. 1940, p. 15.

enviada ao presidente do DASP é possível observar certa indignação dos funcionários telegrafistas com relação a não validação de seus certificados de 1º classe pela falta de conhecimento da língua inglesa, o que impedia a sua ascensão funcional. Acontece que, no referido decreto, não existia nenhum dispositivo taxativo com essa exigência, portanto, havia uma lacuna na remuneração do telegrafista bem como a existência na admissão entre as delegacias regionais e, conseqüentemente, do Departamento de Correios e Telégrafos como exposto na correspondência.

Conseqüentemente são os certificados que definem e caracterizam o radio-telegrafista no Brasil. Sendo os seus possuidores passíveis de todo e qualquer benefício que venha em prol do telegrafista. Percebem os telegrafistas deste Departamento vencimentos que variam de 350\$ a 500\$ mensais. Estão, portanto, em flagrante desigualdade com os rádios-telegrafistas admitidos por este Departamento com remunerações mensais que variam entre 700\$ a 1100\$.⁷⁶

Além das diferenças salariais também foram observadas as diferenças em relação às provas de habilitação para a certificação dos telegrafistas do DCT. Segundo a nota, a exigência de conhecimento dos termos técnicos era bem mais simples do que as concernentes ao trabalho dos telegrafistas do Amazonas, portanto, não se justificava a diferença salarial numa mesma classe para a mesma função.

Para o chefe do tráfego telegráfico do D. R. Amazonas, Antônio de Souza Barros, foram realizadas todas as tentativas de melhorar as condições de vida dos radiotelegrafistas, no entanto, não foi possível sem o apoio político necessário e cobrança incisiva, o fim dos privilégios para os funcionários de uma mesma classe.

Todos os que trabalham em serviço telegráfico são especializados operam em aparelhos ultra rápidos, serviço rádio automático, que trafegando numa velocidade de 150 palavras por minuto exigem um esforço físico exagerado. Achamos com o direito de pedir para sermos enquadrados na escala padrão de salário XIII a XVII das tabelas anexas ao Decreto Lei nº 1109 de 26/12/1939. Solicitamos também estender-se idênticos benefícios a todo aquele que venha possuir o certificado de radio-telegrafista de 1º ou 2ª classe.⁷⁷

O apelo publicado em *Sintonia* parece ter provocado uma sensação de desconforto entre os telegrafistas extranumerários, já que, ao se depararem com diferenças inconsistentes em termos remuneratórios, os funcionários da Delegacia

⁷⁶Idem, p. 17.

⁷⁷ *Sintonia*, nº 4. Manaus, jun. 1940, p. 17.

Geral do Amazonas e Acre, com apoio de Belém e Rio de Janeiro, transmitiram ao chefe do DCT várias ponderações a respeito de melhores condições de trabalho:

Com a devida permissão Sr. Chefe em nome dos radio telegrafistas extranumerários Amazonas Acre pedimos vossa Excia, comunicar nossa solidariedade gesto colegas apresentando nesta data circunstanciada exposição nossa situação Departamento interpretando anseios aspiração toda classe mesmo tempo que suplicamos V. Excia apoio aspiração obreiros quase todos mais uma década de serviço prestado para a causa nacional como verdadeiros sentinelas avançadas na integridade pátria visto que o rádio é o maior fator desenvolvimento expansão do povo. Confiante espírito de justiça sempre presidiriam atos V. Excia depositamos mãos V. Excia defesa justa causa pelos extranumerarios.⁷⁸

Assinaram o documento os telegrafistas da Delegacia do Amazonas a Acre: Edmundo Lins, Rigoberto Costa, Isaac Balbi, Laurelio Paredes, Miguel Pereira e Hildebrando Oliveira. Neste mesmo número da revista, o chefe do DCT, capitão Landry Salles, informa aos telegrafistas e leitores de *Sintonia* que empregará esforços no sentido de amparar a causa pleiteada em prol da melhoria na condição remuneratória dos trabalhadores.

Mesmo que retórico, o comprometimento de Landry Salles, homem forte e de destaque do governo Vargas, não deixa de ser uma vitória à causa dos telegrafistas⁷⁹, mas é possível também que a ousadia do protesto – mesmo que dirigido em tom moderado e com a participação de figuras integrantes do próprio governo – tenha levado o governo local e central a esboçar algum tipo de ação ou reação contra a revista e seu dirigente. Não deixa de ser instigante o fato de que a revista reflua, silenciando sobre a questão nos dois números posteriores.

A continuidade da revista e sua maior regularidade⁸⁰ sugerem que, se mobilização houve, está foi no sentido muito mais da cooptação do que da repressão. No sentido inverso, é possível também levantar a hipótese de que a revista, ao dar vazão a queixas trabalhistas e assumir um tom mais reivindicador, estaria operando uma estratégia de sobrevivência, em que ela própria acenaria no

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Convém também levar em consideração o fato de que, o sucesso político de Vargas, conforme sustenta Marcelo Badaró Mattos, “não correspondeu a uma aceitação passiva da proposta de subordinação sindical”, da mesma forma que a “repressão da ditadura não foi suficiente para calar completamente a capacidade de resistência dos trabalhadores, a partir do momento em que o próprio Estado buscou neles legitimar-se, como indicava a retomada das lutas, ainda antes de 1945”. MATTOS, Marcelo Badaró. *O Sindicalismo Brasileiro Pós-1930*. Op. cit., p. 25.

⁸⁰ Lançando-se como mensário, a revista claramente enfrentava dificuldades para vir à público, publicando apenas quatro números entre setembro/outubro de 1939 e junho de 1940, quando deveria ter editado dez números.

sentido de sua cooptação. De resto estratégia largamente empregada até os dias atuais por muitos empreendimentos jornalísticos.

Para Rêgo e Moura a posição de destaque ocupada pelo jornalismo faz com que ele estabeleça condições de poder, pautar o público, forme opiniões e influencie o imaginário simbólico coletivo ⁸¹. Tendo em vista esse poder ideológico que os meios de comunicação carregam, o Estado Novo se utilizou em larga escala da imprensa para divulgar seus ideais, barrar informações que não eram convenientes para o Estado e adequar o conteúdo veiculado à nova conjuntura política, econômica e social. Com efeito, o processo todo já havia sido descrito de forma lapidar por outros pesquisadores e intelectuais ligados à imprensa, como Freitas Nobre, para quem “No período de 1937-1945, foi grande o número de jornais, revistas e panfletos fechados por determinação do executivo e grande também o número de jornalistas presos por delitos de imprensa” ⁸². Nelson Werneck Sodré, por sua vez, complementa a pintura do quadro ao afirmar:

A ditadura criou órgão específico, o Departamento de Imprensa e Propaganda, chefiada por Lourival Fontes, segundo o modelo nazista; o famigerado DIP controlava a imprensa e o rádio e baixava listas de assuntos proibidos. Nos Estados, foram instalados os Departamentos Estaduais de Imprensa, DEI, que faziam o mesmo serviço; “nos dias mais agudos da ditadura, esse controle de imprensa destacava censores em cada jornal e nenhum original descia às oficinas sem o ‘visto’ do fiscal do governo...” Os jornais passaram, assim, por gosto ou a contragosto, à servir a ditadura. ⁸³

Junto com as queixas e protestos veiculados por *Sintonia* em sua edição de junho de 1940, a revista fez publicar também matéria de grande importância para os telegrafistas do Amazonas, já que tratava da ampliação do quadro do funcionalismo da Diretoria Regional dos Correios e Telégrafos do Amazonas, através da realização de um concurso público. Rigoberto Costa havia participado do concurso e, curiosamente, havia ficado em último lugar na classificação para a sua área de radiotelegrafia.

Com efeito, na Delegacia Regional do Amazonas foram realizadas provas para vários cargos da repartição na carreira de extranumerário-mensalista. As provas foram realizadas nos períodos de 30 de março a 17 de abril. Outros cargos oferecidos tiveram maior concorrência, sendo um dos mais disputados o de

⁸¹ MOURA, R. Leal; RÊGO, Ana Regina. Nazismo e Fascismo nas páginas da revista *O Cruzeiro*. Op. cit.

⁸² Apud SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 381.

⁸³ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Op. cit., p. 381-382.

Praticante de Escritório, seguido do cargo Praticante do Tráfego, Rádio Telegrafista, Servente, Mensageiro e Auxiliar de Tráfego.

Seja como for, a partir do quinto número da revista, é possível observar o início de uma guinada em direção à uma crescente valorização e apoio das ações governamentais, inclusive sobre temas e questões relacionadas à radiotelegrafia. A *Sintonia* de Rigoberto Costa começava a afinar-se mais pontualmente com o dístico “ordem e Progresso” retomado pelo Estado Novo. Suas colunas e matérias voltam-se para o destaque das transformações, do desenvolvimento e do progresso. Desta forma, o periódico fara eco das palavras do diretor regional do tráfego telegráfico do Amazonas e Acre, Waldemar Tavares Werneck, para quem o governo federal havia investido na melhoria das linhas telegráficas bem como em suas instalações, proporcionando maior segurança e conforto aos telegrafistas.

Com efeito, de acordo com as matérias publicadas por *Sintonia* em sua edição de setembro de 1940, as reivindicações salariais dos telegrafistas extranumerários, que haviam sido encampadas e reverberadas pela revista, resultaram, enfim, contempladas pelo governo federal.

A própria revista publicaria, sob ordem do DASP (Departamento Administrativo do Serviço Público), a notícia pela qual todos esperavam: o Decreto-lei nº 1.909⁸⁴, estabelecia normas jurídicas para os telegrafistas extranumerários, finalizando as controvérsias salariais expostas pelos telegrafistas do Amazonas e Acre, uma vez que assegurava a promoção e a classificação dos telegrafistas, estabelecendo-se carreiras respectivas com a escala padrão de salário que era devida. Nas palavras de *Sintonia* “o ato do governo, vem sobremaneira concretizar as aspirações daqueles serventuários pelo que, os que trabalham nesta casa se sentem satisfeitos em transmitir parabéns a todos”.⁸⁵

Ainda um último questionamento emergiu dos telegrafistas do Amazonas e Acre, desta vez como decorrência da publicação do Decreto-lei 1.909. A queixa, encaminhada diretamente ao DCT dizia respeito à classificação de *motoristas* como *telegrafistas*. Segundo nota publicada, um decreto de 1º de junho de 1936, igualava as distintas funções em um mesmo padrão salarial. No entanto, o decreto 1.909, estabeleceu carreiras e padrões salariais distintos para as distintas funções.

⁸⁴ Dispõe sobre as escalas de salário dos extranumerários-mensalistas, sobre o pagamento do pessoal extranumerário da União e dá outras providências.

⁸⁵ *Sintonia*, nº 7. Manaus, set. 1940, p. 18.

Pediam readaptações funcionais, já que haviam 23 motoristas lotados na função de *telegrafistas*, número que seria suficiente para atender com regularidade os encargos do tráfego telegráfico.

A suavização das críticas foi acompanhada de um sensível esmaecimento nos temas e nas questões relacionadas ao telégrafo e aos telegrafistas. Mesmo antes de tirar seu décimo número aquele programa editorial parecia ter estar fadado a ficar no passado. Essa mutação ganha corpo quando da publicação do 11º número, quando então o subtítulo “*A Revista dos Telegraphistas do Amazonas*” sai da capa, embora ainda vá aparecer na página do editorial. Nesse mesmo número, Rigoberto Costa passa a se apresentar como o proprietário da revista e não mais como diretor, ou editor-chefe. A mutação parece completa com a publicação dos números 19 e 20, em dezembro de 1941, já que a associação com os telegrafistas desaparece de uma vez por todas.

Não podemos dizer que Rigoberto Costa falhou em seus propósitos relacionados à categoria a qual pertencia. É possível acreditar em suas tentativas e seus propósitos, mas é inegável que as dificuldades advindas com a manutenção do empreendimento jornalístico o fizeram trilhar caminhos diferenciados e não planejados, adaptando-se para sobreviver, mesmo que isso significasse a cooptação e colaboração direta com a ideologia e o programa do Estado Novo.

Ao fim de um ano de existência, *Sintonia* parecia consolidada como uma empresa de caráter exclusivamente particular. Abandonar a pauta dos telegrafistas e adotar perspectivas mais amplas possibilitava dialogar com um público mais amplo, o que favoreceria sua manutenção. Além do mais, para garantir sua circulação, era necessário gerar renda, comercializando os espaços reservados para os anunciantes em troca de capital, em conjunto com as vendas e assinaturas, gerando lucro capaz de sustentar as próximas edições.⁸⁶

Resta esclarecer que isso nem sempre ocorreu, em especial nos primeiros números. Observamos que nas três primeiras edições ocorreram variações importantes na padronização tanto no número de páginas, quanto no de anunciantes e seus espaços. A retração no número de páginas tinha ligação direta

⁸⁶ Conquistar assinaturas significava, dentre outras questões, a garantia da existência da publicação, pelo menos por um ano, já que “*a venda adiantada de um número razoável de assinaturas era a estratégia fundamental de sua sustentação financeira*”. CRUZ, Heloisa de Faria. *Na cidade, sobre a cidade*. Cultura Letrada, Periodismo e Vida Urbana. São Paulo 1890-1915. Tese de Doutorado em História. São Paulo: USP, 1994, p. 56.

com a carência e o alto custo do papel e isso era externado na revista. Dessa forma, não foi possível manter as 35 páginas do primeiro número. Com relação aos anunciantes também se verificou retração sistemática, saindo-se dos 36 anúncios no primeiro número, para 33 no segundo e 27 no terceiro. Neste particular, o problema parece resultar tanto da falta de credibilidade dos comerciantes em relação a periodicidade irregular da revista e, em especial, à falta de espaços para a divulgação publicitária, já que houve sensível diminuição dos espaços disponíveis para os anúncios. Estes começaram a ser publicados em dimensões menores e em uma concentração de apenas quatro a cinco páginas, desagradando grande parte dos comerciantes.

Como mencionado, em suas primeiras edições, *Sintonia* não apresentou regularidade em sua circulação, e isso incomodava seriamente Rigoberto Costa. Em nota divulgada pela revista, o problema apresentado estava relacionado a divergências com a empresa que confeccionava a revista, a livraria Normalista⁸⁷ que neste momento estava sem profissionais tipógrafos para a execução do trabalho, como também sofria carência de papel. A principal preocupação com relação ao atraso estava relacionada com a publicidade das empresas colaboradoras, já que estas compunham 50% das publicações.

Os senhores anunciantes terão a máxima garantia na propaganda que a ela confiarem: 1º pela regularidade da publicação; 2º pela tiragem de 1500 exemplares que será aumentada tão logo cesse a carência de papel; 3º pelo preço módico de cada exemplar; 4º pelos recebimentos feitos exclusivamente mediante comprovantes, etc.⁸⁸

As colunas jornalísticas também ficaram menores, descaracterizando sua função de levar as potencialidades da *“Amazônia para o Brasil”*, como gostava de alardear seu idealizador. Rigoberto Costa vivenciava um dilema com a diminuição da publicidade, pois o serviço gráfico para confecção de *Sintonia* era, como vimos, terceirizado, já que ele não dispunha de maquinários próprios. A carência de papel era decorrente da ausência de capital e era um grave problema a ser enfrentado

⁸⁷ A Livraria “A Normalista”, localizada na Avenida Sete de Setembro, no centro da cidade, existia desde as primeiras décadas do século XX e foi consumida por um grande incêndio em 1962. Segundo relatos de um periódico da época, no mesmo dia do incêndio, o prefeito Josué Cláudio disse em nota que tudo fora “consumido qual só restaram cinzas, ruínas, escombros, ameaça de desabamento das paredes e prejuízos totais para a firma proprietária”. *O Jornal*, Manaus, 19 mar. 1962.

⁸⁸ *Sintonia*, nº 5. Manaus, jul. 1940, p. 8.

por ele. Diante dessa situação, qual era o caminho a ser percorrido para a resolução do problema?

Com relação aos custos do papel, a historiografia da imprensa tem enfatizado que este era um poderoso instrumento de controle a disposição do Estado. O Decreto-lei nº 1.938, de 30 de Dezembro de 1939 dispôs sobre a isenção de taxas alfandegárias na importação do papel utilizado pela imprensa. Considerava-se a imprensa como um órgão formador da consciência popular e, nesse sentido, ela “exercia função de caráter publico”. Ainda segundo o decreto-lei, as isenções e “justos favores” concedidos à imprensa deveriam ser regulados para que fosse produzido o máximo de benefícios para a coletividade.⁸⁹

Sobre esse assunto podemos encontrar em *Sintonia* uma nota oficial esclarecendo tal decreto:

Sobre o registro de jornaes e revistas e a importação de papel para a imprensa o Presidente Getúlio Vargas, assinou um decreto regulamentando as obrigações das empresas, o funcionamento das companhias importadoras e fornecedoras de papel bem como da fiscalização e penalidades, tendo em vistas as medidas estabelecidas em decreto anterior para a concessão de favores as empresas jornalísticas do Paiz.⁹⁰

O problema em relação ao papel já havia se tornado uma grande preocupação para o presidente do Conselho Nacional de Imprensa que, em nota publicada na própria revista – em coluna intitulada “*Cousas da Trintena*” –, fazia uma exposição sobre as dificuldades encontradas pelos periódicos e jornais do interior sobre a alta crescente do papel.⁹¹

Sobre o olhar atento do historiador uma pergunta se faz necessária para o momento. Nos oito primeiros meses de vida apenas três edições, carência de papel e, por fim, falta de espaços para a publicidade. O que fez *Sintonia* em seu segundo ano de existência conquistar a periodicidade tão almejada por Rigoberto Costa?

Segundo Hosenildo Gato Alves, Rigoberto Costa havia entendido qual era a política de favores citada pelo decreto 1.938, de dezembro de 1939 e, para prosseguir com seu empreendimento, procurou manter um relacionamento cordial

⁸⁹ LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 173.

⁹⁰ *Sintonia*, nº 3. Manaus, mar. 1940.

⁹¹ Idem.

junto ao Presidente Getúlio Vargas ⁹². Essa possibilidade se verifica pelo envio de um telegrama de felicitações natalícias. O telegrama foi publicado pela revista juntamente com uma grande homenagem.

O Presidente Getúlio Vargas e o nosso diretor:

Por ocasião do aniversário do Exmo Snr Presidente Getúlio Vargas, a 19 de Março ultimo acontecimento marcante que todo o paiz comemorou justa e festivamente, a quem, hoje homenageamos em nossa capa, o nosso prestigioso diretor odontolando Rigoberto Costa, dirigiu aquele mais alto "pivot" da nação o seguinte despacho radiográfico.

"Presidente Getúlio Vargas – Palacio Catete – Rio – Em nome Sintonia Revista Telegrafista no meu próprio envio mais afetuoso parabéns data do vosso natalício motivo satisfação todo bom brasileiro se orgulha um Brasil novo forte cujo ressurgimento grandeza se deve vosencia. Respeito abraço – Telegrafista Rigoberto Costa – Diretor". ⁹³

Mais do que isso, a revista noticiará também o recebimento de uma resposta de Vargas, aproveitando para apresenta-la como exemplificadora das íntimas relações entre seu editor-chefe e o mandatário da nação:

O chefe da Nação endereçou ao nosso diretor, um expressivo cartão, cujos termos nos deixaram sobremodo sensibilizados e bem revelara a maneira lhana e cordial que caracterizam todos os gestos do grande presidente, além da estreita relação que o supremo chefe procura manter não só com os homens de imprensa senão com todos os cidadãos que sabem compreender a grandeza de sua obra reconstrutora da nossa nacionalidade. ⁹⁴

Como se observa, as palavras sugerem conclusões lógicas de colaboracionismo entre as partes, mostrando claramente que a revista estava disposta a cooperar com os princípios ideológicos do Estado Novo, para que em troca as regalias sobre a importação do papel fossem concedidas. O que pudemos observar depois deste quarto número foi o início de uma rigorosa periodicidade. A padronização em números de páginas não era perfeita, mas regular e o que mais chamou a atenção foi que o número de anúncios publicitários diminuiria para uma média de apenas 23 por edição. Além disso, Rigoberto acalentou a expectativa de tornar seu empreendimento quinzenal e até mesmo semanal. ⁹⁵

⁹² ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e Poder*. Op. cit., p. 93.

⁹³ *Sintonia*, nº 4. Manaus, jun. 1940.

⁹⁴ Idem

⁹⁵ *Sintonia*, nº 5. Manaus, jul. 1940.

Dessa forma, *Sintonia* entronizava-se cada vez mais com o sistema e se tornava “oficialmente” ⁹⁶ mais uma peça na engrenagem de transmissão da ideologia do poder, passando a divulgar sem rodeios os grandes feitos governamentais e a fazer a apologia de Vargas.

1.2 Transpondo Fronteiras: Da Amazônia para o Brasil Inteiro!

O sucesso de uma revista, segundo Ana Luiza Martins, depende de suas “incríveis estratégias” e, sendo a mais importante o condicionamento do leitor a continuidade de seu consumo. Desta maneira, era fundamental criar mecanismos para torná-lo dependente de sua leitura e para que houvesse a certeza de sua conquista. ⁹⁷

Como mencionamos, a revista *Sintonia* surgiu em setembro/outubro de 1939 e, inicialmente, propunha-se a ser uma revista de periodicidade mensal, mas não conseguiu manter essa regularidade, nem tampouco apresentou uma padronização em relação ao número de páginas. Produto idealizado por Rigoberto Costa buscava em primeiro lugar a simpatia do público local. Não são poucas as palavras de engrandecimento desse projeto que para muitos seria impossível de se consolidar. A sua identificação com a categoria dos telegrafistas foi, como se viu, igualmente inevitável, mas sua sobrevivência parecia depender da adoção de perspectivas mais abrangentes que as do projeto inicial.

Seu programa, presente em todos os exemplares, desde o início alimentou algumas perspectivas mais ousadas e, desta forma, não se voltava exclusivamente ao público amazonense, almejando ser vendida e lida no Brasil inteiro, fazendo, todavia, a propaganda da região. Por esse motivo passou a incorporar com ênfase o dístico “*Uma Revista da Amazônia par o Brasil Inteiro*”, que apenas se insinuava nos

⁹⁶ O registro oficial de *Sintonia* somente se dará em maio de 1941, momento em que a revista tirava seu décimo quarto número.

⁹⁷ As estratégias são caracterizadas por alguns atrativos que possibilitam a aquisição do periódico pelo leitor. Martins destaca dois exemplos significativos. O primeiro foi o da revista *France-Brésil*, que solicitava apenas o endereço para remessa do exemplar gratuito ao leitor, provocando, assim, a dependência pelo periódico. O segundo exemplo e o mais sólido foi o da revista *Chácaras e Quintais*, na qual, em suas primeiras páginas, sucediam-se várias opções para assinatura, facilitadas pelo prospecto encartado, com apelos aliciantes que conformavam a excelência da publicação e acenavam com almanaques e outros brindes. MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Op. cit., p. 229-230.

primeiros, esgueirando-se por entre seus editoriais. Já com o décimo terceiro número, é visível a percepção de que o dístico transformara-se em subtítulo, expondo mais claramente a ambição dos seus idealizadores.

Ao assim proceder, *Sintonia* reproduzia, dessa forma, experiências já tentadas com certo sucesso nas décadas anteriores, em especial os empreendimentos jornalísticos levados a cabo por Clóvis Barbosa, editor de pelo menos três importantes revistas: *Redenção*, *Equador* e *A Selva*.⁹⁸

Para Rigoberto, era necessário primeiro consolidar a revista no próprio Amazonas obtendo “a confiança no terreno das classes e no terreno das letras”⁹⁹. Foi possível identificar nas palavras dos editores de *Sintonia* que esse propósito havia se tornado realidade – ou pelo menos caminhava nesta direção – quando ocorreu o lançamento do terceiro, em março de 1940, momento em que começam a ser registrados diversas opiniões positivas em relação; e, claro está, tais opiniões eram divulgadas como uma forma de mostrar a solidez do empreendimento:

Bem colaborada, ofertando páginas de literatura sadia, em prosa e verso, de parceria com artigos sobre rádio, radiotelephonia, com seções técnicas e especializadas, repleta suas páginas de farto serviço de fotogravura. Sintonia está bem apresentada, em seu número inicial. Desejamos longa vida à Sintonia, que é uma revista da Amazônia para o Brasil inteiro, como diz seu programa. (*O Jornal e Diário da Tarde*, novembro de 1939).

Oferecido pelo director, sr. Rigoberto Costa, acha-se sobre nossa mesa de trabalho o primeiro numero de Sintonia, revista dos telegrafistas desse estado. Trata-se de um mensário ilustrado, cujo programa não se limita somente aos interesses da classe, antes abrange tudo o que diz respeito ao movimento nacional. (*Jornal do Commercio*, 3 de novembro de 1939).¹⁰⁰

Os agradáveis comentários da imprensa local foram recebidos como um julgamento necessário no encorajamento para a continuidade dos propósitos editoriais da revista. No entanto, a permanência da publicação não dependia somente de belas palavras da imprensa, mas de uma estrutura de produção e difusão capaz de consolidá-la no cenário editorial. Inicialmente, a redação de *Sintonia* estava situada à Rua Duque de Caxias, num bairro próximo ao centro de Manaus. As informações que colhemos relatam que a sede administrativa era

⁹⁸ CORREIA, Fabiana Libório. *Janelas do Mundo: Revistas de Variedades em Manaus (1900-1950)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010, 144p.

⁹⁹ *Sintonia*, nº 3. Manaus, mar. 1940, p. 8.

¹⁰⁰ *Sintonia*, nº 3. Manaus, mar. 1940, p. 8.

alugada, bem como todo o aparato gráfico de produção da revista (maquinários, por exemplo), o que inviabilizava ou pelo menos limitava sua periodicidade.

Um dos fatores que chamou mais atenção, em especial até a saída do quarto número da revista, foi a enorme centralização das atividades em torno da figura de Rigoberto Costa. Acumulando várias funções: escrevia o editorial e matérias, selecionava os textos a serem publicados, procurava os anunciantes, definia a diagramação e a edição e, por fim, cuidava pessoalmente das vendas.

Escassez de recursos financeiros – não era realmente um homem de posses – e certo amadorismo, em meio a um desejo incontido de viabilizar um sonho antigo, foram certamente os motivos que o levaram a esses extremos. Porém, a partir de seu quinto número, a revista ganha novos personagens, como Hildebrando de Oliveira, que passou a ocupar o cargo de redator-gerente, dando à *Sintonia* um novo estímulo, empenhando-se pelo aparecimento pontual do periódico, fundamental perante “os cooperadores comerciais”:

Hildebrando de Oliveira, que, pelo seu valor e capacidade produtiva tem se tornado merecedor de justas homenagens no corpo de dirigente dessa revista, desde quando cooperava como simples colaborador firmando-se ultimamente na gerência: Foi naquele dia alvo da mais carinhosa manifestação não só do corpo redacional como de grande parte de número de colegas e amigos, o que registramos com satisfação fazendo assim a justiça que merece o acontecimento tão grato para os que trabalham nesta modesta publicação.¹⁰¹

Uma das novidades anunciadas por Hildebrando de Oliveira foi a abertura para contratação de agentes no interior do Estado, encarregados da divulgação da revista, a aquisição de assinaturas e também a venda de anúncios publicitários. Segundo nota publicada, os agentes não precisavam ser telegrafistas, porém, como requisito, era necessário ter boa comunicação e ser bem “*apessoado*”. Os nomes dos primeiros colaboradores aparecem na publicação de setembro de 1940, neles verificando-se a presença de alguns agentes telegrafistas¹⁰².

A construção dessa teia de colaboradores – na verdade funcionários contratados pela revista – permitiu que já nesse momento a revista chegasse aos mais importantes municípios do Estado, como de Itacoatiara (Sr. Souza Filho), Parintins (Sr. Sergio Rodrigues), Humaitá (Telegrafista Manoel de Souza Rodrigues), Fonte Boa (Sr. Oseas Martins), Manacapuru (Dr. Francisco Carvalho

¹⁰¹ *Sintonia*, nº 7. Manaus, set. 1940, p. 12.

¹⁰² *Sintonia*, nº 7. Manaus, set. 1940, p. 12.

Pires), Maués (Telegrafista João Oliveira) e Prainha, no Rio Aripuanã (Sr. Belarmino Belo) e Porto Velho (Sr. Antônio Alves da Rocha).

As primeiras revistas também chegaram a outros Estados por meio dos agentes, chamados aqui de *viajantes*, e, em alguns casos, por meio dos próprios telegrafistas das delegacias regionais do Departamento de Correios e Telégrafos contribuíram para essa projeção. Assim, timidamente, a revista chegou, ainda em 1940, ao Mato Grosso (Vila Murtinho - Sr. Manoel Batista Sales Sobrinho), Pará (Belém - Sr. Tito Lívio de Castro), e Rio Grande do Norte (Assú - Sr. José de Castro), além do Território do Acre (Vila Feijó - Telegrafista Archelau Ribeiro da Silva).¹⁰³

A lenta ampliação de sua abrangência, sinalizava um engajamento com os ideais traçados em artigo de fundo – “*Ao nosso surgimento*” – já no primeiro número e que preconizavam o enfrentamento de luta contínua e insistente contra os obstáculos que separavam o empreendimento jornalístico de seu sucesso e consolidação.

Essa referência aos dilemas e dificuldades no surgimento da revista estará presente em pelo menos quinze edições da revista. Os textos eram, na verdade, uma repetição fidedigna do primeiro editorial de *Sintonia*, dando ênfase, principalmente, à luta contra o pessimismo e descrença com relação à existência da própria revista. Em contraste, a imagem que Rigoberto produz de si mesmo estará sempre associada a sua capacidade de trabalho e persistência para a divulgação das potencialidades da Amazônia.

Apesar dos tropeços iniciais, a iniciativa um tanto quanto ousada de *Sintonia* amplificava a importância de Rigoberto Costa e, de fato, ele foi angariando admiradores. Assim, como sustentam Heloísa Cruz e M^a do Rosário Peixoto, “é no processo de produção da publicação que o grupo se constitui enquanto agente ativo, constituindo ao mesmo tempo aliados e adversários”.¹⁰⁴

Os apoios mais explícitos vinham do próprio no seio da imprensa amazonense do período. Esta, por seu turno, diferente do que fora outrora, quando se mostrou pujante e diversificada atraindo inclusive a colaboração estreita de

¹⁰³ A revista não traz informações referentes ao quantitativo de assinaturas vendidas ou anunciantes que pagaram pela publicidade. Também não foi possível identificar o perfil de cada agente, pois, a revista faz referências apenas aos nomes de cada um. Acreditamos que por sua associação à classe dos telegrafistas, a grande maioria estava inserida dentro dessa própria categoria.

¹⁰⁴ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário. Na Oficina do historiador. Op. cit., p. 265.

intelectuais do sul do país (João Leda, Arthur Azevedo, dentre outros) ¹⁰⁵ –, havia sentido fortemente a retração provocada pela crise da economia de exportação da borracha e, desta forma, retraíra-se igualmente a poucos títulos, por sua vez, animados por um conjunto bastante modesto, numericamente falando, de jornalistas.

Carlos Mesquita, editor-chefe de um dos maiores e mais importantes diários de Manaus, fazia o elogio a Rigoberto, asseverando suas qualidades, em oposição a esse contexto amesquinhado (em diversos sentidos) em que a imprensa no Amazonas se encontrava:

Sempre admirei os homens de iniciativa quando se trata então de iniciativas jornalísticas, num meio onde tudo é hostil, desde o leitor ao impressor, a iniciativa torna-se espinhosa, difícil mesmo de levar a cabo; Não é qualquer um que se arroja a publicar um periódico com possibilidades de vencer. Para isso fazer tornar-se necessário, pelo menos que o indivíduo, possua um ideal e que seja decidida e abertamente, alheio e contra a chantagem. O comércio de Manaus já está farto de receber “furos” de revistas hipotéticas e de jornalecos de meninotes irresponsáveis. ¹⁰⁶

As duras palavras de Carlos Mesquita batiam forte no amadorismo e oportunismo que grassavam no meio jornalístico de então, deixando claro que a credibilidade de um empreendimento jornalístico dependia, em grande medida, da seriedade de seus animadores e de sua capacidade de sobreviver em meio ao quadro adverso. Em seu discurso/desabafo, Mesquita exemplificava a situação denunciando as “*revistecas*” que não iam além do segundo número, desaparecendo sem dar explicações aos seus anunciantes e a todos àqueles que compraram assinaturas. Para ele, isso era ainda mais grave no interior do Estado e por isso vê as populações que ali residiam como as principais vítimas do “conto do vigário”, causado por aqueles empreendimentos.

Fugindo da efemeridade *Sintonia* (e seu proprietário) se firmavam no seio da sociedade amazonense, e, desta forma, ganhando fôlego para avançar em direção a novas localidades ao longo do território nacional. Nesse processo de expansão, nos parece que a estratégia utilizada foi basicamente a da identificação de parcerias – o que o ambiente corporativo da radiodifusão propiciava – nessas diversas localidades, oferecendo *brindes* para os agentes mais produtivos.

¹⁰⁵ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e periodismo no Amazonas (1880-1290)*. Tese de Doutorado em História. São Paulo: PUC, 2001.

¹⁰⁶ *Diário da Tarde*. Manaus, 27 nov. 1940.

Segundo Ana Luiza Martins, para se consolidarem diante dos leitores, muitas revistas se utilizavam da estratégia de distribuição gratuita de exemplares e brindes¹⁰⁷, intensificando o consumo da mesma em todas as partes do Brasil. No entanto, essa não foi a única estratégia utilizada pela revista amazonense, já que a pesquisa demonstrou anúncios com informações de colaboradores apresentados como *viajantes*. O responsável pelas viagens na estrada de ferro Madeira-Mamoré era o telegrafista Antônio Lima e pelos rios da Amazônia¹⁰⁸ era o também telegrafista Alarico Bonates. Outros *viajantes* mencionados – fazendo linha para outras localidades no Brasil – foram Luiz Rodrigues de Oliveira, Alfredo Moacyr Pinheiro e Pedro Mendes Ferreira. É possível que esta estratégia oportunizasse a ação de *caixeiros viajantes* – sempre tão referenciados na literatura do período –, fazendo incluir a revista entre os itens de negociação.

O Estado com maior crescimento nas vendas para novos assinante foi Mato Grosso, muito embora não tenha sido possível quantificar em detalhes. Porém, se analisarmos a quantidade de agentes da região, é possível chegar a essa conclusão. Com efeito, fazendo um rápido comparativo das informações sobre as localidades alcançadas no Estado do Mato Grosso, percebe-se que em setembro de 1940 havia apenas a Vila Murinho; enquanto em dezembro do mesmo ano, aparecem Guajará-Mirim, Presidente Marques, Jaci Paraná, Arikemes, e, por fim, Jarú. A curiosidade é que todos os pequenos vilarejos tinham como representantes telegrafistas ligados à Delegacia Geral de Porto Velho. Além de Mato Grosso, o Estado de Alagoas (Maceió) e Estado do Ceará (Fortaleza) também contavam com representação da revista.

O acesso aos ofícios recebidos pelo editor permite concluir que a certeza da “vitória” era a realização de um desejo particular de Rigoberto Costa, que havia sido compartilhado com seus colegas telegrafistas e fora reconhecido por grande parte do país. *Sintonia* recebeu pelo menos vinte ofícios e quatro cartas, todos contendo mensagens de felicitações e agradecimentos pela divulgação do trabalho.

Em uma dessas cartas, Sebastião Junior membro do *O Jornal* – um dos maiores e mais antigos diários da capital amazonense –, cumprimentava Rigoberto

¹⁰⁷ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Op. cit., p. 229-230.

¹⁰⁸ Neste momento, outras localidades do interior do Amazonas passaram a ser alcançadas pela revista, como Boca do Acre, Manicoré, Lábrea, Tefé e Fortaleza, esta última, um vilarejo localizado no Rio Abunã.

Costa e Hildebrando de Oliveira pelo desejo de elevar o índice cultural dos telegrafistas da região amazônica, além de considerar a revista “*surto de renovação moral*” que emergiu como consequência do Estado Novo.¹⁰⁹

Os ofícios encaminhados para a redação geralmente apresentavam um teor de gratidão pelo envio “cordial” – mas não ingênuo, como vimos! – de exemplares da revista e vinham de um amplo espectro de segmentos sociais. O editor de *Sintonia* também distribuiu exemplares para instituições culturais, como arquivos e bibliotecas de vários Estados, seguramente buscando dar maior visibilidade a revista entre diversos círculos letrados. Veja-se alguns exemplos deste último caso:

Agradeço-lhe pela cativante gentileza da oferta de um exemplar do número dois da excelente revista SINTONIA. Peço-lhe aceitar as mensagens do meu alto apreço – brasileiras saudações.¹¹⁰

Tenho a grata satisfação de acusar o recebimento dos números 1, 2 e 3 da conceituada revista SINTONIA, referente aos meses de setembro, outubro e dezembro de 1939 e março do corrente ano e que V. S. se dignou de enviar a esta repartição. Com os melhores agradecimentos pela gentiliza da apreciada oferta, solicito a aquiescência de V. S. no sentido de continuar a distinguir esta diretoria com a remessa permanente daquele útil e esplendido mensário.¹¹¹

Acuso o recebimento e agradeço a remessa da interessante revista SINTONIA de março de 1940.¹¹²

É possível perceber através dos ofícios que algumas bibliotecas públicas suplicavam pelo recebimento de todos os números para que fosse possível completar toda a coleção devido à grande procura dos usuários ou até mesmo pelo empenho em conservar parte da História do Brasil.

Comunicamos o recebimento dos números 4 e 5, ano I, dessa revista, venho manifestar aqui o meu profundo reconhecimento pela remessa dos referidos números, a fim de completar a coleção suplico-vos a remessa dos números 1 a 3.¹¹³

Recebi os números 4 e 5 da revista SINTONIA, tendo a mesma despertado interesse dos nossos consultantes, rogo a V. S. a fineza de nos

¹⁰⁹ *Sintonia*, nº 13. Manaus, abr. 1941.

¹¹⁰ Ofício de Lupion Quadros, datada de 16 de fevereiro de 1940, em nome da Biblioteca Municipal de Curitiba. *Sintonia*, nº 13. Manaus, abr. 1941.

¹¹¹ Ofício de José Joaquim G. de Pina Filho, datada de 31 de julho de 1939, em nome da Diretoria da Biblioteca e Arquivo Público de Mato Grosso. *Sintonia*, nº 13. Manaus, abr. 1941.

¹¹² Ofício de C. de Paiva Leite, 1º bibliotecário, em nome da Diretoria de Arquivos e Biblioteca Pública da Paraíba, datada de julho de 1940. *Sintonia*, nº 13. Manaus, abr. 1941.

¹¹³ Ofício de Alfredo Pinto, diretor, datado de 25 de setembro de 1940, em nome da Biblioteca Pública de Aracajú. *Sintonia*, nº 13. Manaus, abr. 1941.

enviar os números 1, 2 e 3, bem como manter a remessa regular da dita publicação.¹¹⁴

Os instrumentos de divulgação da revista acabaram se convertendo, como era comum à época, em ações de reciprocidade dos signatários. As homenagens não eram constituídas somente pelos homens das bibliotecas públicas, mas, também, de homens letrados e até das representações sociais. Benedita Lima¹¹⁵ em 22 de agosto de 1940 acusava o recebimento do quinto número da revista e, através do ofício expressava o desejo dos professores pela continuidade do recebimento de *Sintonia*, desejando assim a sua assinatura.

Do Estado da Bahia veio a solicitação de assinatura do Juiz de Direito, Pedro de Oliveira, após o mesmo ter recebido gratuitamente um exemplar do primeiro número. Sua admiração se construiu pela honra dada a classe dos telegrafistas do “colossal Estado do Amazonas”.

A utilização do termo “transpondo fronteiras” sintetiza o processo de expansão e difusão da revista *Sintonia* em direção aos espaços mais amplos que o contexto de sua produção. Extrapolando o circuito local e regional, *Sintonia* chegou a diversas localidades do país¹¹⁶ e foi além, alcançando leitores também no exterior:

A fim de atender a um pedido urgente do nosso cliente dos Estados Unidos da América do Norte, que deseja conhecer a sua conceituada publicação, solicitamos-lhe o obséquio de nos enviar, pela rota do correio, 4 exemplares de amostra e igual número de tabela de preços de anúncios. Antecipando-lhe os nossos melhores agradecimentos pela atenção que a essa dispensar, firmamo-nos, muito cordialmente.¹¹⁷

O interesse do “cliente americano” parece afinado com as questões que se colocavam para o ambiente amazônico da época, em especial pelo fato da região ver-se novamente mobilizada para a produção de borracha, como parte dos “Acordos de Washington”, que firmaram o ingresso do país no conflito mundial e a consequente adesão aos Aliados, o que, de resto, impôs ao Brasil, dentre outras

¹¹⁴ Ofício de Rubens Borba de Moraes, diretor, datado de 21 de outubro de 1940, em nome da Biblioteca Pública Municipal de São Paulo. *Sintonia*, nº 13. Manaus, abr. 1941.

¹¹⁵ Secretária da Sociedade Amazonense de Professores de Manaus.

¹¹⁶ Além dos ofícios citados, registrou-se ainda o recebimento da revista pela Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul, Biblioteca Pública do Estado do Maranhão, Biblioteca Pública de Maceió, Biblioteca e Arquivo Público de Belém e por fim, o Instituto Histórico e Geográfico do Pará, dentre outros.

¹¹⁷ Ofício de Júlio Cosí, Diretor da Empresa de Publicidade Eclética Limitada, sediada em São Paulo, datado de 10 de março de 1941. *Sintonia*, nº 13. Manaus, abr. 1941.

coisas, o esforço de guerra capaz de suprir as indústrias norte-americanas de borracha, em função da ocupação dos seringais asiáticos – então em poder dos ingleses – pelas forças japonesas.¹¹⁸

Sintonia é, portanto, contemporânea da chamada *Batalha da Borracha*, e de um novo (e rápido) surto de desenvolvimento econômico que, como no passado, atraiu o interesse e a presença do capital estrangeiro e de seus agentes para região. Se em finais do século XIX e início do XX foram os ingleses os agentes prioritários dessa expansão, neste segundo momento, são os norte-americanos que ganham centralidade no processo.¹¹⁹

Falando para um público mais amplo, *Sintonia* assumia agora, e sem rodeios, seu novo dístico – “*uma revista da Amazônia para o Brasil inteiro*”! – projetando edições maiores do que os 1.500 exemplares dos primeiros números. Mas como era estruturado seu projeto gráfico-editorial? Como ela organizou, selecionou e priorizou seus temas e conteúdos, e como veiculou e potencializou seus projetos? Tais questões, configurando em boa medida o que Cruz e Peixoto definem como uma “verticalização da análise” nos leva a “uma leitura mais detida e cuidadosa dos ‘conteúdos’, problematizando o movimento do jornal enquanto força ativa naquele campo de hegemonia...”¹²⁰. É o que se pretende discutir a seguir.

¹¹⁸ CORRÊA, Luiz de Miranda. *A Borracha da Amazônia e a II Guerra Mundial*. Manaus: Ed. Governo do Estado, 1967.

¹¹⁹ SECRETO, María Verónica. *Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

¹²⁰ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário. Na Oficina do historiador. Op. cit., p. 266.

Capítulo 2

Folheando...

conteúdos, temas e seções.

Como anteriormente mencionado, *Sintonia: A Revista dos Telegrafistas do Amazonas* surgiu em setembro/outubro de 1939 e inicialmente atuou como uma revista de publicação mensal e de circulação local. Seu editor-chefe, Rigoberto Costa – à época funcionário público e radiotelegrafista – lutava, dentre outras coisas, para torná-la uma revista dedicada aos telegrafistas do Amazonas. Rigoberto era natural do estado de Alagoas e filho de Eugênio Costa, um comerciante radicado no interior do estado do Amazonas. Rigoberto foi estudante de Odontologia, concluindo seus estudos no ano de 1940, sendo admirado por seus colegas por seu espírito coletivo, especialmente no que se refere a luta pelas causas nobres.

Nos turbulentos anos vividos pela imprensa brasileira pós 1930, período em que, segundo Ana Luiza Martins “a política e a imprensa se dividiram em campos onde o partidarismo se fazia de forma mais discreta, porém não menos violenta”.¹²¹, a revista *Sintonia* acalentando ainda o ideal de ser um instrumento de comunicação capaz de apresentar o Amazonas e a Amazônia para o Brasil.

Outro grande desafio embutido no empreendimento de Rigoberto Costa estava no fato de que *Sintonia*, assumindo o gênero revista, trazia uma configuração mais complexa e difícil, destacando-se ainda por este formato, dos demais órgãos de imprensa de sua época. Com efeito, os últimos empreendimentos neste campo – revistas como *Equador*, assinada por Clóvis Barbosa ou *Cabocla*, assinada por Genesino Braga – tiveram vida mais curta e já haviam saído de cena quando da chegada de *Sintonia* a arena jornalística amazonense¹²².

O uso de recursos gráficos, cores, imagens, textos curtos e diversificados, além de linguagem ligeira e temas mundanos, tornavam as revistas atraentes e as aproximavam da simpatia do público, inclusive de um público quase sempre não

¹²¹ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Op. cit., p. 43.

¹²² CORREA, Fabiana Libório. *Janelas do Mundo: As revistas de variedades no Amazonas*. Op. cit.

alcançado pelo jornal, como as mulheres ¹²³. Mas traziam também problemas e dificuldades, pois conforme argumenta Martins, a inserção das revistas no mercado era considerada um dos mais difíceis desafios desse tipo de empreendimento. Uma estrutura gigantesca envolvia o seu processo de consolidação desde “a convocação de colaboradores, à obtenção de papel, escolha de tipografia, registro de publicação na junta comercial e o estabelecimento de um escritório” capaz de angariar recursos financeiros. ¹²⁴

Mediante todas as dificuldades iniciais, a *Sintonia* tornou-se uma realidade e, assumindo perfil diversificado, mescla de periódico classista, de cultura ou de variedades, procurou ir além de seu contexto acanhado, noticiando acontecimentos locais ou nacionais. Com isso, foi pouco ganhando projeção e leitores, além de atrair a atenção dos segmentos políticos dominantes que viram nela, como se verá adiante, uma parceira em potencial.

Pensar essa relação complexa entre imprensa e poder pode ser esclarecedor para uma abordagem voltada para a história da imprensa ou dos impressos no Brasil. Não se pode, por exemplo, deixar de localizar o interesse dos grupos políticos pelas revistas – algo desde cedo manifestado – exatamente pelo fato de que tais periódicos, por suas características próprias e ao contrário dos jornais, alcançavam com maior facilidade parcelas da população não apenas apartadas do campo político, como também inacessíveis a ele. Portanto, associar-se a esses empreendimentos, podia ser – e frequentemente era – bastante proveitoso para o poder e seus agentes, que assim acercavam-se de potenciais apoiadores (e eleitores) antes inacessíveis.

Para Marialva Barbosa, essa proximidade maior das revistas com os populares, advinha de estratégias elaboradas no sentido de fisgar o leitor e torná-lo assíduo, daí a importância da introdução de colunas voltadas para a vida cotidiana, assuntos específicos que atendessem as necessidades do público

¹²³ Rafael Cardoso lembra que os impressos não surgem, nem se sustentam sem leitores e é preciso alcança-los. Desta forma, a atração dos leitores pelas revistas é também “fruto de uma cultura visual e material, condicionada por práticas de leitura, venda e coleção”. CARDOSO, Rafael. (Org.). *Impressos no Brasil 1808-1930. Destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009, p. 72.

¹²⁴ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Op. cit., p. 266.

feminino e temas destinados às crianças ¹²⁵. Todos esses recursos compuseram o programa desenvolvido por *Sintonia*.

Dessa forma e com o intuito de melhor entender nosso objeto de estudo, retomamos metodologia sugerida por Cruz e Peixoto¹²⁶, mergulhando nas especificidades de seu projeto gráfico editorial, e buscando alcançar os conteúdos para análise, ali onde eles se apresentam diluídos, nas diversas partes e seções nas quais o periódico decidiu por se estruturar.

Embora a base documental seja maior, neste particular nossa análise recaiu sobre 41 números da revista que circularam entre os anos 1939 e 1943, contemplando, neste intervalo, quase todos os meses do ano. Pensamos que o recorte aqui operado está em conformidade com a regra da pertinência de Bardin, que prevê que os documentos analisados devem estar em consonância com os objetivos da pesquisa, período de análise e procedimentos. ¹²⁷

2.1 Capas e Temas

A capa de uma revista tem por objetivo atrair a atenção do leitor, provocando associações positivas ou até mesmo persuasivas, sendo, portanto, o primeiro nível de percepção visual. Dessa forma, ela deve revelar em parte o seu conteúdo, e, sobretudo, atrair o olhar do leitor, convidando-o a conhecê-la.

Neste particular, começemos por registrar que *Sintonia* adotará um modelo de capa que articula textos e imagem, sendo esta, quase sempre, fotográfica. A imagem fotográfica, aprimorada tecnicamente desde as últimas décadas do século XIX, momento em que a fotogravura começava a deixar suas marcas nos grandes jornais, passou a ser logo integrada aos periódicos e por eles veiculada. Essa adequação não apenas se mostrou maior com as revistas, como também acabou por contribuir para definir uma das características daquele gênero de impresso. Martins registra que “recursos técnicos da ilustração – da fotografia

¹²⁵ BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: Imprensa, Poder e Público*. Rio de Janeiro: Vicio de Leitura, 2000, p. 2002.

¹²⁶ CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário. Na Oficina do historiador. Op. cit.

¹²⁷ BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

ao cliché em cores e à rotogravura – seriam desenvolvidos até ao final do século , a serviço prioritariamente do impresso revista”.¹²⁸

Como resultado do aprimoramento do processo técnico de sua transposição para o papel, já nos anos 1910, a fotografia apareceria em profusão, secundando, no interior das revistas, a charge e a caricatura que, até a virada do século XIX pro XX, reinavam absolutas.¹²⁹

O mesmo não ocorreu quanto às capas, onde desenhos gráficos diversos, continuariam ainda por bom tempo fazendo a fama de grandes ilustradores e, dessa maneira, a grande maioria das mais importantes revistas do país (*O Parafuso, A Cigarra, O Malho, Fon-Fon, A Careta, etc.*), continuou a usar capas mais artísticas em detrimento da fotografia, embora utilizassem fotogravuras¹³⁰. Exceções à regra, as revistas de conteúdo mais político, ou que se dedicavam mais pontualmente às atividades governamentais – como a *Ilustração Paulista* – eram exatamente aquelas que mais incorporaram fotografias em suas capas.¹³¹

Como se pode perceber nas reproduções abaixo, e em que pese o adiantado do tempo, as capas de *Sintonia* revelam uma qualidade de impressão inferior às congêneres do sul do país (ver anexo de imagens), ressentindo-se, muito provavelmente, de profissionais verdadeiramente qualificados para o serviço.

As manchetes das capas, em sua grande maioria, mostraram-se mais diretamente associadas a temas de variedades econômicas, políticas e sociais. O número inicial de *Sintonia* singulariza-se pelo fato do editor ter recorrido ao uso da ilustração e não da fotografia, para comunicar a ideia central do periódico. Rigoberto Costa faz representar seu produto através de uma imagem feminina (ver Imagem nº 1, entre as pág. 35 e 36), lembrando fortemente as representações imagéticas mais corriqueiras da República.¹³²

Sintonia associa-se de cara ao projeto republicano, buscando partilhar uma imagem comum: mulher jovem, ativa, correta. Empunha uma espada em uma das mãos, enquanto a outra, no lugar da convencional da balança que simboliza a

¹²⁸ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Op. cit., p. 41.

¹²⁹ MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala edições de Arte. 2012.

¹³⁰ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Op. cit., p. 188.

¹³¹ Idem, p. 196.

¹³² CARVALHO, José Murilo de. República-Mulher: Entre Maria e Marianne. In: *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 75-108.

justiça, há um rádio a emitir raios de informação, dentre eles, o próprio título do periódico. O próprio editor produz, ainda na capa, uma leitura da representação imagética ali apresentada, incluindo a frase:

A República Brasileira, nobre, forte e justiceira, serena confia na grandeza, progresso e tranquilidade do paiz, mostrando à luz do mundo, o rádio como o fator mais importante na expansão do desenvolvimento¹³³ de um povo.

Ativez, justiça, equilíbrio, moderação, jovialidade e sensatez são alguns dos ideais que ali se projetam.

Além da imagem e do título (“*Syntonia*”), que se projeta com as ondas do rádio, e que faz a opção pela grafia antiga, demarcada na utilização do “y” – abandonado nas edições posteriores –, há ainda uma profusão de informações que se espremem para caber na página, tornando quase que desnecessário as apresentações que se fazem em regra no editorial ou artigo de fundo. Há um subtítulo (“*Revista do Telegraphistas do Amazonas*”), um dístico ou lema (“*Mensario Illustrado de Actualidades e Propaganda Nacional*”) além das indicações de endereços, preços, assinatura, data, etc.

Além da capa de abertura, uma segunda capa, a do número nove, buscará fazer associação com a classe dos telegrafistas. No seu nono número, a revista reproduzirá na capa a foto de uma criança (Carmen Silva) em sua data natalícia. Trata-se da filha de Antônio de Souza Barros, Chefe do tráfego telegráfico no Amazonas. Segundo Rigoberto Costa, a “ilustração” da capa é uma homenagem que os radiotelegrafistas do Amazonas prestam àquele dirigente, apresentado como sendo mais que um chefe justiceiro e ponderado, antes um amigo dedicado à causa dos telegrafistas.

Além das capas associadas à classe dos telegrafistas, *Sintonia* também procurou fazer referências à Manaus e sua modernidade arquitetônica, incorporando, em duas de suas capas, vistas fotográficas de alguns logradouros da cidade¹³⁴. Na primeira destas imagens, dá-se destaque para o imponente prédio recém-inaugurado da saúde pública de Manaus; enquanto na segunda, é a sede do governo municipal e praça que a circunda que são representados. Em ambas as

¹³³ *Sintonia*, n^o 1. Manaus, set./out. 1939.

¹³⁴ As edições que abordaram a arquitetura de Manaus foram respectivamente a 3^a, de março de 1940, e a 5^a, de julho de 1940.

capas são visíveis o desejo de mostrar a monumentalidade das construções, suas dimensões estéticas e os traços de modernidade que a cidade lhes empresta.

Em virtude de ser considerada uma revista ilustrada de variedades, muitos outros assuntos também foram abordados em suas capas. Um dos aspectos que chama a atenção foi a homenagem feita aos assinantes da revista, em edição que circulou em maio de 1941, nela constando a publicação da foto de Aida de Lima, que se vê fotografada tendo em suas mãos uma folha de papel com os dizeres: “À revista *Sintonia* com muita simpatia”! (ver Imagem nº 2).

Mais que uma simples homenagem, o que se vê é o emprego de estratégias de cooptação de leitores e assinantes, desta vez por meio da manipulação de seus desejos e vaidades. A “homenageada” não era uma simples assinante e foi, com efeito, escolhida a dedo por Rigoberto Costa. De acordo com a própria revista, Aida nasceu no Peru, transferindo-se posteriormente para os Estados Unidos, onde se achava radicada. Antes disso havia sido editora-chefe de uma revista da *General Motors*, tendo também atuado em outras firmas importantes do Chile. Além disso, Aida de Lima tinha um programa na WGEO, empresa radiofônica norte americana, tendo mais de 20 mil ouvintes naquele país. Ainda segundo informações da coluna, seu programa era retransmitido em Manaus duas vezes por semana, às 20h30.¹³⁵

Com tal homenagem Rigoberto Costa mostrava ao público leitor que *Sintonia* era conhecida por personalidades importantes e famosas, inclusive fora do país. Alimentava também a expectativa dos assinantes reais e dos assinantes potenciais de verem-se ali também retratados em outras ocasiões.

Da mesma forma que por suas capas, *Sintonia* dirigiu acenos e afagos aos seus assinantes, também procurou expor em sua capa “homenagens” aos comerciantes que anunciavam naquele empreendimento. Assim, na edição de janeiro de 1943 foi publicada foto em comemoração ao aniversário do filho do gerente das Lojas Pernambucanas em Manaus, Hermes Falcão, e sua esposa, a professora Santaninha Linhares Peixoto Falcão. Todo empreendimento requer planejamento, estratégia e capital para sobreviver e Rigoberto demonstrava ter total conhecimento disto, fazendo de suas capas um poderoso imã direcionado aos seus leitores e colaboradores, fossem eles reais ou potenciais.

¹³⁵ *Sintonia*, nº 14. Manaus, maio 1941, p. 1.

Temas mundanos, tratando de Esporte, Religião, Cinema e Política, também seriam abordados nas capas de *Sintonia*.

Sobre futebol, a edição de 30 de outubro de 1942, referenciava a participação do Amazonas no campeonato brasileiro de futebol em um jogo contra o Pará. Anunciando a presença do Interventor Federal em exercício, Dr. Ruy Araújo, como também de várias personalidades da sociedade manauara. A data celebrava a chegada de Vargas ao poder em 1930, sendo certamente esta a razão do destaque para a presença de autoridades no evento.¹³⁶

Da mesma forma, *Sintonia* celebrou a passagem do I encontro Eucarístico de Manaus, ocorrido em 1942, exaltando e agradecendo a figura do bispo diocesano D. João Malha Amaral pelo empenho espiritual e dedicação para com a juventude.¹³⁷

Com relação ao cinema, as capas procuravam mostrar as últimas novidades em lançamento nos Estados Unidos. As capas das edições de março de 1942 e de maio de 1943 procuraram, desta forma, reproduzir cenas de películas que estavam cartaz nos cinemas da cidade, com ênfase a clássicos hollywoodianos, como “*E o vento levou!*” e seus artistas.

De longe o assunto que dominou as capas de *Sintonia* foi a política. Cumpre destacar que adiante serão abordadas as razões para esse domínio. Aqui, nosso intuito é apenas mostrar como se presentificaram essas imagens, descrevendo de forma sucinta seus significados. Ao todo, as imagens de Getúlio Vargas e o Interventor Federal, Álvaro Maia, somaram nove capas, o que nos mostra a afinidade política entre àquelas lideranças e a revista. Impende destacar que, em geral, o presidente do Brasil era reproduzido nas capas da revista sempre com frases alusivas ao engrandecimento da sua figura. Por exemplo, a primeira aparição de uma fotografia de Vargas numa capa de *Sintonia* (ver Imagem nº 3) aparece no quarto número da revista. Nela verifica-se uma mudança na formatação da capa, o nome “*SINTONIA*” não ocupa o centro da revista como de costume, ele é recuado para o canto esquerdo, deslocado pela imagem centralizada de Vargas e uma frase em letras garrafais de exaltação ao chefe do executivo brasileiro:

¹³⁶ *Sintonia*, nº 29. Manaus, out. 1942.

¹³⁷ *Sintonia*, nº 24. Manaus, maio 1942

“PRESIDENTE GETÚLIO VARGAS. Fundador do Estado Novo no Brasil e honra da civilização moderna”.¹³⁸

Edições futuras também contemplariam frases nacionalistas em torno da figura do presidente. Em setembro de 1940 a manchete de capa se referia ao presidente como defensor da ordem e do progresso, prometendo ao leitor que em breve o mesmo visitaria a Amazônia.¹³⁹

As datas comemorativas ganhariam espaços nas matérias de capa de *Sintonia*, porém, em todas elas também encontramos a figura do presidente sendo enaltecida. A capa comemorativa à independência do Brasil (ver Imagem nº 4), lançada em setembro de 1941, retoma a imagem simbólica da República, novamente representada por uma mulher jovem, desta vez segurando a bandeira nacional com as palavras “ordem e progresso” em evidência, encimando um escudo com a imagem de “seu protetor”, o presidente Getúlio Vargas.¹⁴⁰

Já a capa da edição de fevereiro de 1943, parece selar o compromisso entre Vargas e Álvaro Maia para o bem do Amazonas. Através de sorrisos e abraços a manchete elucida o bom relacionamento político. Em outras palavras, a imagem construía um novo capítulo para a história do Amazonas, se não em termos econômicos, pelo menos em políticos.¹⁴¹

As imagens reproduzidas nas capas da revista *Sintonia* parecem ter atingido o seu ideal, se a função era persuadir o leitor, não restam dúvidas de que isso realmente ocorreu. Porém, os objetivos não eram apenas atrair novos leitores, expandir-se para outros estados da federação, conquistar novos comerciantes, divulgar o cinema, as artes, ou os acontecimentos nacionais ou mundiais. Incluíam também, e sobremaneira, atrair a simpatia das autoridades constituídas como mecanismo para assegurar sua continuidade e sobrevivência, já que as investidas ideológicas do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) se fariam sentir se, inversamente, a revista veiculasse informações contrárias ao governo.

¹³⁸ *Sintonia*, nº 4. Manaus, jun. 1940.

¹³⁹ *Sintonia*, nº 7. Manaus, set. 1940.

¹⁴⁰ *Sintonia*, nº 17. Manaus, set. 1941.

¹⁴¹ *Sintonia*, nº 43. Manaus, fev. 1943.

2.2 Editoriais

As palavras do editor-chefe são capazes de influenciar e esclarecer o modo pelo qual se vê uma revista, pois suas opiniões podem marcar uma posição contrária ou, dependendo dos casos, a favor sobre determinado assunto. Em geral, os editoriais de *Sintonia* eram publicados sempre na oitava página, em boxes demarcados com um estilo gráfico diferenciado, sendo acompanhado na página pelas informações que compunham o expediente: ano de publicação, número da revista, preço, tiragem, e a mensagem textual identificava também ao leitor o local exato das mensagens propostas pelo editor-chefe da revista.

Para melhor entender a análise dos editoriais, iremos abordá-lo em momentos distintos, de acordo com os anos de publicação (primeiro, segundo, terceiro e quarto), buscando aferir variações, ênfases, cortes e/ou retomadas de posição. A pesquisa referente aos editoriais do primeiro ano de publicação (setembro/outubro de 1939 a setembro de 1940) analisou apenas os sete números publicados no intervalo, lembrando que, nesta fase inicial, a revista ainda não havia se firmado e, desta forma, registrou lapsos e interrupções em alguns meses. No entanto, tais editoriais são fundamentais, pois nos aproximam mais facilmente das perspectivas balizares que gravitavam na cabeça de seu idealizador a respeito de seu empreendimento jornalístico.

Nos dizeres iniciais do primeiro editorial, Rigoberto Costa apresentava *Sintonia* para o público local, tentando delimitar com clareza o objetivo da publicação. O grande assunto dos primeiros editoriais, senão o único, será a própria revista, seus dilemas e perspectivas. Percebe-se que o empreendimento não obteve inicialmente o apoio financeiro esperado e parceiros potenciais, uma vez mobilizados, não abraçaram a ideia. Talvez por isso, um tom de ressentimento vem à tona logo no primeiro de seus editoriais:

Affrontando a opinião daquelles pessimistas que não encontram razão para certos empreendimentos. Aqui estamos. Contudo apoiados pelas nossas próprias convicções utilitárias, num desmentido categórico a fútil payche dos passadistas torcidos a toda iniciativa. Não se compreende que disposto a vencer de qualquer forma como assegura o lugar comum da reação quotidiana – mas promptos a desenvolver uma atividade capaz de produzir. Assim armados para a justa anonyma temos consciência não

dá nossa vitória, mas do valor que nos anima e justifica o entusiasmo capaz de grandes empreendimentos.¹⁴²

Asseverando a “vitória”, materializada na publicação do primeiro número, Rigoberto puxava para si, por força de suas convicções, disposição e entusiasmo, o mérito do empreendimento. Uma fala de agradecimento a colaboradores só aparecerá mais explicitamente no terceiro número da revista, direcionando-se especialmente para os anunciantes, pela ajuda conseguida na forma do pagamento das propagandas publicadas:

Queremos nestas linhas consignar a nossa reconhecida gratidão ao culto e generoso comércio Amazonense pela inestimável colaboração que nos conferiu para a consecução do nosso desideratum, não nos negando apoio no tocante a propaganda de suas atividades, sem as quaes, difícil seria fazer-mos face aos excessivos gastos e compromissos que tomamos para ver uma publicação como esta em circulação.¹⁴³

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas, era visível o contentamento do editor com os resultados de sua revista. Entusiasta, apresentava *Sintonia*, antes de mais, como a revista dos telegrafistas do Amazonas, sendo ele apenas seu vetor. Posicionava-se diante do seu leitor com o compromisso de mantê-la mensalmente, acompanhando as notícias locais e nacionais, destacando a vida moderna do país. No editorial de julho de 1940, Rigoberto anuncia as primeiras modificações importantes no projeto editorial, informando o contrato firmado com a Livraria Normalista para a confecção da revista e anunciando a tiragem de 1.500 revistas por mês, mas mantendo o preço de 1\$500.

Tentava-se, na ocasião, resolver os gargalos de um projeto editorial ambicioso, mas limitado pelas condições técnicas de produção. O contrato com uma empresa antiga no ramo e com capacidade aferida parecia ser adequada atender uma demanda alta para o período, já que a população da cidade gravitava entre 60 e 70 mil habitantes.

Datas festivas e acontecimentos locais mais ligados à vida mundana também eram comentadas nos editoriais, porém, mesmo nestas ocasiões, as palavras centrais acabavam carregadas em um tom de crítica pelo comportamento humano. *Sintonia*, como todos em sua época, não estava alheia ao que ocorria no mundo e, naquele momento, o que se lamentava era a verdadeira carnificina

¹⁴² *Sintonia*, nº 1. Manaus, set./out. 1939, p. 8.

¹⁴³ *Sintonia*, nº 3. Manaus, mar. 1940, p. 8.

provocada por um novo conflito mundial. Assim, mesmo em mensagens natalinas, Rigoberto Costa suplicava pela paz entre os povos, conclamando todos à alegria coletiva. Em junho de 1940, em meio às festividades de São João, o tema da Guerra volta à baila, mostrando como a população local se via dividida entre o desejo de comemoração e a angústia e insegurança causada pelo conflito:

O povo desperto, para outras alegrias ou para outros entusiasmos, busca nos rádios a sequência trágica dos combates sangrentos, lá longe onde as crianças exiladas do carinho materno, olham para os céus brumosos na incompreensão feliz dos assassinatos coletivos da humanidade.¹⁴⁴

Já os editoriais do segundo ano de publicação – compreendendo o período de novembro de 1940 e outubro de 1941 – apresentam uma nova formatação com textos divididos em colunas, além também de se observar a inserção de imagens entremeando os comentários. Diferentemente das publicações do ano anterior, Rigoberto Costa deixa de ser o único a assinar a folha editorial, passando a dividir esta tarefa com outros membros do corpo editorial da revista, como Hildebrando de Oliveira e Moacyr de Miranda. Nesta fase a revista se mostrava ao público leitor como uma empresa consolidada e sem problemas financeiros:

Graças a Deus estamos vencendo o pessimismo de uns e o indiferentismo de outro. Podemos já afirmar com segurança que SINTONIA, está perfeitamente firmada no conceito público e, que os tremendos obstáculos que a princípio nos surgiram estão sendo afastados gradativamente. Esperamos com muita fé neste ano se não completar pelo menos atingir duas terças partes de nossas aspirações.¹⁴⁵

A análise dos editoriais nos possibilitou perceber qual havia sido a posição política assumida pela revista. De forma inequívoca, a publicação enfatizava seu apego à ordem acima de qualquer outra motivação e se projetava como colaboradora dedicada ao governo e seus representantes, fazendo-lhes a exaltação. Em todos os números é possível identificar o direcionamento do leitor para o reconhecimento e a valorização das ações proporcionadas pelo governo de Getúlio Vargas (ver Imagem nº 5) e, localmente, pelo de Álvaro Maia. Assim, homenagens ao dia 10 de Novembro, ao dia do Trabalho, Independência do Brasil e Proclamação da República, foram constantes e permanentes.

Alguns outros aspectos chamam a atenção nos editoriais. Em alguns momentos, aquele importante espaço era mobilizado para questões mais pontuais

¹⁴⁴ *Sintonia*, nº 4. Manaus, jun. 1940, p. 8.

¹⁴⁵ *Sintonia*, nº 11. Manaus, jan. 1941, p. 8.

ligadas a própria revista. Numa dessas passagens, Rigoberto Costa mostrava um profundo descontentamento em relação aos *calotes* praticados por alguns comerciantes. Em suas palavras, muitas revistas na cidade de Manaus haviam deixado de existir exatamente devido ao não pagamento dos anúncios publicitários que haviam sido contratados, como também pelo não pagamento das assinaturas mensais. Não fazia ali apenas um desabafo ou lamento, mas também uma ameaça, prometendo divulgar em edições posteriores o nome desses *caloteiros*:

A ninguém obrigamos a anunciar ou tomar assinaturas; é justo, pois, que desanquemos, com o látego da verdade a esses “campeões” que são um verdadeiro entrave ao progresso das boas idéias. Quem não deve não teme.¹⁴⁶

O terceiro ano de publicação, entre novembro de 1941 e outubro de 1942, trouxe outra novidade, já que nele, grande parte dos editoriais foi entregue a ninguém menos que João Leda, velho jornalista, filólogo refinado e literato renomado. Saindo do Maranhão, onde nascera em 1889, chegou ainda jovem ao Amazonas, onde permaneceu por mais de quarenta anos, atuando incisivamente na imprensa, publicando livros e estudos literários e filológicos que logo cedo o levaram a assumir uma cadeira na Academia Amazonense de Letras¹⁴⁷. Sua produção jornalística foi intensa em dois grandes diários de Manaus, atuantes à época de *Sintonia*, sendo eles o *Jornal do Comércio* e *O Jornal*.¹⁴⁸

Seguramente por esse motivo, os editoriais de *Sintonia* se voltaram especificamente para assuntos literários, e é possível sustentar que essa influência de João Leda tenha “escorregado” também para o interior da revista, fazendo com que ela se mostrasse mais refinada e próxima do perfil de revista literária e de cultural. Nos editoriais de Leda, os textos procuram envolver o leitor por meios de assuntos diversos e corriqueiros, religiões, cientistas e suas descobertas, versos nordestinos, história mundial, etc. Isso não quer dizer que *Sintonia* tenha se abstido dos indefectíveis assuntos políticos que sempre a caracterizaram. Eles continuariam a mediar a trajetória da revista, mas neste período, poucos ganharam o espaço dos editoriais, com destaque para o assinado por Leopoldo Peres,

¹⁴⁶ Idem, p. 9.

¹⁴⁷ BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário amazonense de biografias*. Manaus: Editora Artenova / Fundação Cultural do Amazonas, 1969, p. 89-91.

¹⁴⁸ OLIVEIRA, João Chrisóstomo de. *João Leda, faiscador de vernáculo*. Manaus: Sérgio Cardoso, 1952.

comentando a vida de Winston Churchill, então primeiro ministro da Inglaterra e liderança destacada no conflito bélico mundial.¹⁴⁹

Leopoldo Peres, cuja importância e atuação se discutirá mais à frente, era amigo de Rigoberto Costa e também um político próximo à Vargas, chegando a escrever livros de exaltação ao presidente e ao Estado Novo que tiveram grande repercussão nacional e que, contribuíram para alavancar sua trajetória política, no cenário local e nacional.¹⁵⁰

Moacyr de Miranda, telegrafista da Delegacia de Porto Velho e também editor de *Sintonia*, assinou o editorial de agosto de 1942, cabendo a ele o anúncio de que a nação estava em guerra, “pela glória triunfal da raça e da justiça”.¹⁵¹

Os editoriais do quarto e último ano, indo de 30 de novembro de 1942 a dezembro de 1943, marcam o retorno de Rigoberto Costa, com seus textos enfatizando centralmente as notícias da guerra, invariavelmente acompanhadas de esperanças pelo fim do conflito que causava tanto sofrimento a milhões de pessoas mundo a fora.

A partir deste ano, foi possível perceber que, mesmo os editoriais, passaram a fazer inserções textos produzidos diretamente pelas agências do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), nos quais se fazia, invariavelmente, a exaltação da ação patriótica de apoio ao governo e a seus governantes. Detalhava ainda as ações governamentais que, segundo as notas, estariam assegurando o crescimento e desenvolvimento do Brasil durante o Estado Novo.

O ano de 1943 marca também o aparecimento do primeiro editorial em homenagem ao Interventor Federal Álvaro Maia, destacando seus longos anos de trabalho em prol do Amazonas. A partir deste momento o mandatário amazonense passará a ter uma maior visibilidade no interior da revista.

Já no plano das questões internas à publicação, nota-se a presença de um novo colaborador, Kideniro Teixeira, anunciado como Secretário da revista.

¹⁴⁹ No editorial, Peres, que também era membro da Academia Amazonense de Letras, enaltecia a figura política de Churchill pelos seus atos na Segunda Guerra, heroizando suas ações.

¹⁵⁰ PERES, Leopoldo. *Getúlio Vargas: o homem e o chefe*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas de “O Cruzeiro”, 1944; PERES, Leopoldo. *Política e espírito do regime*. Rio de Janeiro: Empresa “A Noite”, 1941.

¹⁵¹ *Sintonia*, nº 27. Manaus, ago. 1942, p. 8.

2.3 Colunas e Seções

Tendo avaliado todas as páginas das edições no que se refere à formatação da revista em relação às colunas e seções, ficou evidente que *Sintonia*, como um todo, não seguia um único diagrama, já que em suas páginas internas, trazia um conjunto de informações cotidianas que se misturava com pequenas, embora importantes, notas acerca do universo amazônico.

Dentre as seções que compuseram a revista, algumas eram frequentes, enquanto outras apresentavam apareciam mais esporadicamente e, tão rápido como apareciam, desapareciam sem que houvesse a preocupação dos editores de informar o leitor acerca dos motivos dessa situação. A diagramação interna utilizava como formatação padrão, a distribuição das informações em três colunas, evitando deixar espaços em branco na composição da página. Mas esta estruturação podia, como acima mencionado, variar sensivelmente. Percebemos também a ausência de identificação da autoria das matérias, sendo de fato, pouco comum o aparecimento de matérias assinadas, o que nos obriga a inferir e atribuir a autoria da quase totalidade dos textos da revista ao coletivo de seus editores.

A coluna "*Cousas da Trintena*", que parecia caracterizar a vocação de *Sintonia* para o mundo da política, acabou por ter aparecimento irregular, deixando de se fazer presente em diversos números da revista. Sua publicação iniciou já com o primeiro número, em de setembro/outubro de 1939, trazendo invariavelmente informações acerca da vida política do país e do Amazonas, distribuídas em pequenas notas fragmentárias. Seus textos, apresentados em duas colunas, eram entremeados sempre pela fotografia de *homens importantes* do cenário nacional, com o objetivo de dar maior vivacidade ao anunciado. Na primeira edição os assuntos que mais se destacaram foram os comentários acerca da ação política de Álvaro Maia, as comemorações da "Semana da Pátria" que no Amazonas envolvem, além do "7 de Setembro", também o "5 de Setembro".¹⁵²

¹⁵² Considerada a data maior do Estado do Amazonas, refere-se ao desmembramento da antiga Comarca do Alto Amazonas da Província do Pará, com a consequente elevação da região à categoria de Província – que ocorreu por decreto imperial, datado de 5 de setembro de em 1850 –, enfim transformada em Estado da federação com a chegada da República.

Antes de seu desaparecimento, foram publicadas outras três edições da coluna, respectivamente nos números 2, 3 e 4, estes dois últimos já no ano de 1940. Seguindo o seu propósito, sua linha de publicação continuava voltada para as celebrações festivas proporcionadas pela vida pública. No entanto, *Sintonia*, através desta coluna, passou a divulgar a abertura de concursos públicos que seriam realizados no Brasil e também notícias do mundo esportivo. Após um grande período de ausência, a coluna voltaria a ser publicada na edição de número 11, no mês de janeiro de 1941, embora bastante minimizada em conteúdo e importância. Não ocupava mais a integralidade da página, trazia poucas notas e já não demonstrava mais preocupar-se com temas políticos.¹⁵³

Uma coluna importante de *Sintonia* foi a denominada “*Indicador de Manaus*”, aparecendo inicialmente em julho de 1940, para permanecer ativa até o último número da primeira fase da revista. A seção tinha claras características comerciais e informava o leitor sobre serviços diversos oferecidos na cidade de Manaus. Para Ana Luiza Martins “a inclusão de *indicadores* ou de classificados se tornaram um atrativo para os periódicos”.¹⁵⁴

Os anúncios, com no máximo sete linhas, continham informações como o nome do profissional, sua formação, endereço e especialidade. Estes indicadores nos primeiros números da revista se localizavam sempre na quarta página, mas a partir de 1942, passaram a ocupar as últimas páginas da revista. Um olhar mais atento sobre ela pode nos indicar, indiretamente, o perfil dos colaboradores e do público da revista. Até o décimo primeiro número, a prevalência nos indicadores profissionais era para os serviços médicos, odontológicos e advocatícios. No entanto, verificamos que ao longo da revista o quantitativo de anunciantes foi bastante irregular, e também mais diversificado em relação aos ofícios e serviços, como o de tradutor ou pintor.¹⁵⁵

¹⁵³ O desaparecimento repentino de colunas como “*Cousas da Trintena*”, podem ser atribuída à necessidade de readequação dos espaços, não apenas pelas recorrentes dificuldades com o papel (oferta e custos), mas especialmente porque, do quinto número em diante a revista passa a receber grande quantidade de matérias vinculadas oriundas do Departamento de Imprensa e Propaganda.

¹⁵⁴ MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Op. cit., p. 239.

¹⁵⁵ A irregularidade observada foi em relação à permanência dos serviços oferecidos. Os serviços médicos foram os que mais se alternaram na seção, trazendo sempre nomes de profissionais diferenciados. Ao longo da pesquisa procuramos tabular o quantitativo dessas informações. Assim, tomando como base os serviços médicos ofertados, percebe-se que ele vai sofrendo retração numérica a medida que a revista vai incorporando anúncios de serviços de outra natureza. Se no quinto número da revista, foram 20 os anúncios relacionados aos serviços médicos, no décimo

Apesar de todas as inconsistências da seção, o público leitor de *Sintonia* parecia satisfeito com a possibilidade de ter acesso às indicações profissionais de Manaus. O que para *Sintonia* era uma fonte de recursos importante, para os leitores era um serviço de utilidade pública. Uma das cartas recebidas e reproduzidas na revista, era sintomática dessa posição:

É sem favor uma obra consultiva de informação de muito valor quer para o comerciante quer para o turista interessado em conhecer as cousas de nossa terra ou mesmo para o simples curioso. Com este trabalho verdadeiramente notável e o melhor do gênero apresentado até hoje em nosso meio, vem o seu autor de prestar inestimáveis serviços ao público consolidado assim com esta demonstração de capacidade de trabalho, o seu valor no terreno da publicidade como organizador estatístico.¹⁵⁶

Além das seções comerciais, a *Sintonia* também enveredou pelas publicações artísticas e culturais, referenciando a “sétima arte” e especialmente o cinema norte-americano que chegava fortemente à capital amazonense. Assim, a coluna “*No mundo do Cinema*”, iniciada em novembro de 1940, apresentava ao leitor a crítica dos filmes em cartaz e divulgava as novidades do meio cinematográfico, além de informações (e imagens) da vida das principais estrelas da época. Reverberando no Amazonas o resultado dos acordos internacionais e das políticas culturais produzidas nos Estados Unidos como estratégias de aproximação com o Brasil e a América Latina, *Sintonia* acaba também sendo uma fonte importante para a percepção do “início da influência da cultura norte-americana no Brasil”.¹⁵⁷

Sintonia, que em uma segunda fase (1950-1954) assumiu o perfil de revista feminina, tendo a frente uma mulher (após a morte de Rigoberto Costa), não se mostrava em sua primeira fase muito preocupada com as questões de gênero, mas nem por isso deixou de tentar se articular com o público feminino, direcionando para elas, embora de forma assistemática, conteúdos específicos.

Assim, em alguns momentos a revista tentava influenciar suas leitoras sobre moda e comportamentos “femininos”, utilizando-se, muitas vezes, de

terceiro número o montante de anúncios havia sido reduzido pela metade, reduzindo-se ainda mais até o ano de 1943.

¹⁵⁶ Carta enviada pelo assinante Paulo Chixaro, na edição de nº 10, dezembro de 1940.

¹⁵⁷ É importante mencionar que as revistas ilustradas desde as primeiras décadas do século XX prestaram-se idealmente à veiculação de informações do cinema norte-americano e, muitas vezes, dizia-se que a revista vendia porque trazia as novidades de Hollywood. ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e Poder*. Op. cit. p. 79. Sobre a influência cultural norte-americana, cabe conferir: MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

exemplos retirados do universo do cinema e das atrizes de Hollywood, como nas páginas que apreciam com a chamada “*Sintonia Feminina*” (ver Imagem nº 6). Para Jordana Caliri, estas imagens modelares buscavam associar-se aos ideais de uma “‘Manaus Moderna’, onde o estilo de vestir e agir passariam a ser caracterizados” pelas imagens exógenas alardeadas pela imprensa. “Notamos aí, conclui a autora, a ausência da figura regional do índio, do caboclo e do mestiço”.¹⁵⁸

Os boletins informativos que alimentavam a coluna “*No mundo do Cinema*”, chegavam muitas vezes com atraso à redação, já que vinham por correio aéreo, nem sempre regular no período. Devido aos atrasos, algumas edições publicavam informações apenas parciais, completando-as nos números seguintes. Seja como for, a coluna tornou-se uma das mais recorrentes na revista, aparecendo praticamente em todas as demais edições, oportunizando o fato de que o cinema era, à época, uma das formas prioritárias (senão a mais importante) de entretenimento na capital amazonense. Inversamente, o “cinema beneficiava-se da revista como instrumento publicitário do mais efetivo da mídia da época”.¹⁵⁹

Sintonia também se lançou ao mundo da diversão, com o objetivo de proporcionar ao seu assinante, momentos de “*recreio*”, conforme a expressão utilizada por Rigoberto Costa. Assim, já em julho de 1940, o leitor é informado que da próxima edição em diante seria mantida a seção “*Quebra Quengo*”, espaço reservado para os tradicionais “passatempos”, com jogos enigmáticos, palavras cruzadas, quebra-cabeças e charadas (ver Imagem nº 7). *Sintonia* também prometia aos assinantes prêmios para quem as solucionasse. Em geral, os jogos enigmáticos faziam comerciais de empresas anunciantes da própria revista, e eram, por sua vez, patrocinados pelos próprios comerciantes, embora a revista argumentasse que os brindes eram custeados com recursos gerados por suas vendas.

O foco temático dado a esse tipo de publicação resultou em um grande retorno para a revista, já que os assinantes participavam com o envio das respostas para o editor. Em todos os números seguintes em que a sessão “*Quebra Quengo*” foi publicada, eram anunciados os nomes dos ganhadores dos prêmios oferecidos pela revista. No entanto, a partir da edição de número 20, a seção foi

¹⁵⁸ CALIRI, Jordana Coutinho. Os sonhos da cidade: A modernidade e os jornais amazonenses no início do século XX. *Revista Escritas*, vol 5, nº 1, p. 3-13, 2013.

¹⁵⁹ ARAUJO, Inácio. *Cinema: O Mundo em Movimento*. São Paulo. Scipione, 1995.

substituída por um conjunto de charadas denominado “*Para Rir ou Pra Chorar*”, publicadas sempre num canto da página, sem ocupar muito espaço.

Ao analisar a revista em sua total configuração gráfica, observamos que na página onde era impressa a seção “*Quebra Quengo*”, surgia outra seção com o nome “*Pois Fique Sabendo*” (ver Imagem nº 8). Esta tinha como característica levar conhecimento em poucas e rápidas palavras, ou seja, com doze pontos numerados em ordem crescente, informando ao leitor aspectos históricos e geográficos das várias cidades do mundo, curiosidade científica, assuntos econômicos, políticos etc.

Já a relação da revista com a classe dos telegrafistas resultou na produção da coluna “*Sem ofensas e sem malícias*”, saindo logo na primeira edição e escrita e assinada pelo então funcionário da Delegacia de Telégrafos do Amazonas, Gervásio Leal. Suas crônicas representavam uma mistura envolvendo a prosa romântica com o processo de modernização das comunicações telegráficas. Ocupando quase sempre em meia página, a coluna não se perpetuou, vindo a desaparecer na quinta edição, lançada em julho de 1940. Ainda com relação ao mundo telegráfico, a sessão “*Sintonizando*”, inaugurada em junho de 1940, parecia dar à publicação a caracterização necessária de uma revista de trabalhadores, noticiando mais pontualmente o progresso gerado pela rádio, representado no Amazonas pela PRF06 ¹⁶⁰. No entanto, “*Sintonizando*” foi publicada poucas vezes, desaparecendo sem que nenhum assinante fosse avisado pelos editores da revista.

Com efeito, foram poucas as colunas ou seções de existência duradoura na revista, dentre elas podemos destacar, a coluna “*Sintonia Infantil*”. Esta coluna, apoderando-se dos recursos da fotografia¹⁶¹, divulgava em geral as datas natalícias de crianças da sociedade manauara (ver Imagem nº 9). Segundo Ana Luiza Martins, “solicitar retratos de crianças para divulgação nas revistas tinha retorno rápido, obrigando a compra do periódico pelo interessado e até a sua assinatura”. ¹⁶²

Assim, a coluna “*Sintonia Infantil*” surgida em junho de 1940, destinava página exclusiva para o assunto, mesclando fotos com textos de parabenizações e

¹⁶⁰ Sobre o rádio no Amazonas e a P.R.F.06, ver: NOGUEIRA, Luiz Eugênio Negreiros. *O rádio no país das Amazonas*. Manaus: Valer, 1999. 204p.

¹⁶¹ De acordo com Francieli Santos, “a fotografia é portadora de um discurso na medida em que se presta a traduzir um instante repleto de intencionalidades. Possui, portanto, finalidade documental, considerada meio de expressão, informação e mesmo de representações. SANTOS, Francieli Lunelli. Resenha. *Revista de História Regional* 13(1): 141-143, 2008, p. 142. Para um aprofundamento da questão, veja-se: KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

¹⁶² MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Op. cit., p. 240.

elogios, em geral escritos pelo próprio Rigoberto Costa. Foi possível, durante a realização da pesquisa, perceber com clareza a intenção comercial da coluna, já que a revista induzia o processo, por meio de mensagens reiteradas: “CAVALHEIRO! Tome uma assinatura de SINTONIA e remeta-nos a fotografia do seu filhinho para publicarmos na data natalícia ou batizado do mesmo, sem outra despesa”.¹⁶³

Estratégias como essas representavam grandes oportunidades de venda para a revista. O exemplo disso, é que na edição de número onze, de janeiro de 1941, *Sintonia* trazia na capa o lançamento de um concurso de beleza “*Graça e Robustez*” envolvendo as crianças, a fim de eleger qual era a mais bonita, o que certamente impulsionaria a vendagem da revista e garantiria a compra de exemplares pelas famílias que estivessem participando da promoção.¹⁶⁴

Outro ponto relevante está no fato de que esses concursos, assim como as pessoas identificadas nas imagens fotográficas publicadas na revista, permitem buscamos uma aproximação com o perfil dos assinantes de *Sintonia*, procurando identificar, por exemplo, suas ocupações no sentido de nos auxiliar na compreensão do universo dos leitores. Tabulando as informações a partir das fotografias publicadas, conseguimos identificar que a grande maioria das fotos publicadas foi enviada por assinantes que tinham ocupações bastante diferenciadas. Dentre estas, as que apareceram com maior frequência foram: auxiliar de livraria e de firmas, funcionário público federal, funcionário dos correios, prefeitos, médicos e industriários.

Quanto aos colaboradores da revista, foram publicadas as fotografias de Ramayana de Chevalier, Mario Ypiranga Monteiro, do redator chefe Hildebrando de Oliveira, além do operador de serviços de propaganda da revista. Telegrafistas aparecem em apenas três fotografias, mesmo número dos comerciantes da cidade de Manaus, mostrando que a revista circulou entre os mais diversos públicos-alvo.

O aparecimento de uma seção em especial, nos pareceu instigante: Tratava-se da coluna “*Acontecimentos da Grã Bretanha em 1942*”, difundida por

¹⁶³ *Sintonia*, nº 13. Manaus, abr. 1941.

¹⁶⁴ Concursos e premiações eram outras formas de orientação de conteúdo usadas pelo DIP no sentido de sugerir diretrizes para os produtores sobre “o que” produzir. Concursos de monografias e reportagens foram feitos sistematicamente, e tal procedimento também era utilizado por outros órgãos, como o Ministério do Trabalho. Ver GOULART. Silvana. *Sob a Verdade Oficial: Ideologia, Propaganda e Censura no Estado Novo*. São Paulo, Marco Zero, 1990.

Sintonia naquele ano e no ano seguinte. Sua origem e sentido parecem estar ligados a o recebimento de um ofício enviado de Londres através do Departamento Latino Americano da British Broadcasting Corporation que, dentre outros motivos, solicitava algumas informações acerca da revista:

*Estimado senhor e amigo, cumpro hoje com muito grato dever de dirigir-me a V.S enviando as muitas cordiais saudações desta corporação e as minhas próprias. Durante estes últimos anos temos mantido um simpático contato e desejaríamos estreita-los mais ainda no futuro. A comunidade de ideias que orientam as nações americanas e a Grã-Bretanha é uma razão mais para que os órgãos de publicidade sirvam mais estreitamente. Com o propósito de estabelecer si possível um contato mais pessoal entre nossa emissora e os membros da publicação que V. S. dirige com tanto apreço rogaria nos remeter uma lista das pessoas que formam o corpo editorial e administrativo da mesma.*¹⁶⁵

Não sabemos se a solicitação da British Broadcasting Corporation foi atendida por Rigoberto Costa, no entanto, após o recebimento desse ofício, começaram a surgir publicações referentes à Grã Bretanha. Nos dois primeiros números, as reportagens ilustradas vieram do Departamento Latino Americano da British News e ocupavam folhas duplas na página central da revista, explorando o tema da Guerra, com a divulgação de fotografias que demonstravam o poderio bélico inglês nos eventos da Segunda Guerra mundial. (ver Imagem nº 10)

Após o número 20, em dezembro de 1941, percebe-se a ligação estreita entre a *Sintonia* e a agência de informação britânica, resultando na publicação da seção “*Acontecimentos da Grã Bretanha em 1942*”, já no início do ano seguinte. A seção trazia assuntos diretamente de Londres, enfatizando questões de ordem política, econômica e social. Em geral, as notícias veiculavam também a arrecadação financeira do país, os gastos com a guerra, além de informações sobre o cotidiano da realeza britânica.

Podemos considerar que as colunas e seções de *Sintonia*, estruturando conteúdos diversos, apontavam para uma gama variada de temas, alcançando públicos igualmente distintos. Em que pese a recorrência e prevalência de temas ligados à vida política e às ações governamentais do país e do Estado, o que se percebe é exatamente um esforço de abertura para um diálogo mais amplo com a sociedade, a partir da incorporação de temas e questões que iam ao encontro de seus interesses.

¹⁶⁵ *Sintonia*, nº 17. Manaus, set. 1941.

2.4 Colaboradores

Passado o primeiro ano de existência e parecendo ter alcançado estabilidade e regularidade na saída das edições, *Sintonia* passou a demonstrar ter aumentado o espectro e o número de seus colaboradores. O grupo de colaboradores técnicos e de profissionais da radiotelegrafia vai lentamente tendo sua participação esmaecida, enquanto jornalistas e literatos começam a parecer com maior regularidade, o que passava a conferir a revista uma qualidade literária importante, já que atraía intelectuais de peso no cenário cultural amazonense: João Leda, Silignac e Souza, Djalma Batista, Ramayana de Chevalier, Mario Ypiranga Monteiro, dentre outros. Haviam ainda colaboradores desconhecidos, ou anônimos, isto é, colaboradores que não assinavam ou que não tinham seus textos assinados, mas que também deixaram uma importante contribuição para o universo literário da revista.¹⁶⁶

A atração dos literatos para a vida jornalística existiu desde o século XIX, pois conforme sustenta Martins, “*na impossibilidade de editar-se um romance, dada à inexistência de uma pródiga editoração nacional, produzia-se o conto, esse, sim, pelo menos com publicação na revista*”. Pinheiro, que estudou o cenário literário do início do século XX, comenta que diversos intelectuais fizeram e viam na imprensa o meio ideal para alcançarem a consagração literária, com a publicação de livros por boas editoras, de preferência do sul do país.¹⁶⁷

Mario Ypiranga Monteiro, consagrado historiador amazonense, e também um assíduo colaborador de *Sintonia*, já havia comentado essa situação:

A grande maioria dos letrados deixou, pelos jornais, suficiente cópia de material para uma avaliação mais justa. Não somente romances em folhetins, mas artigos de crítica literária e teatral, polêmicas estrondosas,

¹⁶⁶ É importante destacar, conforme demonstrou Maria Luiza Ugarte Pinheiro, que muitos intelectuais que militaram na vida literária do Amazonas não eram propriamente amazonenses e, muitas vezes, já haviam atuado em outros contextos nacionais. De igual forma muitos escritores amazonenses radicaram-se em outros estados, em especial, no Rio de Janeiro, então capital da República. Seja como for, mesclaram-se dentro e fora do contexto regional, criando importantes redes de colaboração e atuação. PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)*. Doutorado em História. São Paulo, PUC, 2001.

¹⁶⁷ PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. Do Jornal à Academia: elites intelectuais e periodismo no Amazonas. In: *Folhas do Norte*. Op. cit., p. 86-119.

desaforos, picuinhas, anedotas, tudo quanto para a história moderna pode servir de fonte honesta a reconstituição do nosso passado. E não é pouca cousa.¹⁶⁸

Não é sem razão, portanto, que vamos encontrar, no âmbito da produção literária presente em *Sintonia* uma plêiade de autores regionais abordando temáticas amazônicas (a vida do seringueiro, do caboclo, do ribeirinho ou do indígena) em poesias, crônicas, contos e romances. Mas a revista também veiculou contribuições que vinham de outros estados do país.

A análise dos textos literários em *Sintonia* é em parte prejudicada pela própria exposição gráfica da revista. Em geral, os textos nunca estavam dispostos em uma única página e sempre vinham acompanhados com anúncios publicitários. Desta maneira não havia o destaque necessário para eles. Mais do que isso, foi comum que textos encaminhados pelos colaboradores fossem iniciados nas páginas centrais e interrompidos com a famosa indicação “*continua...*”, para serem, então, finalizados em colunas mais estreitas nas últimas páginas da revista, o que dificulta sua leitura e entendimento.

Inicialmente as publicações de cunho literário eram cópias reproduzidas das vanguardas europeias, paulista e carioca, demonstrando que a revista ainda não buscara, neste particular, uma identificação mais estreita com a história local e regional. Como mencionado anteriormente, esse quadro logo se modificaria, contando com a interveniências de figuras destacadas do meio como João Leda. Ao que parece, Mario Ypiranga Monteiro¹⁶⁹, foi o colaborador com o maior número de publicações em *Sintonia*. Os textos reproduzidos eram adaptações de romances publicados em livros ou até mesmo de fragmentos de outros textos, publicados em outros jornais espalhados pela cidade.

Um problema sensível para o pesquisador, e em especial para um pesquisador de fora da região estava no fato de que em *Sintonia* há uma forte limitação nas informações biográficas de seus colaboradores. Ou seja, em nenhum momento, a revista sentiu a necessidade de divulgar qualquer tipo de informação pessoal dos escritores colaboradores, subtendendo-se que fossem do conhecimento do público em geral, ainda mais que a cidade, como mencionamos,

¹⁶⁸ Idem, p. 101.

¹⁶⁹ Nasceu em Manaus em 23 de janeiro de 1909. Entre 1940 e 1946 cursou a faculdade de ciências jurídicas e sociais de Manaus. Em 1935 foi revisor as imprensa oficial. Publicou mais de 50 títulos, destacando-se como historiador, além de membro e presidente da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

era ainda de dimensões populacionais modestas, onde, como era comum dizer, todos se conheciam.

Após a entrada de Hildebrando de Oliveira para o corpo editorial de *Sintonia*, observamos o surgimento de uma pequena nota encaixada em páginas aleatórias, contendo algumas explicações, em especial para os colaboradores que enviavam seus textos para a redação da revista. Ao analisar esses pequenos fragmentos, é visível a participação de um grande número de pessoas em busca da publicação dos textos e, isso explica a inconstância e a incerteza sobre o quadro de colaboradores, bem como a irregularidade de suas publicações. Desta forma, o espaço denominado “*Caixa de Sintonia*” foi criado por Hildebrando de Oliveira no intuito de entrar em contato com os colaboradores e candidatos à colaboradores, alertando sobre cuidados que assegurassem a necessária qualidade dos textos, ou esclarecendo os motivos da recusa da publicação. Por suas respostas às queixas de alguns preteridos, pode-se aquilatar o nível de exigência que estabelecia como parâmetro para a publicação na revista:

O. M. nós não gostamos dos seus últimos dois trabalhos, aquilo está mesmo fúnebre. Medite bem no que escreveu. Não haverá discordância, ai deverá haver boa fonte de inspiração, retoque-os se o puder.

MYOSOTIS. (Padecimento) precisa uma pá de cimento para ser publicado, não dá liga, tem muita areia e pouco barro. A sua letra denota inteligência e não desanime porque até eu já fui encestado.¹⁷⁰

Após o décimo primeiro número da revista, a seção “*Caixa de Sintonia*” passou a ser chamada de “*Cestinha de Cipó*”, mantendo a mesma finalidade e sentido. A mudança de nome, segundo palavras do próprio Hildebrando de Oliveira, visava à tessitura de comentários ainda mais rigorosos em relação aos textos recusados. Tal atitude, esclarece, derivava ainda em decorrência do registro concedido pelo Departamento de Imprensa e Propaganda para o funcionamento de *Sintonia*, o que nos leva a supor que a rigidez anunciada – estabelecendo controles ainda maiores sobre os textos que recebiam – funcionava como um mecanismo de uma autocensura, prévia e necessária, segundo os editores, para não comprometer a continuidade da revista.

Além dos literatos e jornalistas, algumas figuras ilustres do comércio manauara passam a ser incorporadas ao grupo de colaboradores *fixos* da revista.

¹⁷⁰ *Sintonia*, nº 11. Manaus, jan. 1941, p. 15.

Claro está que havia uma distinção de colaboradores, já que todos aqueles que passavam pelo crivo da “*Cestinha de Cipó*” contribuía de forma indireta e esporádica para a composição da revista. Já os colaboradores fixos, em nenhum momento eram avaliados, tendo espaço aberto para as contribuições que enviassem e isso derivava do “capital social” que possuíam, sendo pessoas ligadas à alta sociedade e, em muitos casos, ao governo.

Um exemplo claro dessa influencia, está na incorporação ao quadro de colaboradores permanentes por Hildebrando de Oliveira e Rigoberto Costa, de David Israel, membro do “*alto comércio*” amazonense e dono de uma das maiores fortunas em todo o Estado. Segundo a revista, Israel tinha grandes habilidades em charadas e crônicas, colaborando com várias revistas do sul do Brasil, e agora passaria a publicar em *Sintonia* a modalidade de poesias acrosticas, como a que se segue:

Saudação Acrostica ao Presidente Getúlio Vargas

Guiando o Estado Novo em Ordem e Progresso;
Em todos os quadrantes do ínclito Brasil;
Teu nome já se ouve em hinos em excelso;
Unindo brasileiros em glorioso acesso;
Levando o pavilhão a tropa varonil;
Inclina-se o povo em singular sucesso;
Oh! Chefe que dominas com seu olhar viril;

Vibrando o Brasil todos em festas, glorifica;
A data natalícia o magno dia teu;
Resando genuflexo o povo santifica;
Gozando os benefícios que tua mão lhe deu;
A Pátria Brasileira ao Presidente Getúlio Vargas
Sáuda neste dia com vigor seu. ¹⁷¹

Outros membros do comércio local foram incorporados posteriormente, como Carlos Mesquita, proprietário da firma “*Souza Mesquita*”. No entanto, previam-se dificuldades em relação às publicações de Mesquita, devido aos seus afazeres cotidianos, mas Rigoberto Costa registraria que as aguardaria com interesse devido ao seu prestígio.

O número de colaboradores permanentes crescia a passos largos, conforme notícia veiculada na revista e, assim, na mesma de maio de 1941 era anunciada a inclusão ao grupo de colaboradores, o professor *Octaviano Augusto*

¹⁷¹ *Sintonia*, nº 13. Manaus, abr. 1941, p. 8.

Soriano de Melo, que, segundo *Sintonia*, notabilizava-se por uma inteligência incomparável entre os homens de letras da região.¹⁷²

Essa ampliação do quadro de colaboradores, em especial a aproximação com os intelectuais locais, tornava *Sintonia* em um periódico capaz de mostrar ao Brasil a capacidade intelectual dos escritores manauaras:

Com uma vida intelectual tão fecunda, o amazonense é um *causer* admirável. Que encanta. Fiquei encantado conversando com Leopoldo Péres, prazer que Pércles me proporcionou reunindo-nos em seu próprio escritório. A tranquilidade do meio ambiente convida ao estudo e a meditação, formando-se aí mentes brilhantes expressões artísticas de larga projeção no país e no estrangeiro.¹⁷³

A abordagem cultural da revista não reservou espaços somente para as publicações ou reproduções de textos dos colaboradores, permanentes ou casuais, mas também fazia a indicação de livros lançados por escritores amazonenses, bem como a indicação de obras de escritores de renome nacional e internacional. Em geral, os livros indicados abordavam questões amplas, nacionais, como foi o caso do comentário da indicação de Rigoberto Costa a respeito da obra de Paulo Sarmiento¹⁷⁴, Diretor do Liceu Industrial Amazonense, que abordava os problemas do ensino profissional do Amazonas. Encaminhado à Gustavo Capanema, Ministro da Educação, recebeu a atenção do ministro:

Ao Dr. Paulo Sarmiento.
Acabo de receber o seu trabalho *problema ensino profissional Amazonas* vg que vou ler com simpatia e interesse p: Grato pela gentilha da dedicatória vg; envio-lhe atenciosos cumprimentos.
Gustavo Capanema.¹⁷⁵

Veza por outra, a revista *Sintonia* apresentava aos leitores, além da indicação de obras, um resumo ou crítica da obra indicada, e, dessa forma, diversos livros publicados em outros estados do país puderam ser conhecidos pelo público amazonense¹⁷⁶. Uma dessas indicações recaiu sobre o romance de Iolanda Flores,

¹⁷² *Sintonia*, nº 14. Manaus, maio. 1941.

¹⁷³ O texto é de autoria de Raimundo Nonato Pinheiro, filólogo renomado e integrante destacado da Academia Amazonense de Letras e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas. No texto, faz referência a Pércles de Moraes, um dos mais importantes intelectuais amazonenses da primeira metade do século XX. *Sintonia*, nº 26. Manaus, jul. 1942.

¹⁷⁴ Paulo Sarmiento era autor de diversas obras, como: *Milagre que vi*, *Asas de Luz*, *Sulamita*, *Clarins de Ouro*, *Fiel e Veneno*, seu último romance.

¹⁷⁵ *Sintonia*, nº 14. Manaus, maio. 1941.

¹⁷⁶ Dentre os livros indicados, destacamos: *Política e Espirito do Regime*, de Leopoldo Péres; *A Vida Patética de Dostoievski*, de Aldous Huxley; *O Guardiã das Chaves*, de Earl Derr Biggers; *Famílias da América*, uma biografia de Karl Schrifgiesser; *Ouro Quebrado*, uma crônica de Aldo Moraes

Era uma Colegial, publicado no Rio de Janeiro em 1941. Para a revista, tratava-se de “um romance em que a ingenuidade se relaciona com a malícia; em que a inocência anda de mãos dadas com o pecado e em que a virtude é comparsa do vício”. Mais ainda: “Cada uma de suas páginas evoca esse pensamento de Shakespeare: ‘a vida é uma trama tecida de bons e maus fins’”. Após os elogios, *Sintonia* lançava também um alerta aos leitores que tivessem a possibilidade de adquirir a obra, recomendando cuidado em seu manuseio (entenda-se: leitura!), especialmente por ser um romance feminino!

Podemos, assim, considerar que a heterogeneidade apresentada pela revista no campo das produções literárias acontecia em decorrência de um conjunto de representações que não estavam vinculadas somente a uma realidade local ou regional, mas, acima de tudo, prenhe de “aspectos que ganham visibilidade a partir de uma confrontação com representações de outras regiões componentes da realidade nacional”.¹⁷⁷

2.5 Tudo pelo Comércio

A relação do periódico com o comércio é uma rica via de mão dupla, em que ambos os lados se aproveitam do bom desempenho um do outro. A revista pode ser considerada um dos mais vantajosos suportes publicitários para o comércio de uma determinada região, já que segundo Martins, “as revistas e a publicidade direcionavam-se para o mesmo propósito, qual seja, dar-se a conhecer, divulgar-se e produzir-se para vender”¹⁷⁸. Nessa ocasião, é importante mencionar que a afirmação de um periódico quanto a reprodução das mensagens publicitárias, dependia em especial da sua própria propaganda, dessa forma, a sua apresentação técnica em conjunto com sua tradição editorial garantiriam um retorno potencializado dos capitais investidos.

publicado pela imprensa oficial do Amazonas; *Orientações do Pensamento Brasileiro*, de Nelson Werneck Sodré; *Os Flagelados*, romance de Jesuíno Ramos, e por fim, *Gente do Nordeste no Amazonas*, escrito por Johann Strauss.

¹⁷⁷ PAIVA. Marco Aurélio Coelho de. *Identidade Regional e Folclore Amazônico na Obra de Mario Ypiranga Monteiro*. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2002.

¹⁷⁸ MARTINS. Ana Luiza. *Revistas em Revista*. Op. cit., p. 244.

De acordo com Rafael Cardoso, um exemplo clássico de propaganda com o intuito de se autopromover perante possíveis anunciantes ocorreu em 1878 com a revista ilustrada *O Besouro*. Na ocasião, diz Cardoso, a revista passou a se gabar em seus editoriais de ter em média a produção de 5.000 exemplares, o que representa um dado desconectado da realidade ¹⁷⁹ de difícil aferição, já que não existia à época, um conhecimento sistematizado do contexto da recepção e circulação dos impressos.

Já com relação às décadas de 20, 30 e 40 do século XX, as transformações no campo da impressão proporcionaram o barateamento dos processos de produção em relação aos periódicos, assim, “os experimentos técnicos com os novos recursos gráficos, a necessidade de transmitir a mensagem com rapidez foi uma característica do periodismo em tempo de velocidade” ¹⁸⁰, o que, de certa forma, aumentaria a quantidade de páginas a serem oferecidas para os comerciantes anunciarem seus produtos. Outro fator que está no bojo dessa explicação diz respeito à evolução da linguagem publicitária através dos periódicos, tornando mais fácil seduzir o público leitor.

Dito isso, podemos concluir que o serviço de publicidade se tornou um instrumento de retorno financeiro considerável, sendo capaz até de determinar o aumento em relação às tiragens de cada revista, o que, em muitos casos, sustentava sua própria existência.

Sintonia destinou grande parte do seu espaço para o comércio publicitário, já que alegava existir em estreita dependência para com as vendas dos espaços reservados à publicidade, o que é algo a ser comprovado, já que, como veremos adiante, cita-se o fato da revista também ter recebido recursos oriundos do Estado Novo, como contrapartida à sua adesão e colaboração.

Seja como for, os espaços destinados à propaganda comercial estiveram presentes do primeiro ao último número do empreendimento, embora passem a ganhar mais espaços quando o departamento de propaganda ficou sob a responsabilidade de Hildebrando de Oliveira. Foi neste momento, inclusive, que ocorreu a inserção dos “*indicadores*”, abrindo espaço para anunciantes individuais e de menor porte que as grandes firmas comerciais, até então as que patrocinavam

¹⁷⁹ CARDOSO. Rafael. (Org.). *Impressos no Brasil 1808-1930*. Op. cit.

¹⁸⁰ MARTINS. Ana Luíza. *Revistas em Revista*. Op. cit. p. 245.

quase que exclusivamente o empreendimento jornalístico. Com a abertura de espaços dos indicadores comerciais, a revista atraiu, como se disse anteriormente, uma gama significativa de profissionais liberais, como dentistas, advogados, farmacêuticos, médicos e até mesmo professores, dando ao leitor a possibilidade de conhecer melhor o que havia no mercado.

A revista alegava, inclusive, não poder prescindir destes patrocinadores, dado os custos elevados de sua produção, o que a fazia buscar, formar e manter uma boa relação com o seguimento comercial local, a quem, em contrapartida, não negaria “apoio no tocante a propaganda das suas atividades, sem as quais, difícil seria fazer face aos excessivos gastos e compromissos que tomamos para ver uma publicação como esta em circulação”. Exatamente por isso é que, visando atender o maior número de anunciantes possível, a publicação passou a agrupar propagandas diversas numa mesma página, por vezes reduzindo os espaços de cada anúncio. Assim, comprimia anunciantes menores em páginas com até seis ou mesmo oito propagandas, enquanto destinava páginas exclusivas apenas para patrocinadores de maior cabedal. Com o passar do tempo, as publicações de páginas inteira foram se tornando mais raras e, em geral, mesmo grandes firmas passaram a dividir seus anúncios com outros compradores.

O ingresso de matérias vindas do DIP, forçou também a redução do espaço publicitário, ou pelo menos contribuiu para que a revista buscasse uma melhor adequação daqueles espaços, articulando as propagandas em páginas sequenciadas no início e no fim de cada exemplar, empurrando as matérias, e até mesmo o editorial, para as páginas centrais.

A revista manteve uma postura agressiva, em se tratando de ir ao encontro de anunciantes e, desta forma, lançaria um clichê que passaria a fazer parte de todas as suas edições até o ano de 1943: “A vida de um anúncio numa revista é maior do que em outra publicação qualquer. Anuncie em SINTONIA”.¹⁸¹

A forte incidência publicitária em *Sintonia*, envolvendo praticamente todos os segmentos econômicos de Manaus – atividades comerciais, industriais e profissionais – confirmam a hipótese de que o comércio no Amazonas dava sinais de que começava a se recuperar da grande crise gerada, no início do século XX, pela

¹⁸¹ *Sintonia*, nº 9. Manaus, nov. 1940. Convém mencionar um elemento limitador importante em nossa pesquisa: não foi possível termos acesso aos custos dos anúncios publicados pela revista.

transferência da produção de borracha para os seringais do sudeste asiático. Seja como for, uma vez confirmada essa forte incidência, passamos a destacar a tipologia das mensagens ali encontradas, apenas descrevendo os mais comuns, ou seja, aqueles que apareceram com maior frequência.

Uma primeira constatação é a de que mesmo nos discursos publicitários procurava-se envolver o consumidor com a ideologia nacionalista propagada pelo governo estadonovista, voltada para a formação de gerações saudáveis e sadias, como costumava mencionar Vargas em seus discursos.

Inovações tecnológicas chegadas a Manaus também tiveram espaço nas campanhas publicitárias, notando-se a permanência do ideal de modernidade e progresso já presentes desde o final do século XIX. Para isso, em geral, eram reservadas páginas inteiras, permitindo que os leitores, como consumidores em potencial, pudessem explorar as novidades em todos os seus ângulos, fossem eles um telefone, uma máquina de escrever ou outro equipamento¹⁸². Equipamentos e maquinário tecnológico eram ainda valorizados quando da propaganda relacionada a serviços que os utilizavam, como por exemplo, os anúncios dos serviços tipográficos. (ver Imagens nº 11 e 12).

Como se percebe, as mensagens produzidas pela propaganda, mais do que vender um produto, contribuía também para formar a mentalidade de um período, como se percebe com as propagandas que direcionavam às mulheres as “últimas novidades” em termos de equipamentos domésticos ou produtos de beleza, por exemplo.

Passando por um novo processo de dinamização econômica, o Amazonas via ressurgir a economia extrativista da borracha e foi graças à expansão desse setor que foi possível presenciar um incrível aumento no setor publicitário na revista *Sintonia*. Casas que comercializavam a produção de borracha, armazéns que os estocavam, agenciadores de trabalhadores para os seringais, linhas comerciais marítimas abertas, podiam ser alguns dos anunciantes potenciais da revista e, de fato, eles a procuraram.

Mas a retomada da produção de borracha, ao dinamizar a economia, movimentava outros setores e serviços que também passariam a demandar a

¹⁸² As imagens que fazem referência ao telefone e a máquina de escrever foram publicados em 38 números de um total de 41 exemplares durante os anos de 1939-1943.

revista em busca de compradores de seus produtos, ou consumidores de seus serviços. E é por essa razão que os assuntos anunciados são também variados.

Conforma argumenta James Goodwin júnior, como as mensagens de anunciantes diversos tendiam a assumir características comuns, a redação não só as selecionavam, decidindo quais seriam ou não publicadas, como também as editavam, imprimindo ali suas marcas. Desta forma, diz o autor, os anúncios publicados são, ainda que de forma parcial e indireta, fruto de escolhas da redação; logo, é perfeitamente plausível lê-los como parte de um discurso sobre a cidade que os homens de imprensa queriam construir – ou, no caso, vender. E a mensagem era clara: na cidade moderna há de tudo, e há algo para cada um ¹⁸³. É exatamente por isso que a simples venda de um sapato, por exemplo, podia também ser articuladas subliminarmente a ideais e valores de modernidade, sofisticação e progresso: “SAPATARIA IDEAL, Recebe por todos os vapores os mais chiques e variados modelos de calçados, os mais modernos! Calçados de todos os tipos, homens, senhoras e creanças”. ¹⁸⁴

Ainda de acordo com Goodwin júnior:

Os anúncios são uma maneira de vender produtos, anunciar eventos, noticiar situações comerciais, e neste sentido parecem dizer respeito apenas à relação de compra e venda, ao mercado. Entretanto, é fundamental perceber que as relações econômicas ultrapassam a mera realização dos negócios: a economia é parte constitutiva da cultura de uma comunidade, e o comércio reflete, mas também age sobre, a comunidade. Os anúncios são negócios em andamento, ou por se realizar; são também, um modo de vida a se revelar, prioridades, desejos e possibilidades estampadas nas páginas dos jornais. ¹⁸⁵

Outro aspecto interessante nessa análise se reporta à influência do cinema norte americano trazido pela revista e sustentado em coluna específica, conforme já mencionamos. Além de trazer informações sobre a rotina dos atores e atrizes, projetando modelos de moda e comportamento, procurava ilustrar, em parceria com as empresas cinematográficas da cidade, a propaganda dos filmes em cartaz, garantindo ao público a informação:

CINEMA AVENIDA: A voz miraculosa de Erna Sack no mais suntuoso filme da temporada numa história que revive toda uma época de galeria

¹⁸³ GOODWIN JÚNIOR, James Willian. Anunciando a civilização: imprensa, comércio e modernidade *fin-de-siècle* em Diamantina e Juiz De Fora, MG. *Projeto História*, São Paulo, vol. 35, p. 97-117. Dezembro de 2007.

¹⁸⁴ *Sintonia*, nº 19. Manaus, nov. 1941.

¹⁸⁵ GOODWIN JÚNIOR, James Willian. Anunciando a civilização. Op. cit., p. 101.

e luxo. PEGA LADRÃO – Um enredo de gargalhadas ininterruptas com MESQUITINHA, Grande Otelo e Manuel Pêra.¹⁸⁶

Portanto, a rotina cultural promovida pela ida aos cinemas também provocava mudança em níveis comportamentais, já que, através das mensagens de beleza e moda difundidas nas telas e reverberadas pelas revistas, se influenciava parcelas significativas da sociedade. Esta passava a demandar os produtos anunciados no cinema; o que, por sua vez, gerava a abertura do comércio desses produtos e bens e; em decorrência disso, tais comerciantes recorriam novamente à propaganda em busca de mais consumidores. Criava-se, portanto, um círculo virtuoso que, ao fim e ao cabo, poderia favorecer a revista com novos anunciantes como salões de beleza, alfaiatarias, lojas de roupas, de cosméticos e sapataria.

Com relação a esse segmento de roupas, o empreendimento comercial que mais atraiu a atenção nesse aspecto o das *Lojas Pernambucanas*, recém-instalada em Manaus. Sua inauguração foi um verdadeiro acontecimento, mobilizando a cidade, além de contar com a presença do Interventor Federal Álvaro Maia. Por essa razão, o evento mereceu, inclusive, uma reportagem especial da revista. A publicação da matéria ganhou ainda maior sentido se compreendemos que na mesma edição que a publicara, saiu também uma nota publicitária da empresa. (ver Imagens nº 12 e 13)

A revista abrigou também propagandas oriundas dos governos federal e estadual, mas sem deixar claro as bases de remuneração dos serviços, ou mesmo se essa era uma ação remunerada. Assim, *Sintonia* veiculou campanha sanitária instituída por Álvaro Maia, atendendo ao que havia sido estabelecido pelo governo de Getúlio Vargas. Articuladas a essa campanha, mensagens publicitárias passaram a incentivar o uso da carteira de passes individualizados, no que havia uma parceria com a firma concessionária dos serviços de transporte *The Manaus Tramways And Light Limited*, passando a seguinte mensagem:

É elegante, É higiênico, É necessário! Compre suas carteiras de passes expostas a vendas nas estações dos bondes. É econômico obter suas passagens para o mês inteiro. Não se contamine e nem se contagie. Evite a lepra, a tuberculose e outras moléstias repugnantes.¹⁸⁷

¹⁸⁶ *Sintonia*, nº 4. Manaus, jun. 1940.

¹⁸⁷ *Sintonia*, nº 20. Manaus, dez. 1941.

A análise das propagandas na revista *Sintonia*, aqui apenas esboçada, permite a ampliação de novas frentes de pesquisa, com a possibilidade de entabular outras perguntas e questões, ampliando amostras, estabelecendo comparações, inquirindo sua recepção e impactos no cotidiano das pessoas e da cidade. Tais aprofundamentos que emergirão, todavia, em tempo próprio.

Capítulo 3

Imprensa e Poder Político no Amazonas

3.1 - A Construção da Imagem Getuliana em *Sintonia*

Ao longo desta dissertação, temos caminhado com a hipótese de que *Sintonia*, outrora a “revista dos telegrafistas do Amazonas”, acabou por afastar-se de seu perfil inicial, para trilhar o caminho – mais fácil!? – de sua plena adequação aos ditames do regime ditatorial inaugurado pelo Estado Novo. Duas evidências nos colocaram neste caminho, sendo a primeira a constatação das grandes dificuldades enfrentadas em seus números iniciais para continuar sua existência, sempre referenciadas em meio a discursos de apreensão e ressentimentos. A outra é a percepção de uma rápida inversão, levando a revista em direção à estabilidade e expansão, reconhecida com satisfação por seus produtores, que passam, inclusive, a sonhar com a ampliação do alcance de sua publicação, para além das esferas regionais e, até mesmo, nacionais. A mediar esses dois momentos, tem-se uma troca de telegramas entre Rigoberto Costa e ninguém menos que o próprio Getúlio Vargas.

A especulação nos parece válida, ainda mais porque vai ao encontro das abordagens historiográficas vigentes – e em especial a historiografia do Estado Novo¹⁸⁸ – dando conta de que as décadas de 1930 e 1940 caracterizam-se como um momento de crescente interesse por parte dos governantes, democráticos ou autoritários, em entabular uma política de comunicação massiva capaz de reverberar suas realizações para a grande massa da população. Como sustenta Maria Helena Capelato,

A propaganda política é estratégica para o exercício do poder em qualquer regime, mas naqueles de tendência totalitária ela adquire força muito maior porque o Estado, graças ao monopólio dos meios de comunicação, exerce censura rigorosa sobre o conjunto das informações e as manipula.¹⁸⁹

¹⁸⁸ CAPELATO, Maria Helena. Estado Novo: novas histórias. Op. cit., p. 183-213.

¹⁸⁹ CAPELATO, Maria Helena. “Propaganda política e controle dos meios de comunicação”. In: PANDOLFI, Dulce. (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 169.

No Brasil, a implantação do Estado Novo – que coincide com o período de existência de *Sintonia* – trouxe a preocupação com a propaganda política para a ordem do dia, fazendo com que os governos estabelecidos lançassem mão de “sofisticadas e diversificadas políticas de propaganda governamental, que se valeram dos mais modernos veículos e técnicas de comunicação então existentes”¹⁹⁰, embora pudessem ser implementadas por cada governo de maneiras diferentes.

Os organizadores da propaganda varguista, atentos observadores da política de propaganda nazifascista, procuraram adotar os métodos de controle dos meios de comunicação e persuasão usados na Alemanha e na Itália, adaptando-os à realidade brasileira.¹⁹¹

Como tivemos oportunidade de mencionar ao longo do primeiro capítulo, esse processo de controle dos meios de comunicação se estruturou no Governo Vargas por intermédio da criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), em 1939, já durante o Estado Novo. Embora, estabelecesse como sua “função elucidar a opinião pública sobre as diretrizes doutrinárias do regime, atuando em defesa da cultura, da unidade espiritual e da civilização brasileira”, o DIP primou-se pelo rigoroso controle da informação, viesse ela da imprensa, do rádio, do cinema, ou de qualquer outra forma de comunicação, lançando mão da censura, dos empastelamentos, da intimidação e da prisão de todos aqueles que pudessem se colocar como entraves à ideologia do poder.

Procurou ainda levar o discurso getuliano às diversas camadas sociais do país através de uma linguagem centrada em imagens, símbolos e mitos. Ao fomentar a construção de uma figura carismática e heroica de si mesmo, Vargas criou “instrumentos eficazes para atingir o coração do povo brasileiro a serviço da legitimação do seu regime político”.¹⁹²

Outro instrumento fundamental para o controle dos meios de comunicação foi a cooptação, atraindo órgãos de imprensa e seus produtores por meio da concessão de favores. Assim, o instaurar o Estado Novo, o chefe da nação,

¹⁹⁰ GOMES, Ângela de Castro. Propaganda política, construção do tempo e mito Vargas. Anais do XXII Simpósio Nacional da ANPUH. João Pessoa: ANPUH, 2003.

¹⁹¹ CAPELATO, Maria Helena. “Propaganda política e controle dos meios de comunicação”. Op. cit., 169.

¹⁹² CARVALHO, José Murilo de. “Brasileiro Cidadão?” In: *Pontos e bordados*. Escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

por meio de suas agências de controle, começou a empreender sistemática atuação no sentido de coagir e cooptar a imprensa.

O regime diluía sua ideologia e interesses em discursos voltados para a construção de um projeto nacional que pressupunha a adesão de todos, por meio da emergência de seus sentimentos nacionalistas e patrióticos, como pré-condição para se chegar à ordem e ao progresso.

Durante todo o período analisado, as marcas desse discurso estiveram presentes nas páginas da revista *Sintonia*, fazendo com que ela também assumisse o papel de difusora dos ideais do novo regime, ficando evidente a existência de matérias nas quais era possível detectar o entrelaçamento entre a propaganda nacional e a veiculação do discurso de legitimação do regime.

Através da propaganda governamental e do culto à imagem do presidente Getúlio Vargas, resultava evidente a aproximação da revista com o Estado Novo, com *Sintonia* justificando essa adesão no entendimento de que o regime instaurado por Vargas era de suma importância não só para a superação da profunda crise à qual a região havia sido submetida, como também para a consequente prosperidade do Amazonas. Neste sentido Hosenildo Alves tem razão ao afirmar que “a Revista Sintonia é uma fonte histórica de extrema importância para a análise desse momento, principalmente no que concerne à utilização da imprensa, com veículo das mensagens e representações do regime”.¹⁹³

Como já mencionado, os instrumentos que possibilitava ao DIP um maior controle sobre os meios de comunicação eram diversos, indo da franca repressão, ao uso de isenções de impostos para a compra de papel, sendo este último recurso utilizado em larga escala.

O editor-chefe de *Sintonia* tinha noção exata dos acontecimentos nacionais, afinal, como proprietário de uma empresa jornalística e transitando pelos círculos políticos do Estado, certamente acompanhava o desenrolar dos fatos noticiados pelos mais vastos canais de comunicação. A aparente aproximação com o Estado Novo nos reporta para uma questão de sobrevivência estimulada principalmente por questões econômicas. Assim, nos acercamos novamente das ideias de Capelato que demonstra a eficácia dos mecanismos persuasivos de Vargas, já que “a partir de 1940, 420 jornais e 346 revistas não conseguiram registro no

¹⁹³ ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e poder. Op. cit., p. 95.*

DIP. Os que insistiram em manter sua independência ou se atreveram a fazer críticas ao governo tiveram sua licença cassada e as publicações inconvenientes foram suprimidas”.¹⁹⁴

Desde os primeiros números, *Sintonia* se manteve exatamente fiel à ordem imposta, e em nenhum dos seus números, encontramos qualquer assunto que pudesse ser incluído no rol dos temas e assuntos proibidos¹⁹⁵ pelo DIP, e isso até mesmo antes de sua cooptação oficial, os seja, da concessão de seu registro, ele mesmo uma moeda de troca fundamental no processo de cooptação.

É preciso argumentar que quando falamos aqui em cooptação, não significa que este processo fosse assimilado como algo negativo para Rigoberto Costa e seus apoiadores, que lhes impusesse o abandono de posturas políticas e ideológicas que contrariavam o discurso e o ideário da ordem. Antes é possível pensar na existência prévia de afinidades políticas e ideológicas entre *Sintonia* e seu editor e o Estado Novo, sendo o processo de cooptação até mesmo desejado e assumido sem rodeios, ganhando-se, no processo, condições materiais e facilidades que acabaram por favorecer a todos os envolvidos.

Rigoberto Costa procurou sempre deixar claro essa posição de acatamento das diretrizes estruturadas pelo DIP e, desta forma, alertava acerca de normas que deveriam ser seguidas pelas contribuições das matérias que iriam compor as edições:

A fim de satisfazer as exigências do decreto que regula as atividades da imprensa e da profissão de jornalista no país, encarecemos para que todas as colaborações que nos sejam enviadas venham devidamente acompanhadas do nome e residência dos respectivos autores, independentemente do pseudônimo se isso aprouver ao colaborador; entretanto a prova de sua identidade é condição essencial e indispensável, para que os trabalhos enviados sejam tomados na devida consideração e conseqüentemente publicação.¹⁹⁶

Não nos foi possível identificar posturas diretas e explícitas com relação a censura de colaborações por seu teor potencialmente infracional, entretanto

¹⁹⁴ CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 70.

¹⁹⁵ Capelato faz também uma lista desses assuntos proibidos, incluindo descontentamento com o governo, oposição ao regime, temas ou notícias relativos a problemas econômicos, divulgação de acidentes, desastres, catástrofes, naufrágios, queda de avião e incidentes como brigas, agressões, crimes, corrupção, suborno, processos, inquéritos, sindicâncias, etc. CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano, vol. 2* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 107-143.

¹⁹⁶ *Sintonia*, nº 4. Manaus, jun. 1940.

indícios desse controle aparecem na documentação. Assim, em uma recusa textual feita pelo chefe de redação de *Sintonia*, encontramos o seguinte argumento: “Seu trabalho deixa de ser publicado por conter nuances que não condizem com a nossa probidade literária [e] está muito nebuloso”¹⁹⁷. Não foi possível ter acesso ao texto, porém, dentro do “campo das possibilidades” podemos imaginar através do teor do comunicado que textos contrários à revista ou aos ditames do regime estadonovista não seriam aceitos.

O dado que nos parece, todavia, mais relevante diz respeito à sobrevivência daquele projeto editorial, de forma bem estruturada e ininterrupta, desde seu quarto número, entre junho de 1940 – quando se percebe o fim das interrupções e a ampliação dos conteúdos encaminhados pelo DIP – até o quadragésimo primeiro número, quando então a revista sai de cena, nesta sua primeira fase.

Adentrando o universo político explorado por *Sintonia*, analisemos a seguir a pluralidade de referências e a dinâmica das relações entre os órgãos de imprensa e o poder coercitivo implementado durante o Estado Novo, lembrando sempre que, os discursos apresentados deveriam conter “técnicas de manipulação destinada a provocar mudanças de sensibilidade e exaltação dos sentimentos”.¹⁹⁸ Como sustenta Bronislaw Baczko, manipulando os meios de comunicação e controlando a informação, o estado autoritário busca assumir “o controle total sobre as mentalidades e, designadamente, sobre a imaginação social; por outras palavras, tratar-se-ia de bloquear eficazmente qualquer atividade espontânea, não controlada, da imaginação social”.¹⁹⁹

A difusão de uma ideologia necessita de todo um aparato discursivo, isto é, de discursos que colaborem com os interesses pretendidos pelos grupos no poder. E, desta forma, é possível perceber que durante o Estado Novo o regime mobilizou a produção intelectual, tentando coloca-la a serviço da sustentação da doutrina formulada por Getúlio Vargas.

Essa abordagem foi amplamente demonstrada por Ângela de Castro Gomes, para que um dos espaços onde a intelectualidade brasileira melhor soube expressar o seu apoio ao novo regime, teria sido em *Cultura Política, Revista Mensal*

¹⁹⁷ *Sintonia*, nº 9. Manaus, nov. 1940.

¹⁹⁸ CAPELATO, Maria Helena. O Estado Novo: o que trouxe de novo? Op. cit., p.

¹⁹⁹ Apud ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e Poder*. Op. cit., p. 41.

de Estudos Brasileiros, editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP de 1941 a 1945, e dirigida por Almir Andrade que em 1943 se tornaria diretor da Agência Nacional.²⁰⁰

O quanto *Sintonia*, pode desenvolver uma atuação nesse sentido, mobilizando a intelectualidade local adepta ao regime, é uma questão que se põe à investigação. Com efeito, desde o início do ano de 1940, encontramos nela um a emergência de artigos assinados abordando essas questões, como no artigo “O Brasil em Reconstrução”, assinado por Almir Andrade.²⁰¹

Ali, Andrade faz comparações com os últimos dez anos da República e o contexto de modernização pelo qual passou o país nos anos recentes, referindo-se, neste caso, ao governo de Getúlio Vargas. O Brasil, em sua visão, vivenciava uma situação de conforto e confiança, pois, o que se assistia era um espetáculo de trabalho e de energia construtora. O autor ainda deixa claro que toda essa mudança ocorreu depois de 1937²⁰², quando a reorganização política lhe permitiu mais liberdade de ação.

O que nos conforta, acima de tudo, é compreender que o verdadeiro espírito e a verdadeira energia conseguiram afinal encarnar-se num homem, que um feliz destino colocou na direção política do país no momento oportuno em que o mais necessitávamos momento de incertezas e atribuições para o mundo. Foi a nossa felicidade. E talvez o futuro mostre que também foi a nossa salvação.²⁰³

A se levar em conta os argumentos de Almir Andrade, é certo que o DIP, durante seu momento de maior influência na imprensa brasileira, difundiu uma imagem sacralizada do regime e divulgou-a por todo o país. O culto ao personalismo foi insistente e, dessa forma, a imagem do presidente passou a fazer

²⁰⁰ De acordo com Gomes, os artigos publicados pela revista empregavam uma estratégia de convencimento com base na argumentação científica, através da construção de diagnósticos e apresentação de recursos para a realidade nacional. A política era apreciada como ciência que exige especialização, talento e vacação. A política via o intelectual como prenunciador das grandes mudanças históricas, elemento de união entre governo e povo. A autora esclarece que mais de 80% dos autores dos artigos publicados na revista estavam diretamente vinculados à burocracia do regime. Portanto, a maior parte da ideologia difundida é formulada pela burocracia do Estado Novo.

²⁰¹ *Sintonia*, nº 10. Manaus, dez. 1940.

²⁰² “A Constituição de 1937 caracterizou-se por três grandes traços fundamentais: a unificação do poder político, a nova organização federativa do Brasil, a nova posição do indivíduo e do corpo social em face do Estado. A unificação foi praticamente realizada pela supremacia do poder executivo, que assumiu o papel de órgão de coordenação e de supremacia, na vida política nacional coordenando a política nacional”. *Cultura Política: revista mensal de estudos brasileiros*. Rio de Janeiro, ano I, nº 5, Julho de 1941.

²⁰³ *Sintonia*, nº 10. Manaus, dez. 1940.

parte do cotidiano do povo amazonense, com *Sintonia* dando grande contribuição nesse processo.

Lembremos que os periódicos da época eram obrigados a inserir em sua composição até 60% de matérias fornecidas pela agência nacional e estas vinham na forma de notícias de inaugurações de obras e edificações, discursos, visitas e deliberações governamentais.

Sintonia contou com o apoio de intelectuais do próprio Estado do Amazonas para divulgar a popularidade do chefe da nação. No cenário amazonense e dentro da própria revista, a figura que mais se destacou nesse processo foi a de Leopoldo Peres, chefe do recém-criado *Departamento Administrativo do Amazonas (DAA)* ²⁰⁴. O próprio Rigoberto Costa escreveria na coluna “*Livros Novos e Revistas*” alguns comentários sobre o lançamento e a publicação do livro *Política e Espírito do Regime*, de autoria de Leopoldo Peres.

Esse livro foi editado pela empresa “A Noite” do Rio de Janeiro. Leopoldo Peres é um intelectual cuja fama corre longe através do Brasil, tanto quanto orador fulgurante como jornalista.

Convencidos estamos que o livro pode figurar no rol dos bons livros escritos sobre o Estado Novo, de quem o escritor amazonense se constitui um dos mais autênticos apóstolos. O seu livro vale ser lido com atenção por quantos se interessam pela vida nacional e pelos assuntos nos quais se envolvem os interesses superiores da nacionalidade norteados pelo presidente Getúlio Vargas. Estão de parabéns, pois, as letras do Amazonas com esta contribuição para o Brasil. ²⁰⁵

Vários outros artigos de autoria de Leopoldo Peres passaram a compor a revista e, como bem mencionou Rigoberto Costa, ele era um grande intelectual, de potencialidade inigualável, sendo assim, sua contribuição para a legitimação do Estado Novo era *muito bem vinda*.

Encontramos ainda outro artigo relevante publicado por Leopoldo Peres com o título “Getúlio Vargas o Homem e o Chefe”. Aqui o autor trabalha com os atributos pessoais da figura de Getúlio Vargas, passando uma imagem fascinante da sua vocação para ser um “chefe de Estado”, comentava ainda de sua “bondade,

²⁰⁴ Leopoldo Peres foi também eleito em 1943 para a Associação Amazonense de Imprensa. *Sintonia*, nº 34. Manaus, 1943, p. 06.

²⁰⁵ *Sintonia*, nº 22. Manaus, mar. 1942.

generosidade, magnanimidade o dom por excelência de compreender e perdoar”.²⁰⁶

Segundo Monica Pimenta Veloso, os intelectuais passaram a desempenhar um papel vital para a estruturação do novo regime, cabendo a eles a função de unir governo e povo para o bem da nação. Como atuavam massivamente no jornalismo, a imprensa escrita foi “o lugar por excelência de produção e difusão do discurso estadonovista” ²⁰⁷. *Sintonia* contava com um grupo de colaboradores em seu corpo editorial de pessoas que estavam diretamente ligadas ao regime e, dessa forma, a revista funcionava como central de informações bibliográficas, noticiando e resenhando todas as publicações sobre Vargas e o Estado Novo.

Não há como negar que as elites intelectuais²⁰⁸ estiveram presentes no cenário político estadonovista, ou seja, “*defendendo o direito de interferência no processo de organização nacional*”²⁰⁹, sua missão se destinava à construção de um anseio nacionalista para a autovalorização da nação. Monica Pimenta Velloso defende ainda que foi durante o Estado Novo (1937-1945) que se revelou uma profunda influência deste grupo social para a construção política e ideológica do regime.

Reportando-nos ao primeiro número da revista, observamos que Rigoberto Costa destinou em página exclusiva, um texto de sua autoria, “*A data máxima da pátria*”, onde, através de um discurso patriótico, o editor-chefe de *Sintonia* reconstruirá o processo de Independência do Brasil, através de suas lutas históricas. Entretanto, com a análise mais detalhada do texto, foi possível observar que, na verdade, se tratava de um comparativo que estabelecia com a figura do Presidente Getúlio Vargas, reportando o leitor para a “imensidão e ao futuro do Brasil”. Neste ínterim, tentando dar feição revolucionária às suas ações, lembrava o passado como algo velho, atraso que deveria ser superado por novas ações.

²⁰⁶ *Sintonia* nº 30. Manaus, nov. 1942. Cabe ressaltar que dois dos mais importantes livros escritos por Peres sobre Vargas e o Estado Novo e que posteriormente foram publicados no Rio de Janeiro, obtendo larga projeção no cenário nacional da época, surgiram assim, como artigos jornalísticos, com este publicado em *Sintonia*.

²⁰⁷ VELLOSO. Mônica Pimenta. Cultura e Poder Político: Uma configuração do campo intelectual. In: OLIVEIRA. Lucia Lippi et al. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Op. cit., p. 73.

²⁰⁸ Para Gramsci cada grupo social, nascendo em terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo e de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político.

²⁰⁹ VELLOSO. Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Contemporânea do Brasil (CPDOC), 1987. 50 p.

Portanto, naquele momento, seu entendimento era de que o Brasil estava nas mãos de um brasileiro de “*envergadura e fibra máscula*”.²¹⁰

Desse modo, a construção da brasilidade seria aplicada principalmente na consagração da tradição histórica, neste momento representada pela reprodução dos símbolos como também dos heróis nacionais. Obedecendo ao propósito, a *Sintonia* através de Rigoberto Costa, reunirá uma série de artigos com referência às comemorações cívicas do Estado Novo, que, ao serem noticiados, traziam a intenção de transformar Vargas em “*Herói da Nação*”, no único homem capaz de defender os interesses do Brasil.

Sobre esse aspecto, convém lembramos Lucia Lippi de Oliveira:

Foi necessária a criação de um verdadeiro aparato cultural, destinado a produzir e a difundir a ideologia do Estado e a cooptação da maioria dos intelectuais e artistas, integrando os ao seu projeto político enquanto atores fundamentais para alimentar a sua mecânica. A figura do intelectual valorizada e integrada à administração estatal tornou-se fundamental para o regime como intérprete do espírito da nacionalidade brasileira fundada em costumes, religião, raça, língua e memória.²¹¹

A partir de novembro de 1940, *Sintonia* dará ênfase principalmente ao aniversário do novo regime, referenciando-o com grande entusiasmo patriótico. Neste momento já teremos na revista amazonense um discurso oficial a serviço do governo:

10 de Novembro assegurou ao Brasil a promessa de grandes vitórias, nos setores das atividades humanas. Falhou a promessa do guerreiro de um povo fadado a um grande futuro? NÃO. A realidade aí está no Brasil de hoje, onde a alegria demora em todos os semblantes, onde o progresso vive, onde se vê o amigo ardoroso no auxílio mútuo e coletivo em benefício do ideal único de alevantar a pátria. [...]; Regime na verdade de confiança, e não de expectativa, como era o passado, o 10 de Novembro, inaugurado pelo grande brasileiro que preside os destinos de um povo bajelado pela sorte merece o apoio de todos nós brasileiros, que vivemos e sentimos a arrancada progressiva de nossa pátria.²¹²

O discurso apresentado pela revista *Sintonia* não estava distante do que era mencionado por Vargas em seus dizeres oficiais. Assim, segundo Adriano Nerro e Walter Guandalini “O caráter nacional do regime político por oposição ao sentido universalista do liberalismo – e sua atualidade – um governo adequado ao presente, e não atado a um futuro inexistente nem muito menos romântico e

²¹⁰ *Sintonia*, nº 1. Manaus, sete. 1939.

²¹¹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Introdução. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi et al. *Estado Novo: Ideologia e poder*. Op. cit. p. 14-30.

²¹² *Sintonia* nº 9. Manaus, nov. 1940.

nostálgico do passado”²¹³, em outras palavras, o Estado Novo seria um processo real, com características sólidas, a fim de evitar um discurso aleatório perante a nação que havia depositado em sua figura o caminho para a sua construção.

Outra data enfatizada de forma celebrativa por *Sintonia* foi o 1º de Novembro, referentes às comemorações do “Discurso do Rio Amazonas”, que Vargas proferiu no Teatro Amazonas, em Manaus, e ao aniversário de Getúlio Vargas. Esses discursos davam ao povo amazonense a “sensação de governo capaz de resolver os infindáveis problemas nacionais, na medida em que seus quadros traziam para a nação, constantes estados de sossego, ordem e segurança”.²¹⁴

Nesse contexto, a educação passaria a ter uma importante função para a consolidação da política estadonovista, que através de um projeto político pragmático ambicionaria a formação de cidadãos comprometidos com a pátria, à sociedade e por fim, à família. Na impossibilidade de analisarmos todo o universo discursivo do Estado Novo sobre a juventude e o seu projeto educacional, selecionamos alguns discursos presentes em *Sintonia* sobre o tema. No entanto, é importante assinalar que não é objeto desta pesquisa questionar a receptividade desses discursos, já que isso demandaria tempo e trabalho de pesquisa que extrapolam os nossos limites.

A educação do jovem era central no repertório doutrinário varguista e, por este motivo, toda a ação política governamental foi destinada a proporcionar para os jovens a transmissão de valores, tendo em vista a construção de um nacionalismo forte. Essa nova proposta educacional assumiria um importante papel social, ou seja, seria a grande responsável pelas transformações necessárias para a construção da sociedade pretendida pelo governo, residindo ao propósito de resgatar o patriotismo através da tradição dos heróis do passado.

Por meio de publicação de matérias e editoriais específicos acerca da necessidade de engajamento de todos para a consolidação do patriotismo, *Sintonia* passou a divulgar as novas propostas educacionais do Estado Novo. Neste particular, em setembro de 1941, lançou uma edição comemorativa ao aniversário da independência do Brasil, publicado ali um discurso de Getúlio Vargas dirigido a

²¹³ CODATO, Adriano Nerro; JUNIOR, Walter Guandalini. Os autores e suas ideias: um estudo sobre a elite intelectual e o discurso político do Estado Novo. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº 32, 2003, p. 145-164.

²¹⁴ ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e poder*. Op. cit., p. 142.

todo o povo brasileiro ²¹⁵. Nela, toda a fala presidencial estava relacionada ao renascimento da consciência do país que a partir daquele momento via a festa da independência como um momento de verdadeira consagração nacional.

Este ato solene em Manaus contou com a participação dos jovens estudantes das mais importantes escolas da cidade, como o Colégio Santa Dorotéia e o Instituto de Educação do Amazonas, dentre outros. Nestes eventos oficiais, *Sintonia*, ao noticiar o entusiasmo dos jovens em participar do desfile cívico, argumentava estar colaborando na obra de reconstrução nacional proposta por Vargas.

As fotografias publicadas pela revista passavam a imagem de que os desfiles cívicos, contando com a participação dos jovens, haviam se transformado em exemplos concretos da estreita ligação da mocidade com o Estado Novo. Para Vargas, a figura do jovem se fazia presente em todos os seus discursos e, portanto, o DIP a tinha como uma temática persistente, já que caberia ao jovem o destaque na construção da nacionalidade pretendida.

Com efeito, durante a vigência do Estado Novo, a educação primária no Brasil apresentava uma ampliação positiva. No ano de 1931, o país contava com um número de 28.000 escolas com uma média de 2.000.000 alunos frequentes; enquanto em 1940 existiam 42.000 escolas e 3.500.000 de alunos matriculados, aumentando o número de escolas em 50% e o número de alunos em 75%. Os dados mostram que a educação primária no Brasil passara a apresentar uma intervenção direta do governo federal e, desse modo, deixavam claro que o país intervinha no sentido de construir uma adesão da população ao projeto político em vigor, não apenas mobilizando a infância e a juventude, mas, por meio dela, atingindo o seio familiar. Vejamos abaixo como *Sintonia* operacionalizava esses anseios em suas matérias:

O Presidente Vargas e as crianças

Uma das facetas mais comovedoras do coração do presidente Getúlio Vargas é a sua ternura infinita pelas crianças. Em todo o período de seu benemérito governo inúmeras, são as leis de assistência a infância que o chefe da nação tem assinado, notando-se mesmo, no espírito da legislação que rege a matéria, o desvelo e o carinho com que sua excelência encara os problemas que dizem respeito as crianças brasileiras. O presidente Getúlio Vargas teve esta frase que bem definiu o

²¹⁵ *Sintonia*, nº 14. Manaus set. 1941.

seu pensamento superior para a infância: “é preciso plasmar na cêra virgem que é a alma das crianças, a imagem da própria pátria”.²¹⁶

Discursos como este, construído por *Sintonia*, clarificam o propósito de Vargas com as melhorias mostradas no campo educacional. Existe, portanto, uma indicação de que os sentimentos de amor e ternura pela mocidade agregavam ao grande chefe os seus sentimentos de patriotismo, desejando uma infância forte, saudável, e robusta, bem preparada fisicamente para assegurar a grandeza do Brasil imaginado pelo novo governo.

No Amazonas, os editores de *Sintonia* mantinham sempre uma preocupação cautelosa na divulgação dos acontecimentos envolvendo a juventude. Todos eram sabedores desse projeto político educacional montado pelo Estado Novo, assim, as comemorações da *Semana da Pátria* recebiam toda a atenção possível, ou seja, as notícias divulgadas conclamavam o fervor patriótico dos jovens amazonenses.

Em 1943, durante as celebrações de setembro, Kideniro Teixeira, editor de *Sintonia*, publica uma reportagem carregada de componentes nacionalistas através da coluna “*Parada da Juventude*”, enfatizando o fervor patriótico sentido pela mocidade: “*via-se cada expressão e em cada rosto suarendo carminando de sangue vivo pelo ardor patriótico*”. As concentrações cívicas ocorriam na Praça General Osório com a presença de todas as autoridades civis e militares. O público presente, em sua grande maioria formada pelos próprios jovens acompanhados de seus professores, eram tomados como um testemunho afirmativo de que o Brasil estava de pé para as grandes conquistas no futuro.

Para as autoras Ana Magaldi e Libânia Xavier que discutem o tema, o século XX vivenciou uma grande produção de impressos voltados para a juventude com um viés educativo, seus objetivos permeavam a construção do sujeito, assim, voltadas para a “*conformação de hábitos, valores e comportamentos*”. Ainda segundo as autoras, esse tipo de literatura pode ser considerada como uma estratégia de formação de cidadãos considerados os futuros responsáveis pelo progresso da nação.²¹⁷

²¹⁶ *Sintonia*, nº 35. Manaus, abr. 1943.

²¹⁷ MAGALDI, Ana Maria; XAVIER, Libânia Nacif. *Impressos e História da Educação: Usos e Destinos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008; Ver ainda: SILVA, Ana Paula da. “A lição da mocidade reta”: Um olhar sobre biografias de Getúlio Vargas para crianças e jovens (1937-1945). Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro: UERJ, 2011.

Dessa forma, podemos encontrar em *Sintonia* mais uma relação direta com os propósitos do Estado Novo. Em mais uma coluna assinada por Leopoldo Peres, dedica-se mais uma vez a atenção aos jovens amazonenses. A matéria fazia referência a Getúlio Vargas e às gerações moças do Brasil.²¹⁸ Estava presente também o desejo de reverberar os conteúdos de um livro recém-lançado de André Carrozzoni, voltado para o público infantil, e cuja difusão foi amplamente apoiada pelo DIP.²¹⁹

Leopoldo Peres, se apropriando das palavras do ministro da Educação, Gustavo Capanema, defendia que Carrazzoni era o mais indicado para escrever o perfil do “estudante Getúlio Vargas” e convocava o leitor amazonense a seguir o modelo de vida de Vargas quando jovem. Ao se apropriar de forma acalorada do discurso varguista, Leopoldo Peres, deixava claro seu objetivo:

As gerações moças do Brasil encontrarão no iluminado exemplo do seu egrégio orientador a mais rica e profunda fonte de mediações cívicas de inspiração moral, de sadios estímulos patrióticos para se habilitarem a missão que se lhes impõe no futuro do nosso povo, na formidável tarefa construtiva da nossa raça.²²⁰

Essa mocidade já era imaginada pelo Estado Novo desde o ano de 1941 e, através de uma educação *Moral*, proposta por Coelho Neto, compreenderia uma educação cívica capaz de levar a todos os brasileiros o absoluto amor pela pátria e, dessa forma, não só a educação sofreria uma intervenção direta, como também era defendida a nacionalização dos desportos como parte integrante de um processo educacional. Essa nacionalização dos desportos tinha como característica básica a adaptação das sociedades recreativas para a inserção de métodos que visassem o melhoramento eugênico da raça:

Nacionalizar as associações desportivas – o que contribuirá o objetivo patriótico do governo – será adaptá-las a missão de colaborar, especialmente, na restauração física da mocidade, de sorte que se preocupem menos com a industrialização dos divertimentos públicos do que com a sistematização racional da educação física, baseada em orientações científicas rigorosas e em critérios técnicos menos empíricos do que os atualmente reinantes.²²¹

²¹⁸ *Sintonia*, nº 39. Manaus, set. 1943.

²¹⁹ Publicada pela editora *A Noite*, o livro *Perfil do Estudante Getúlio Vargas* teve três edições, sendo a primeira datada de setembro de 1942. Para a análise desta pesquisa, utilizamos exemplares da 3ª edição disponível no acervo do CPDOC.

²²⁰ *Sintonia*, nº 39. Manaus, set. 1943.

²²¹ *Sintonia* nº 17. Manaus, set. 1941.

A ordem do governo federal dada à imprensa, solicitando a divulgação do Decreto-lei nº 3.199, de 14 de Abril de 1941 foi cumprida por de forma imediata. Visando colaborar com a proposta governamental, os editores de *Sintonia* criam uma nova seção com o título *Sintonia nos Esportes*. Por ela, em todas as edições futuras a revista passou a divulgar as práticas desportivas realizadas no Amazonas, procurando sempre mostrar que o novo decreto governamental era respeitado pelo Estado e principalmente pela imprensa.

Mantendo esta secção, pedimos para ela atenção de todas as entidades esportivas do Amazonas – tencionamos ilustrá-la com instantâneos dos embates realizados durante o mês, bem assim, com os clichês dos elementos que mais se distinguem nas competições etc. Para isso necessitamos do apoio franco e decidido naqueles em cujas mãos, estão entregues os destinos do esporte no Amazonas. Quer ser Forte? Pratique esporte! ²²²

Ainda na tentativa de justificar a intervenção do Estado na prática desportiva Leopoldo Peres, em 1943, escreve nova coluna referenciando a iniciativa, ou seja, em sua fala os erros do passado foram corrigidos por Getúlio Vargas e o Brasil vivenciava um período de renovação política e cultural, a qual a juventude brasileira desfrutava:

A carta magna de 10 de Novembro, nalguns dos seus preceitos basilares, e as leis subsequentes de proteção a infância e a adolescência, e de estímulo a formação ética eugênica da juventude proclamando-lhes os “direitos essenciais” e assegurando-lhes a preparação indispensável ao cumprimento de seus deveres para com a economia e a defesa da nação definem esse admirável movimento de integração das gerações novas no corpo e na alma do regime. ²²³

Dessa forma, não restam dúvidas que os editores de *Sintonia* quiseram passar a informação ao Departamento de Imprensa e Propaganda que a juventude do Amazonas já estava consciente de seu papel e colaborava com o governo. Todavia, é importante ressaltar que, na prática, isso de fato não acontecia. Mas as imagens publicadas por *Sintonia* eram cuidadosamente selecionadas para demonstrar o contrário, ou seja, em todas as comemorações cívicas os jovens estavam presentes com o sorriso estampado no rosto e bandeiras em punho.

Na edição de outubro do ano de 1943, o discurso presente no editorial e elaborado por Rigoberto Costa e Kideniro Teixeira, permite chegarmos a algumas

²²² Idem.

²²³ *Sintonia* nº 35. Manaus, abr. 1943.

conclusões acerca da função exercida por este periódico na imprensa amazonense visando a colaboração com os objetivos do Estado Novo:

O nosso programa tem sido fielmente cumprido e temos, vivido combatendo pelo mais nobre ideal, difundido as opulências deste recanto maravilhoso e cooperando para a obra do renascimento nacional dentro do espírito do regime criado pelo eminente estadista que tão bem tem sabido conduzir os nossos destinos – o Presidente Getúlio Vargas – o maior condutor de povos de todas as Américas. ²²⁴

Com a contribuição dada ao regime, a ordem era seguir “*Sempre para Frente*” e a cúpula editorial estava plenamente satisfeita e honrada pelo trabalho desenvolvido. Em contrapartida, os serviços prestados por Rigoberto Costa passaram a ser reconhecidos pelo próprio Estado Novo e ganhava prestígio com isso. A publicação do telegrama enviado pelo presidente do *Congresso de Brasilidade*²²⁵ Oton da Silva e Souza, em 11 de setembro de 1943, confirma essa hipótese. Neste documento, Rigoberto Costa era informado oficialmente da sua inclusão como membro do conselho de honra do órgão.

Exmo. Snr Rigoberto Costa – Diretor da Revista Sintonia, Manaus.
Os membros do conselho Diretor do Terceiro Congresso de Brasilidade tem o prazer de comunicar que levando em consideração os inestimáveis serviços prestados por V. Excia. ao segundo Congresso de Brasilidade, serviços esses que refletiram profundamente no espírito do nacionalismo sadio ao Brasil Novo, foi o nome do ilustre patricio incluído sob aplausos, no Conselho de Honra do referido certame. Esperando merecer, durante o corrente ano a mesma e valiosa colaboração de V. Excia, valem do ensejo para apresentar-lhe os renovados protestos de nosso alto apreço e distinta consideração. ²²⁶

Ainda no ano de 1943, sintonia recebeu um comunicado oficial do DIP, garantindo mais um ano de existência ao periódico, pois, no comunicado, era autorizada a concessão de retirar o papel com isenção de imposto, o que deixava claro que o processo de cooptação havia se firmado de forma inequívoca.

Do Sr. Major Diretor Geral do Departamento de Imprensa e Propaganda, recebeu o nosso diretor, o seguinte telegrama. Praça 15 Rio Di Nr.

²²⁴ *Sintonia*, nº 40. Manaus, out. 1943.

²²⁵ Os Congressos de Brasilidade foram eventos governamentais de exaltação cívica realizados pelo governo do Estado Novo em prol das comemorações referentes à ordem constitucional de 1937. Desejava-se que os eventos de Brasilidade ocorressem pelo país e que fossem capazes de emocionar a consciência cívica nacional e assim atuar no ideário e nas ações patrióticas. Estes congressos foram concebidos para ocorrer em todo o Brasil e assim estabelecer uma verdadeira rede de comemorações e segundo Michel Foucault, “o que faz com o que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ela não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso”.

²²⁶ *Sintonia*, nº 43. Manaus, set. 1943, p. 21.

398800 fls. 69/71 data 7 horas 21,30 – Oficial Rigoberto Costa – Rua Ajuricaba, 660 – Manaus-AM – Nr Di/c 190 de 7/1/43. Resposta vosso telegrama dois do corrente mês comunico-vos esta diretoria geral DIP autorizou alfandega Manaus dar baixa termo de responsabilidade ano passado vg. Permitiu assine revista aspás SINTONIA aspás novo termo de responsabilidade 1943 para retirar papel com isenção de impostos em quantidade igual a consumida ano findo.²²⁷

Através da homenagem e da autorização do DIP para a retirada de papel, os editores da revista *Sintonia* “pareciam” estar satisfeitos e eram sabedores de seu bom trabalho para a construção do ideal político almejado por Getúlio Vargas. Em uma das últimas edições da primeira fase da revista, e comemorativa à data natalícia do presidente, as homenagens foram acaloradas, publicando-se uma coluna com o título: “*O homem que salvou o Brasil*”, por onde se enumeravam seus feitos nos anos que se passaram do seu governo. O sentido da reportagem passa a impressão de que o Brasil estava rejuvenescido e que o Amazonas deveria acompanhar esse rejuvenescimento

3.2 Leopoldo Péres, em *Sintonia* e com o poder

Como tivemos a oportunidade de mencionar, o maior colaborador de *Sintonia*, escrevendo e assinando diversas colunas para a revista, foi Leopoldo Peres. Intelectual e político destacado e, embora fosse pernambucano de nascimento, encarnava o amazônida convicto do valor e da importância que a região tinha para o desenvolvimento nacional. Mais do que isso, professava verdadeira devoção a Getúlio Vargas e fazia sempre uma defesa incisiva do regime do Estado Novo, capaz, segundo ele, de soerguer o Brasil e a Amazônia, no que se associa pontualmente ao programa e ideário de *Sintonia*.

Leopoldo Péres transformou sua militância jornalística em doutrinação ideológica, projetada por livros de sua autoria que ganharam o país inteiro e, de quebra, amealharam a simpatia de Vargas, que passou a ver nele uma figura de confiança e, desta forma, é essa figura emblemática, que, em tempo, será chamada para assumir o segundo cargo administrativo mais importante da esfera estadual, a de Chefe do Departamento Administrativo do Amazonas (DAA). Ao assumir a

²²⁷ *Sintonia*, nº 32. Manaus, jan. 1943.

função, amplifica sua presença nas páginas de Sintonia, mas agora numa condição inversa: a revista, como se verá adiante, lhe fará a apologia e cobrirá, como uma espécie de sua porta voz, toda sua trajetória à frente do órgão.

Convém, contudo, que aqui façamos uma rápida digressão, necessária para entender a relevância do posto que Péres passou a ocupar. Com efeito, uma das peças-chaves do governo de Getúlio Vargas foi a criação do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), criado em 1938 com o “objetivo de diminuir a ineficiência do funcionalismo público federal e reorganizar a administração pública”.²²⁸

É imprescindível observar que o *DASP* representou, entre outras atribuições, um importante mecanismo de centralização política, materializando o poder do novo regime político do Brasil. Nestas circunstâncias, como comenta Fernanda Rabelo, o DASP foi um departamento primordial na execução dos objetivos do governo, organizando os orçamentos, classificando cargos do funcionalismo, introduzindo novos métodos e novas técnicas para os serviços burocráticos (universalizando procedimentos), organizando processos seletivos de funcionários por meio de concurso (meritocráticos) e criando cursos de aperfeiçoamento em administração pública, os primeiros no Brasil.²²⁹

Segundo Silvana Goulart o DASP se caracterizou por introduzir no país novos padrões de eficiência na administração pública, isto é, centralizou a reforma administrativa no setor do funcionalismo público, considerado por Simões Lopes “ineficiente devido à má formação do mesmo e a falta de concursos sérios”. Como agência ligada ao poder Executivo federal, exerceu responsabilidades que ultrapassavam suas preocupações técnicas e que, para a autora supracitada, se tornou outro “*superministério*”.²³⁰

²²⁸ RABELO, Fernanda Lima. O DASP e o combate à ineficiência nos serviços públicos: a atuação de uma elite técnica na formação do funcionalismo público no Estado Novo (1937-1945). *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, vol. 3, Dezembro de 2011. De acordo com Francisco Iglésias, o DASP deu “oportunidade a quantos se preparam para a vida pública, através dos concursos. A Classe média será a grande beneficiada com a sua ação”. IGLÉSIAS, Francisco. *Trajectoria política do Brasil, 1500-1964*. Op. cit., p. 254-255.

²²⁹ RABELO, Fernanda Lima. O DASP e o combate à ineficiência nos serviços públicos. Op. cit.

²³⁰ GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial: Ideologia, propaganda e censura No Estado Novo*. São Paulo. Editora, Marco Zero. 1990. Em 1936 foi criado o Conselho Federal do Serviço Público Civil e transformado pelo decreto 579, de 30 de julho de 1938, no DASP, sob a presidência de Luís Simões Lopes, indicado pelo então presidente do Brasil Getúlio Vargas. Lopes era um ex-funcionário do Ministério da Agricultura e ex-funcionário de gabinete da Presidência da República. Em 1935, Getúlio Vargas delegou a Lopes a função de diretor da nova comissão de estudos de reforma da

Ainda de acordo com a autora o DASP estabeleceu um novo estilo de organização administrativa, centralizando em suas mãos reformas em ministérios e departamentos, cujo objetivo inicial era modernizar o aparato administrativo. Ele diminuiu, também, a influência dos poderes locais e centralizou as decisões da administração pública, através da transferência de autoridade local para o presidente Vargas e para o Departamento e seu presidente, na capital.

Subordinados ao DASP estavam os Departamentos Administrativos Estaduais que, dentre o universo de funções que lhe eram atribuídas, estavam a de exercer as de caráter legislativas e também supervisionavam os prefeitos, que estavam submetidos ao poder do interventor federal e do presidente do departamento.

A organização dos Estados e Município, no que diz respeito a sua capacidade administrativa, era um dos pontos de maior interesse para a análise da política de centralização estabelecida pelo Estado Novo. A Constituição Federal de 1937 consolidou a unificação da direção política do país, bem como todas as ações do poder central. Assim, seguindo os preceitos da nova carta magna da nação, foram criados em todos os estados dois órgãos administrativos: o primeiro foi a Interventoria Federal, com o interventor nomeado pelo presidente da República e o segundo, funcionando ao lado da interventoria, o Departamento Administrativo estadual.

Segundo Adriano Codato²³¹, a criação dos Departamentos Estaduais está na origem de entender as funções entre governos estadual e federal, em termos orçamentários, já que, em menos de um ano após a vigência da Constituição de 1937, Vargas teria notado vários problemas decorrentes do descontrole de contas entre os estados e a união.

Assim, criava-se uma instância de articulação administrativa entre o presidente e o interventor, capaz de supervisionar os processos decisórios dos estados. Em outras palavras, se objetivava criar um controle burocratizado sobre

administração pública, que em 1936 se tornou CFSPC e, em 1938, o DASP passou a sua direção. Assim, Simões Lopes liderou o processo de reforma administrativa no Estado Novo, obtendo um importante papel na condução dessas reformas e na organização do novo departamento.

²³¹ CODATO, Adriano. Centralização Política e Reforma Burocrática: O Significado dos Departamentos Administrativos no Estado Novo. *Revista do Serviço Público*, Brasília, vol. 62, p.321-339, setembro de 2011.

as ações das oligarquias locais, como também dos interventores nomeados pelo presidente.

Ainda de acordo com Codato, após a consolidação do código administrativo, previsto no *decreto 1.202 de 1939*, alguns interventores estaduais²³² reclamaram abertamente sobre a limitação de poder imposta pelo novo despacho e solicitaram, junto ao governo federal, que algumas situações fossem revistas, principalmente a de que os Departamentos Estaduais fossem apenas órgãos consultivos e não deliberativos.

Os departamentos administrativos eram vistos por Francisco Campos²³³ como um progresso político, não como resultado natural da evolução do sistema institucional, mas com uma peculiaridade: os dois aparelhos – Departamento e Interventoria – e seus ocupantes eventuais, deveriam assumir, antes de tudo, um compromisso ideológico com o Estado Novo, ou seja, acatar como seus “os propósitos de defesa e de consolidação do regime” do presidente Vargas.

A posição dos departamentos administrativos na organização política do Estado Novo nos permite visualizar quais eram suas estratégias nas diversas esferas de poder: Municipal, Estadual e Federal, bem como analisar suas funções burocráticas.

O organograma reproduzido na página seguinte nos permite entender que a função política e fiscalizadora atribuída ao Departamento sugeria a preocupação de Vargas em dotar o sistema político de um mecanismo de contrapeso ao poder dos interventores, em que o próprio presidente surgisse como árbitro final das disputas regionais ²³⁴. Para Hosenildo Alves, esse novo órgão colaborava com o Interventor Federal para a criação de decretos-lei:

Estando estes sujeitos à sua prévia aprovação; ainda fiscalizava a execução dos orçamentos nos Estados, podendo ainda intervir, quanto à economia, nos assuntos dos serviços públicos, repartições e estabelecimento dos Estados e Municípios, com o intuito de visualizar sua racionalização, eficiência e maneira de atuação. Também podia

²³² Segundo Codato, apenas dois interventores fizeram reclamações por escrito, foram eles: Benedito Valadares, interventor de Minas Gerais e Cordeiro de Farias, interventor do Rio Grande. É interessante apontar que foram apenas ameaças e que após os seus pedidos não serem atendidos não prosseguiram com os pedidos de exoneração.

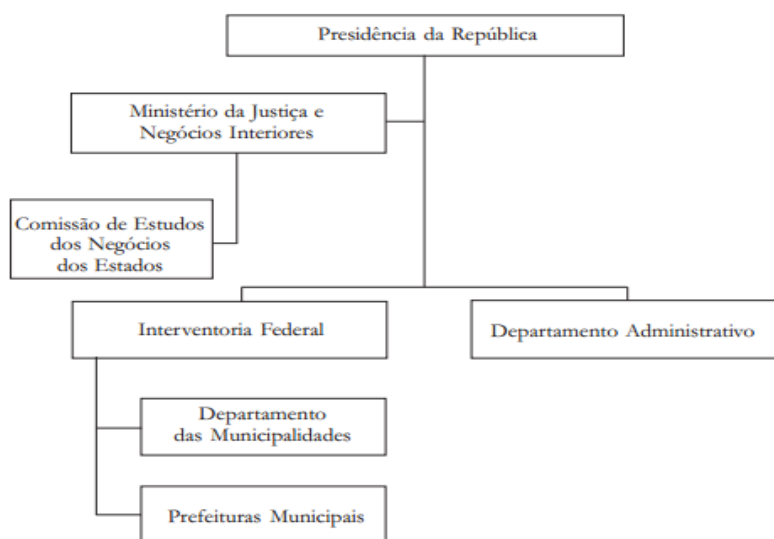
²³³ CAMPOS, Francisco. *O Estado nacional: sua estrutura, seu conteúdo ideológico*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1940.

²³⁴ CODATO, Adriano. *Centralização Política e Reforma Burocrática*. Op. cit.

modificar a organização desses órgãos, agindo em seu custeio e extinção.²³⁵

Dessa forma, os Departamentos Administrativos desempenhariam funções essencialmente técnicas, consultivas e fiscais. Todavia, o controle da vida pública estadual pelo Departamento estava sujeito às condições da centralização do governo, dentro do Estado Nacional, sendo diretamente responsável perante o presidente da República e o ministro da Justiça.

Organograma do Sistema Administrativo Proposto por Vargas



Fonte: CODATO. Adriano. Centralização Política e Reforma Burocrática. Op. cit.

O Interventor Federal do Amazonas, Álvaro Maia, através do Decreto-lei nº 1.202, de Abril de 1939, formalizou a criação do Departamento Administrativo no Amazonas, porém, a instalação só ocorreria em julho do mesmo ano e este seria presidido por Joaquim Augusto Tanajura²³⁶ tendo como vice-presidente Leopoldo Péres.²³⁷

²³⁵ ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e poder*. Op. cit., 38.

²³⁶ Tanajura foi convidado a fazer parte da comissão Rondon percorrendo os sertões de Mato Grosso ao Amazonas. No Amazonas foi eleito o primeiro prefeito de Porto Velho, onde fundou o primeiro jornal da cidade do Alto Madeira. Sendo eleito deputado estadual pelo Amazonas, transferiu-se para Manaus.

²³⁷ Leopoldo Carpinteiro Peres, jornalista, educador e político amazonense. Nasceu no município do Cabo, Pernambuco, do dia 9 de agosto de 1901 e, aos seis anos, veio para o Amazonas, bacharelando-se em Direito em 1922. Foi um dos fundadores da Ordem dos Advogados do Amazonas e da Associação Amazonense de Imprensa, deputado Estadual, e depois Federal para a constituinte de 1946. Faleceu no Rio de Janeiro em 1948. Carlos ROCQUE. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. São Paulo: Obelisco, 1968, p. 1.356.

Com a ajuda de *Sintonia*, percebe-se que a criação desse órgão no Amazonas não seguiu o ritual de costume no Estado Novo. Com efeito, não é possível identificar na revista *Sintonia* a divulgação da posse de Joaquim Augusto Tanajura assumindo a chefia do departamento. No entanto, um ano após a criação do órgão administrativo, Leopoldo Péres assumiu a presidência, em julho de 1940²³⁸, tendo como o seu vice-presidente um assessor direto de Álvaro Maia, Manuel Severiano Nunes. A posse de Leopoldo Péres, diferentemente do que havia ocorrido com seu antecessor, foi amplamente divulgada por *Sintonia* na edição de julho daquele ano ²³⁹. Uma reportagem de página inteira escrita pelo próprio Rigoberto Costa trazia para os leitores a informação do *demissionamento* de Joaquim Tanajura, informando que o mesmo fora chamado para assumir o cargo de médico da polícia militar na capital federal.

No dia 15 de julho de 1940, em cerimônia realizada no Palácio Rio Branco e que contou com várias personalidades políticas da cidade de Manaus e foi presidida por Álvaro Maia, Leopoldo Péres e Manuel Severiano Nunes foram empossados, com a explicação de que foram “indicados pelos seus reconhecidos méritos no cenário da administração e da cultura do Estado do Amazonas”. ²⁴⁰

A relação entre Leopoldo Péres, Álvaro Maia e a revista *Sintonia*, já havia sido mencionada por Alves, pelo viés da legitimação política de Getúlio Vargas, ou seja, já que, é importante destacar, Leopoldo Péres foi “o mais importante difusor dos princípios ideológicos do Estado Novo no Amazonas, sendo, na verdade, reconhecido nacionalmente como um dos mais importantes intérpretes do Estado Novo” ²⁴¹. Nesse sentido, como mencionado por Eloína Monteiro dos Santos, a indicação de Leopoldo Péres representou, no sentido político, um auxílio que possibilitou a reestruturação da economia local em relação à arrecadação financeira do Estado do Amazonas. ²⁴²

A imprensa como formadora de opinião pública segundo Francisco Campos seria o mais poderoso instrumento do governo “*não podendo, portanto, estar à mercê do interesse privado. Logo o poder da imprensa só poderia ser dirigido*

²³⁸ Vale ressaltar que em julho de 1940 a revista *Sintonia* já mantinha fortes laços de cooptação junto ao regime do Estado Novo como já mencionado.

²³⁹ *Sintonia*, nº 5. Manaus, jul. 1940.

²⁴⁰ Idem.

²⁴¹ ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e poder*. Op. cit., 38.

²⁴² SANTOS, Eloína Monteiro. *Uma liderança política cabocla: Álvaro Maia*. Manaus: EDUA, 1997.

em função do interesse público e para fins públicos”²⁴³, por esse motivo, *Sintonia*, configurando-se como órgão atrelado aos interesses políticos locais e nacionais, acompanhou todas as notícias vinculadas ao Departamento Administrativo dirigido por Leopoldo Péres. (ver Imagem nº 15– Anexo)

No seu trigésimo número, *Sintonia* trouxe uma matéria especial, comemorativa ao aniversário do DAA. Com o título “*Pelo Amazonas e Pelo Brasil*”, procurava descrever as realizações da presidência de Leopoldo Péres durante os três anos em que esteve à frente do órgão. Na ocasião, o evento foi acompanhado pelo desembargador Arthur Virgílio e também pelo Interventor Federal Álvaro Maia. Repercutindo comentários publicados em *O Jornal*, a revista procurou descrever a personalidade de Leopoldo Péres justificando assim, o sucesso de suas ações:

O senhor Leopoldo Péres é uma personalidade singular na paisagem social e política da planície. Desde muito moço, investido em funções públicas da maior responsabilidade, principalmente eletivas, o seu espírito decantou-se no clima de luta, de entrechoque, e ao mesmo tempo, em que sua inteligência se afirmava luminosa, solar, sua bravura cívica, sua virilidade patriótica conquistavam-lhe uma posição vertical de líder, não somente das correntes da juventude, que o seguiam sem desfalecimentos, mais ainda de outras esferas mais experimentadas e por isso, menos submissas aos comandos dos novos. Nenhum meio, porém, escapava a influência imanética do moço que estava falhado para dirigir, cujo destino era Remígio aquilino.²⁴⁴

As palavras reproduzidas apontam como características intrínsecas ao homenageado, a busca pela *brasilidade*, já que ao elogiar a personalidade de Leopoldo Péres, legitimava-se igualmente o poder do Estado na construção do ideal da recuperação moral e política do país. Péres eram um exemplo também pela postura leal ao presidente e por seu apoio visceral ao ideário de patriotismo estabelecido por Vargas, o que de resto pode ser percebido em vários de seus artigos publicados em *Sintonia*.

Portanto, a reportagem publicada procurava reconstruir a vida política do presidente do DAA e demonstrar sua intimidade com os problemas amazônicos, “o que lhe permitiu a realização de um trabalho harmônico com o Interventor do Estado”.

²⁴³ CAMPOS. Francisco. O Estado nacional; sua estrutura, seu conteúdo ideológico. Rio de Janeiro, José Olympio, 1940.

²⁴⁴ *Sintonia*, nº 30. Manaus, jul. 1942.

Em 1941, Leopoldo Péres viajou para o Rio de Janeiro após um chamado do ministro da Justiça Francisco Campos, a fim de prestar contas em relação às atividades do departamento. De tudo *Sintonia* esmerou-se em registrar, mostrando os aplausos efusivos recebidos por Péres não somente na capital federal, mas também nas cidades de São Paulo e Belo Horizonte.

Ao retornar para Manaus, as atividades do Departamento continuaram a ser acompanhadas e destacadas pontualmente em nova matéria, que fazia um balanço (como sempre, positivo!) da atuação de Péres, levando em consideração o período do último ano em que ele e Manuel Severiano Nunes estiveram à frente do cargo (de 15 de julho de 1941 a 15 de julho de 1942). A comemoração fora também objeto de uma reunião no Palácio Rio Negro, promovida por Álvaro Maia e acompanhada por *Sintonia*.

A publicação de *Sintonia* relatava as inúmeras atividades relacionadas à necessidade pública do Estado do Amazonas, merecendo destaque as seguintes realizações: organização administrativa, situação do funcionalismo público, questões de interesse econômico, questões de caráter social, defesa nacional, questões de assistência social e por fim, os concursos realizados. É importante mencionar que a intenção da revista neste tipo de publicação não estava relacionada somente ao interesse de divulgar para os seus leitores as realizações políticas de Leopoldo Péres, pois é preciso lembrar a posição que a revista ocupava e suas expectativas.

Quanto ao serviço público, a revista divulgava ações de impacto no funcionalismo público, como a equiparação dos vencimentos dos servidores das escolas isoladas aos de igual categoria das demais repartições públicas, atendendo ao disposto do Decreto-lei 579, de 1938, que estabelecia a promoção, readaptação e o aperfeiçoamento de funcionários civis da União; além de estruturar a inspeção de serviços públicos.

Já em relação às questões econômicas desenvolvidas no Estado, a revista abria matérias em que mostrava a relevância das ações governamentais na área, como o estabelecimento dos acordos financeiros para o pagamento de empréstimos junto à Caixa Econômica Federal; a autorização do governo para a solicitação de novos empréstimos bancários; a determinação da organização diária

da pauta para a exportação; além da doação ao governo federal de uma área urbana para a criação da colônia agrícola do Amazonas.

Por *Sintonia* também ficamos sabendo que as reformas atribuídas ao DAA também foram cooperativas ao campo da defesa nacional, já que, neste ínterim, ocorreram algumas desapropriações de terrenos que em seguida foram doados ao Ministério da Guerra para a construção do Hospital Militar de Manaus e do batalhão militar.

As ações no campo do assistencialismo eram particularmente reverberadas em *Sintonia*, como as desapropriações de terrenos para serem doados a agricultores pobres da região e também o pagamento das dívidas de hospitais, bem como a distribuição de recursos financeiros para entidades esportivas, culturais e religiosas. Todas essas ações desenvolvidas pelo DAA, uma vez informadas à população, acabavam tendo um grande impacto no apoio que ele devolvia ao Estado, já que, como sustenta Silvana Goulart o Estado, representando o ponto convergente das aspirações humanas, “viabilizava a vida social na medida em que regente e orientador de seus objetivos. Ao mesmo tempo, considerava o homem em toda a sua complexidade de ser total e indiviso sobrenatural e eterno em sua humanidade”.²⁴⁵

Como parte do seu programa editorial, a *Sintonia* também divulgaria os festejos em comemoração ao quarto aniversário do DAA. A reportagem ocupava duas páginas e trazia em sua manchete a seguinte ordem: “*As realizações do Órgão Controlador das Finanças do Estado, Sob a Sábia Orientação do Dr. Leopoldo Péres*”. O título, tanto quanto informativo, é apologético, qualificando de saída o autor das realizações.

A intenção de exaltação contida na matéria era óbvia e buscava mostrar a estrutura “sólida” em que se encontrava o Estado do Amazonas, além de asseverar que isso se devia ao trabalho de Leopoldo Péres. Para a revista, se problemas financeiros eram esperados devido à ocorrência da Segunda Guerra Mundial, isto acabou não ocorrendo, exatamente pela correção na condução do órgão, finaliza a reportagem.

Sempre que o tema da guerra veio à baila, *Sintonia*, a fim de acalmar os leitores, solicitava que eles confiassem nas ações governamentais e nas

²⁴⁵ GOULART, Silvana. *Sob a Verdade Oficial*. Op. cit.

personalidades políticas, em especial no Interventor Federal e no dirigente do Departamento Administrativo, além de Vargas, é claro. A revista destacava também como um ponto positivo da gestão do Estado, o fato daquelas lideranças buscarem atuar em estreita articulação, resultando daí que, no Amazonas, diferentemente do que havia ocorrido em outros estados da nação, não se verificaram os choques e as intrigas palacianas que surgiram em outros estados da federação. Em mais de uma ocasião a revista comentará essa relação harmoniosa:

A função do órgão de que é presidente Leopoldo Péres, não sendo meramente perfunctória, tem a considerar sobre as possibilidades de aplicação dos créditos e da alteração das leis do orçamento que impliquem qualquer ônus ao estado, afim, de que possa existir a vocação da economia administrativa. Ainda assim no Amazonas, o conselho administrativo do Estado tem sempre cooperado com a interventoria não existindo discrepância no que concerne a aplicação dos créditos.²⁴⁶

O próprio Interventor reconheceu e manifestou seu empenho pela tarefa de harmonização da política local. Diz ele:

*... Procurei sempre manter um clarão de harmonia, entre a Interventoria Federal e todos os departamentos públicos, os consulados, as associações de classe, o operariado, os estudantes, entre a capital e o interior, entre os municípios e os órgãos estaduais.*²⁴⁷

Sintonia atuou nesse contexto como uma grande aliada nessa articulação entre Leopoldo Péres, seu colaborador mais assíduo, e Álvaro Maia, através da divulgação dos administrativos de ambos e da exaltação de suas amizades, companheirismo e confiança mútua. A insistência com que atos administrativos foram divulgados por *Sintonia*, por vezes, deixa a impressão que a revista se comportava como um verdadeiro órgão oficial e não como um empreendimento empresarial privado.

O que se buscou discutir neste tópico foi o fato de *Sintonia*, em seu projeto editorial e sua linha política ter, na prática, assumido a função de porta voz destacada das ações políticas de Leopoldo Péres, divulgando-as em profusão. Também exaltou sua imagem como verdadeiro patriota amazônico, dando a ele

²⁴⁶ *Sintonia*, nº 38. Manaus, jul 1943.

²⁴⁷ MAIA, Álvaro. *Nas Barras do Pretório*. Manaus: Sérgio Cardoso, 1958, p. 22. Como sustenta Eloína Monteiro, é possível considerar que a instalação do DAA, fez parte do aprendizado político de Álvaro Maia. No entendimento da autora, Maia tinha um talento para fazer composições políticas com diversos setores representativos da sociedade amazonense, como fez também com os órgãos de imprensa do Estado. SANTOS, Eloína Monteiro. *Uma liderança política cabocla: Álvaro Maia*. Manaus: EDUA, 1997.

reportagens de páginas inteiras, como ocorreu em julho de 1942, trazendo inclusive o próprio Leopoldo Péres como capa daquela edição. (ver Imagem nº 15, entre as pág. 111 e 112).

Tanto por sua colocação no quadro da política local, como por sua atuação como intelectual e jornalista, Leopoldo Péres se tornou também, em 14 de março de 1943, presidente da Associação Amazonense de Imprensa:

Por esse evento “SINTONIA” que tem no Dr. Leopoldo Péres um grande amigo regozija-se e congratula-se com a ASSOCIAÇÃO AMAZONENSE DE IMPRENSA, e com toda a família jornalística do Estado, pelo acerto da escolha. Notável e conceituado escritor, sendo ele, o primeiro a interpretar a obra superiormente construtiva de Getúlio Vargas.²⁴⁸

Sintonia não abandonou seu dileto colaborador e, ao que parece, ele também não abandonou a revista que lhe ajudou a se projetar, ecoando seus trabalhos para o público manauara, para o interior do estado e para fora do estado.

3.3 Com Álvaro Maia, de braços dados pelo Amazonas

Se desde o início de sua publicação, *Sintonia* assumiu com maestria a tarefa de reverberar o culto ao personalismo de Vargas, exaltando lhe as ações e a personalidade, projetando-o como um presidente vigoroso e seguro, como um administrador sábio e como um ser humano paternal, capaz de estender a mão até mesmo a seus opositores; em Álvaro Maia a revista projetou a imagem de uma liderança talentosa, homem de letras e de ação, como que iluminado para exercer um papel que lhe caberia de fato e de direito: o de coadjuvar Vargas nos rincões amazônicos, espelhando ali suas ações e implementando seu projeto salvacionista.²⁴⁹

Como Vargas e com Vargas, Álvaro Maia chegaria ao poder em 1930, aproveitando-se do vago de poder causado pela confrontação virulenta das duas mais importantes oligarquias locais, articuladas em torno da família Nery e Rêgo

²⁴⁸ *Sintonia*, nº 34. Manaus, mar. 1943.

²⁴⁹ Veja-se o que diz *Sintonia* sobre essa simbiose: “Cumprindo-se a profecia de Getúlio Vargas o Amazonas ressurgir. E Álvaro Maia vexilário e porta bandeira da geração do ressurgimento, é o estadista que a conduz nas reivindicações gloriosas de seu sacrifício, da sua coragem e do seu sofrimento fecundo”. *Sintonia*, nº 26. Manaus, jul. 1942.

Monteiro. Interventor em 1930, nomeado por Vargas, depois eleito governador e finalmente nomeado novamente interventor federal depois do golpe do Estado Novo, Álvaro Maia ficou à frente do executivo estadual de 1930 a 1945, portanto em total coincidência de seu governo com o de Getúlio Vargas.²⁵⁰

O sistema de Interventoria Federal tem sido visto como uma forma de desarticular o poder das elites autoritárias, espalhadas pelo país, frente as quais o governo federal, após o movimento de 1930²⁵¹, procurou se impor, diminuindo o poder dos clãs políticos tradicionais e, ao mesmo tempo, substituí-los por um mecanismo de poder, de orientação unificada, com o propósito de acomodar as elites políticas locais, enquanto fortalecia o governo central.

Vale ressaltar que após a Revolução de 1930 ocorreram muitos debates acerca do modelo político a ser implantado no país. Alguns intelectuais como Oliveira Vianna e Adalberto Torres, por exemplo, eram simpáticos a um regime centralizador em sua essência, assim, o Estado seria permeado de características reformistas e de orientação política. No entanto, alguns setores formados por “*oligárquicas dissidentes*” dos estados do centro-sul, defendiam a existência de um governo mais liberal, o que, de certa forma, minava o controle político da União, trazendo maior autonomia ao poder estadual.

As primeiras medidas adotadas pelo governo de Getúlio Vargas foram associativas ao pensamento dos tenentes e inspiradas em suas reivindicações, dessa forma, se caracterizaram por ser intervencionistas, consolidando o sistema de Interventoria Federal que, diferentemente dos governadores eleitos no período pré-1930, eram indicados, nomeados e subordinados diretamente ao presidente da República. Segundo Adriano Codato:

A Constituição de 1937 dissolveu a Câmara dos Deputados, o Senado Federal, as Assembleias Legislativas e as Câmaras Municipais (Art. 178), atribuindo ao Presidente da República “o poder de expedir decretos-leis sobre todas as matérias da competência legislativa da União” (Art. 180). Os governadores (“interventores”) deveriam exercer, por sua vez, “enquanto não se reunissem as Assembleias Legislativas”, na fórmula

²⁵⁰ SANTOS, Eloína Monteiro. *Uma liderança política cabocla*. Op. cit., p. viii.

²⁵¹ Como esclarece Dulce Pandolfi, com a Revolução de 1930, que eclodiu em 3 de outubro, Vargas assumiu a chefia do Governo Provisório da Nação. De imediato o Congresso Nacional e as Assembleias Estaduais foram fechados, os governadores de estado depostos e a Constituição de 1891 revogada. Vargas passou a governar através de decretos-lei. PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Orgs.) O Brasil Republicano, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p.13-38.

eufemística da Carta de 1937, “as funções destas nas matérias da competência dos estados”.²⁵²

Neste sentido, as interventorias nos estados foram, ao mesmo tempo, a forma de promover a ascensão das novas lideranças regionais (ou, mais propriamente, de conter o poder das velhas lideranças) e a maneira de integrar os subsistemas regionais ao Estado nacional mediante um controle bastante severo de suas autonomias em termos econômicos, jurídicos, políticos e administrativos.²⁵³

Ainda segundo o autor, alguns estudos realizados sobre os governos estaduais após o ano de 1937 permitem entender que os interventores nomeados por Getúlio Vargas visavam atuar em duas direções. No primeiro, como intermediários privilegiados do poder federal junto aos poderes estaduais, “traficanando ordens e favores do seu patrão e patrono político – Getúlio Vargas – em troca das necessidades das elites nativas. Em seguida, como beneficiários do autoritarismo”.

Nesta lógica, a presença do governo federal nas diversas instâncias administrativas é elemento essencial para a estratégia de compor a nação como um todo orgânico, coordenado e harmônico entre si. Só assim os poderes públicos locais se libertariam do controle político das tradicionais oligarquias regionais. Impende destacar que apenas garantindo a presença do poder público nas diferentes regiões do país, seria possível ao governo controlar as forças oposicionistas e assegurar que seu projeto político e ideológico para o país fosse efetivado. “Com esta linha de argumentação e interpretação a política social se destacava como um dos instrumentos necessários à construção nacional”.²⁵⁴

No Amazonas, após a Revolução de 1930, ocorre o surgimento da Interventoria Federal que está ligada intimamente a esse projeto de centralização política criada por Getúlio Vargas. Grosso modo, observa-se que as lideranças

²⁵² CODATO. Adriano. Os mecanismos institucionais da ditadura de 1937: uma análise das contradições do regime de Interventorias Federais nos estados. *Revista História*, São Paulo, vol. 32, n.º 2, p. 189-208, dezembro de 2013.

²⁵³ Segundo Codato, há na literatura basicamente três maneiras de compreender o papel desempenhando pelas Interventorias Federais nesse sistema político. Esse expediente deve ser visto: I. Como um recurso prático/pragmático do primeiro governo de Vargas contra as oligarquias; ou II. Como um sucedâneo das instituições políticas representativas do regime autoritário; ou III. Como o símbolo e o tipo de sistema de governo adotado pelo novo Estado nacional. CODATO. Adriano. Os mecanismos institucionais da ditadura de 1937. Op. cit.

²⁵⁴ FONSECA. Cristina M. Oliveira. As Ideias que trabalham nas instituições: definindo o caminho da construção nacional. *Anais do XXVIII Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, MG, outubro de 2004.

políticas locais apresentavam – ou buscavam apresentar – uma identificação com o regime e também com as inspirações políticas dos tenentes. Nascido em fevereiro de 1893 e filho de Fausto Ferreira Maia, um nordestino que como tantos outros vieram para o Amazonas, para o trabalho no seringal, Álvaro Botelho Maia foi nomeado pelo presidente Getúlio Vargas como o primeiro Interventor Federal do estado, em 1930.

As lideranças que emergiram a níveis estaduais eram oriundas de grupos “dominantes em âmbito local, quer por relações de parentesco, quer pelo casamento, quer pelas proteções de toda espécie com que se beneficiaram”²⁵⁵. Considerado um intelectual e um dos fundadores da Academia Amazonense de Letras, sua trajetória foi marcada pela preocupação excessiva com a crise econômica advinda da extração da borracha. Em outras palavras, suas ações como um homem público se aproximavam na ideia de defesa da Amazônia, tendo como base o “regionalismo, nacionalismo e a centralização política”.²⁵⁶

Ao ascender na Interventoria, Manaus nos anos 30 convivia com uma crise generalizada em relação à exportação de gêneros primários, ocasionando problemas econômicos no setor comercial da cidade. Diante da crise econômica já estabelecida, Álvaro Maia priorizou em seu programa de governo reformas políticas e administrativas a fim de equilibrar os recursos financeiros do estado do Amazonas. Segundo Eloína Monteiro, o interventor:

Tornou sem efeito aposentadorias, disponibilidades remuneradas e reforma de funcionários administrativos do estado, civis e militares. Publicou alguns atos visando reestruturar as atividades extrativas que enfrentavam uma desvalorização constatada pela baixa arrecadação do imposto de exportação. Facultou aos contribuintes de indústrias e profissões solverem parceladamente seus débitos dos anos de 1929-1930.²⁵⁷

É possível perceber que na fase inicial do seu governo existiu a tentativa de valorizar o preço da borracha junto ao Governo Federal, na tentativa de conciliar os interesses das classes conservadoras e da própria interventoria como também a preocupação de equilibrar o orçamento financeiro do estado.

²⁵⁵ SANTOS. Eloína Monteiro dos. *Uma liderança política cabocla*. Op. Cit., 12.

²⁵⁶ Eloína Monteiro lembra que Djalma Batista, outro importante intelectual amazonense, considerava Álvaro Maia como um “evangelizador das gerações moças” do Amazonas e, ainda segundo Monteiro, a sua produção intelectual pertencia ao grupo de regionalistas que pretendia construir uma identidade específica para o estado. SANTOS. Eloína Monteiro dos. *Uma liderança política cabocla*. Op. cit., p. 23.

²⁵⁷ Idem, p. 86.

Quando em novembro de 1937 Getúlio Vargas deu seu Golpe de Estado, Álvaro Maia, o governador constitucional, permaneceu no cargo como, agora como interventor, mesma função que exerceu quando chegou ao governo do Estado pela primeira vez. Ainda de acordo com Eloína Monteiro, isso só foi possível graças ao prestígio de Álvaro Maia junto a Vargas.

Para Hosenildo Alves, o prestígio acumulado por Álvaro Maia perante Vargas não estava restrito apenas às suas ações políticas e administrativas em nível federal, mas acima de tudo advinha da organização interna de uma economia que estava em declínio, resultando em uma aproximação maior sua para com os membros das classes conservadoras. Estes lhe deram apoio, o que também “permitiu que a transição se desse sem maiores problemas”.²⁵⁸

O prestígio de Álvaro Maia também esteve presente entre os membros da imprensa, de onde na verdade ele saíra, antes de trilhar uma trajetória política de sucesso. *Sintonia*, o reverenciará sempre como político, mas sem jamais esquecer esse seu vínculo com o mundo das letras. A construção da imagem de Álvaro Maia em *Sintonia* o associará ainda à figura de um homem pacato e ligado à terra, um típico caboclo amazônida, também por isso, um profundo conhecedor dos problemas amazônicos, ele que nascera e se criara em um seringal no interior do estado.

Diferentemente do que ocorreu com relação à Vargas, que passou a ser mencionado em sintonia após o quarto número da revista, Álvaro Maia é citado desde a segunda edição, publicada em dezembro de 1939. Nesta publicação, que ocupou página exclusiva, fez-se a primeira de uma longa lista de homenagens que a revista lhe prestaria. Naquela ocasião, o texto explorava o retorno de Maia à Manaus, depois de um período na capital federal:

Amigo dos próprios inimigos. Cultura sem fronteiras de par com uma requintada expressão de simplicidade. Álvaro Maia poeta, jornalista, escritor, estadista – Condutor de povos. É um valor é um homem. Ao brilhante timoneiro da nave amazonense aqui fica consignada a nossa modesta, porém sincera homenagem.²⁵⁹

Ainda nessa edição, Rigoberto Costa enfatizava que Manaus devia a sua reconstrução econômica à personalidade administrativa do interventor, com um

²⁵⁸ ALVES. Hosenildo Gato. *Imprensa e Poder*. Op. cit., p. 35.

²⁵⁹ *Sintonia*, nº 2. Manaus, dez. 1939.

discurso carregado de admiração pelo “administrador de pulso rijo, cujo coração é um paradigma de grandeza e cujo cérebro é um colosso – a serviço da pátria”. Nesse aspecto, podemos concluir que o programa de adesão²⁶⁰ da imprensa ao governo e, mais precisamente de *Sintonia* – nosso objeto de pesquisa -, já ocorria a passos largos. A partir do quinto número, as notícias envolvendo Álvaro Maia e todos os seus aliados terão aparição constante em *Sintonia*.

Como citou Eloína Monteiro dos Santos, uma das qualidades de Maia como Interventor Federal foi o fortalecimento de lideranças locais. Na verdade, manteve em sua administração assessores administrativos que estavam ligados à critérios por ele definidos. Os prefeitos dos municípios do interior, quando nomeados, deveriam ser líderes locais, a fim de estreitar a relação com a população. Tendo combatido e criticado o nepotismo crasso assumido em meado dos anos 1920 por Rêgo Monteiro, governador que havia nomeado uma dezena de parentes para os principais postos do governo – e por isso mesmo uma das causas da rebelião tenentista de 1924 ²⁶¹ –, Maia acabaria incorrendo nesta mesma prática, já que uma dessas escolhas recaiu sobre seu irmão Antônio Maia, nomeado para a prefeitura de Manaus.

Através da *Revista Sintonia* foi possível ter conhecimento do programa político desenvolvido pelo prefeito através das parcerias realizadas com o irmão, o Interventor Álvaro Maia, assim também como com o Departamento Administrativo gerenciado por Leopoldo Péres. Desgastado, em julho de 1940, Antônio Maia apresentava para o Interventor Federal o pedido de exoneração, tendo sido convidado para assumir outro cargo na cidade de Recife.

Sintonia publicou a íntegra da carta de despedida oficial do prefeito, comentada por texto de Rigoberto Costa, em que o editor faz um pequeno histórico das ações por ele desenvolvidas na cidade. Diante de várias autoridades municipais, Álvaro Maia aproveitaria a ocasião para anunciar o nome do substituto do prefeito demissionário, sendo ele Paulo De La Cruce Marinho, que ocupava o cargo de secretário da prefeitura de Manaus. Ao fazer uma pequena resenha de sua

²⁶⁰ Outro ponto que podemos sustentar em relação ao engajamento da revista com o poder, está relacionada ao fato do interventor Álvaro Maia ter feito uma doação 10.000\$000 (dez contos de reis), como auxílio para a conclusão da obra do novo prédio denominado “Casa dos Jornalistas”, localizado na Avenida Eduardo Ribeiro, associação à qual Rigoberto Costa, através da *Revista Sintonia*, fazia parte, como mencionado na própria revista. *Sintonia*, nº 9. Manaus, nov. 1940.

²⁶¹ SANTOS, Eloína Monteiro dos. *A Rebelião de 1924 em Manaus*. Manaus: SUFRAMA, 1990.

administração, Antônio Maia se refere ao Interventor Federal através do seguinte discurso:

Tenho a imensa satisfação de declarar que enriqueci o patrimônio do município na base de 32,20 por cento, recebi a comuna a 23 de fevereiro de 1936 com um patrimônio de 5.351.750\$067 e entrego ao meu digno sucessor para 7.075.046\$82 como consta no inventário do município. O pagamento do funcionalismo público vem se realizando de forma regular. Os balancetes remetidos ao Departamento Administrativo das municipalidades são documentos da vida financeira do município. O projeto orçamentário para 1941 foi elaborado e enviado ao Departamento Administrativo do Estado nos moldes legais. Segundo as diretrizes por V. Excia procurei resolver com ponderação e equidade todos os assuntos ao interesse público. As compras foram realizadas por concorrência aberta e aprovadas por V. Excia. Desejo ao Sr. Interventor com sinceros votos pela continuação do governo sábio e fecundo de V. Excia.²⁶²

Através do discurso proferido por Antônio Maia podemos concluir que a reestruturação do Departamento Administrativo das Municipalidades, dentro do governo de Álvaro Maia, alcançou os resultados esperados, pois, sua função era arrecadar e entregar saldos das prefeituras, fiscalizando sua aplicação financeira e o plano de trabalho²⁶³ entregue por cada dirigente. Além disso, podemos ainda mencionar que as prefeituras deveriam apresentar, através de sua arrecadação, projetos que revigorassem a própria sede municipal como foi exposto em outro momento do discurso:

Aspirando um futuro refulgente para nossa gleba e nossa gente, deixo, já em acabamento um grande estádio que servirá para a prática da eugênia pela cultura física da infância e juventude. Criei e construí escolas, solucionei o problema do esgoto a entrada da cidade sob a roadway que constituía um flagrante deprimente a fama da “urbs” moderna. Com o objetivo de propaganda das cousas de nossa terra, sua fauna e flora, instalei um pequeno museu. Estão sendo modernizados os jardins e inaugurei, entregando a serventia pública o abrigo para pedestres na praça Oswaldo Cruz.

O discurso do prefeito de Manaus não foi o único acolhido em *Sintonia*, já que outros políticos do interior do Amazonas também se reportavam através da revista, utilizando-a para a sua autopromoção. A fim de sustentar tal ideia, fomos investigar todas as notícias vinculadas aos governos municipais do interior do Amazonas na revista. A primeira publicação encontrada faz referências ao

²⁶² Discurso proferido por Antônio Maia no paço municipal de Manaus e publicado em julho de 1940 na edição de número 05.

²⁶³ É importante mencionar que todas as prefeituras trabalhavam em cooperação com a saúde pública e o Departamento de Educação. Dessa forma, as prefeituras eram obrigadas a apresentar também uma seção de propagandas, sobre os investimentos feitos na saúde e também na educação.

município de Carauari²⁶⁴ sob a administração do prefeito, coronel Alfredo Marques da Silveira, que assumiu a prefeitura através de um decreto assinado por Álvaro Maia em março de 1935. Ao longo de uma reportagem de duas páginas, apresentando fotos da cidade, a revista descreve todas as ações realizadas pelo prefeito, enfatizando o ressurgimento não do município. Porém, vale destacar que o discurso não enaltece somente as ações políticas de Alfredo Marques, que segundo o periódico havia desenvolvido um importante trabalho de recuperação econômica, mas também faz o elogio ao interventor Álvaro Maia, em especial, por sua capacidade acertada de indicar pessoas certas, como o prefeito homenageado, para o serviço público.

Assim como havia feito o prefeito de Manaus Antônio Maia no ato de sua despedida, ao anunciar os balancetes do município, Alfredo Marques também divulgará para a imprensa que as contas da prefeitura estavam regularizadas. Segundo o seu próprio discurso:

Hoje passados alguns anos Carauary apresenta- se ao viajante uma cidade completamente transformada numa verdadeira belezinha o que é atestado patente ao progresso e da prosperidade do município cuja arrecadação de 35.000\$ foi elevada para 180.000\$ apresentando no concerto municipal um saldo de mais de 50.000\$ deposito no Departamento das Municipalidades. ²⁶⁵

Seguindo os mesmos padrões apresentados pela revista, outras duas “comunas” serão apresentadas juntamente com seus respectivos prefeitos. Assim, de acordo com as informações veiculadas em *Sintonia*, Em junho de 1942 os municípios de Humaitá e de Lábrea darão ao governo do interventor Álvaro Maia a confirmação da realização da política estadonovista.

Para a matéria sobre Humaitá, o prefeito Francisco Fiuza de Lima recebeu em seu gabinete o corresponde da revista, Plínio Coelho – que depois seria governador do Estado –, para divulgar o seu plano de governo que tinha como finalidade as seguintes metas:

a) conservar e restaurar os edifícios municipais da rainha destronada do Madeira; b) manter como vem mantendo os serviços de luz e água; c) difundir o ensino; aumentar o número de escolas, fundar uma escola profissional; d) auxiliar os produtores e) criar uma fazenda de gado para facilitar o abastecimento das regiões circunvizinhas. ²⁶⁶

²⁶⁴ *Sintonia*, nº 11. Manaus, jan. 1941.

²⁶⁵ *Idem*.

²⁶⁶ *Sintonia*, nº 25. Manaus, jun. 1942.

Quanto ao município de Lábrea, o prefeito João Lopes da Silva, nomeado por decreto estadual no dia 20 de dezembro de 1935, era ali apresentado e elogiado por sua marcante capacidade administrativa. Segundo a revista, o que representa esse reconhecimento pode ser explicado pela própria manchete: “*Um prefeito visto através das cifras*”, que como se vê, procura descrever suas ações, mediando-a a partir da capacidade de levantar recursos em sua gestão. Desta forma, segundo a matéria, ao tomar posse, o prefeito de Lábrea aumentou de forma rápida as reservas financeiras do município, já que ao receber a prefeitura com um total de 482.600\$, elevou em quatro anos este capital para 80.105\$660. Ao publicar o relatório que havia sido entregue ao Interventor Federal, o leitor é levado a perceber que o prefeito, por duas vezes que, quando necessário, efetuava o pagamento do funcionalismo público com recursos de seu próprio patrimônio.

Assim como todos os outros prefeitos, João Lopes Silva utilizou o espaço da revista para anunciar seus feitos, dentre elas a elevação de número de escolas para 19, atendendo a solicitação do interventor. Informava também sobre o progresso realizado quanto ao serviço de iluminação pública, de limpeza e de saúde, sendo considerado por ele o melhor do interior do Amazonas.

Com relação às informações de relativo progresso dos municípios do interior do Amazonas, assim, como de Manaus, fica claro que a intenção de *Sintonia* era divulgar, em paralelo, as ações políticas de Álvaro Maia, fortalecendo a ideia da existência de uma rede articulada, que se estruturava de cima a baixo, do presidente da república, aos prefeitos das municipalidades, passando pelo interventor no Estado. Atendendo as exigências do novo regime instaurado pelo presidente Getúlio Vargas, o Interventor Federal era apresentado como tendo criado as condições básicas para o funcionamento de uma proposta que conciliasse os interesses locais com a política federal mais ampla.

Foi imbuído dessa ideia que Álvaro Maia organizaria, em 1942, a “*Primeira Conferência Intermunicipal da Economia e Administração*” para os municípios do interior, realizado em três de junho, com a presença de todos os prefeitos dos municípios ²⁶⁷. Seu objetivo era construir junto aos representantes uma nova

²⁶⁷ *Sintonia*, nº 25. Manaus, jun. 1942.

política econômica capaz de atender às necessidades do interior, capital, estado e governo federal:

O município não pode envolver com programas isolados e estreitos, mas agrupar-se, para a execução de grandes obras e suprir certas faltas administrativas de ordem geral, maxime nas fronteiras internas e externas. Havia um incompreensível absurdo nesse particular, jogo de interesse público, morriam de uma prefeitura para outra como se entre as duas existissem zonas neutras ou terra-de-ninguém. Urge uma política de boa vizinhança cooperadora.²⁶⁸

Curiosamente essa foi a reportagem de maior cobertura da *Sintonia* desde o seu surgimento em setembro/outubro de 1939. Em sua proposta, procurou reforçar junto aos seus leitores qual era o significado desse encontro promovido por Álvaro Maia. Ao se reportar ao evento, o definia como inédito e reflexo de “uma nova modalidade de governo” criado por Getúlio Vargas, pois proporcionou a aproximação da máquina administrativa do interior com a da capital, para que, através da articulação política, cada município pudesse falar de suas dificuldades ou apresentar o seu desenvolvimento.

Diante de autoridades religiosas, civis e militares Álvaro Maia apresentava seu programa de governo baseado nas melhorias de saneamento, fixação de preços, melhoria de transporte, encaminhamento de trabalhadores²⁶⁹, navegação aérea e leis sociais, tudo em obediência ao plano de exploração do maior vale tropical do mundo, conforme proposta do presidente da República. Durante a reunião foi divulgado junto aos prefeitos o saldo total existente na conta do Departamento das Municipalidades, que dava uma reserva de aproximadamente nove mil Contos de Reis, devendo este ser investido conforme orientação do interventor: “Seria um crime aplicá-lo em urbanismo improdutivo, em tempos de imperiosa necessidade coletiva. Em vez de prédios, Rodovias; em vez de

²⁶⁸ Discurso proferido por Álvaro Maia na abertura da 1ª Conferência Intermunicipal. *Sintonia*, nº 25. Manaus, jun. 1942.

²⁶⁹ Na ocasião da realização da 1ª Conferência Intermunicipal, o prefeito de Humaitá Francisco Fiuza de Lima apresentou em reunião sua proposta para o encaminhamento das políticas para encaminhamento dos trabalhadores a fim de evitar o êxodo rural. Sua proposta era a de que o Interventor Federal instituísse em cada município uma companhia da força policial formada por pessoas da própria região, evitando assim a saída dos habitantes do interior para a capital. Para isso segundo ele, cada prefeitura custearia com um total de 5% da sua receita. Nas divulgações posteriores realizadas por *Sintonia* não foi divulgado o desdobramento dessa proposta em termos de sua aceitação ou não.

ajardinamentos, Escolas; em vez de muitas realizações, Postos Médicos e Assistência Social”.²⁷⁰

Após o término da solenidade oficial de abertura do evento, o correspondente da revista *Sintonia*, Áureo Bringel, de posse de todas as informações acerca do pronunciamento do Interventor Federal Álvaro Maia, convidou o prefeito do município de Barcelos, o Agrônomo Raimundo Macedo, para uma entrevista procurando sondar o grau de desenvolvimento de sua administração.

Atendendo ao que havia sido solicitado por Álvaro Maia, o prefeito de Barcelos discutiu assuntos sobre: saneamento, progresso comercial, problemas de educação, iluminação da cidade e, por último, a navegação. O único problema apresentado em entrevista foi referente à iluminação pública da cidade, já que não estava totalmente concluída.

Em outras entrevistas também foram ouvidos o prefeito de Barreirinha, Almir Rodrigues da Fonseca; o prefeito de Porto Velho, Belarmino Alvarães Afonso e o prefeito Antonio Djard de Mendonça, do município de Codajás. Os discursos enfatizavam sempre os mesmos pontos da administração pública, finalizando sempre com a admiração de todos diante da autoridade e dinamismo do interventor Álvaro Maia.

Além da cordial relação que se buscava estabelecer com as lideranças políticas do interior do estado, Álvaro Maia em regime de colaboração, tinha o apoio da Associação Comercial do Amazonas, que defendia o programa de extrativismo e comércio propostos pelo chefe do poder Executivo do Amazonas. A aproximação entre ambos foi também revelada por *Sintonia*, quando da inauguração do novo prédio da Associação Comercial do Amazonas. Na ocasião, o presidente da instituição José Nunes de Lima surge ao lado de Álvaro Maia no ato solene de inauguração e em discurso posterior agradece o empenho do Interventor Federal pela parceria firmada.²⁷¹

²⁷⁰ *Sintonia*, nº 25. Manaus, jun. 1942.

²⁷¹ *Sintonia*, nº 27. Manaus, set. 1942. Essa parceria, segundo Eloína Monteiro, privilegiou a propaganda e a colocação dos produtos florestais no exterior, alargou também os mercados existentes e conquistou novos; prestou assistência à produção nativa, desenvolveu pequenas atividades agrícolas e aperfeiçoou processos de extrativismo. Ver: SANTOS, Eloína Monteiro dos. *Uma liderança política cabocla: Álvaro Maia*. Manaus: EDUA, 1997.

A respeito das homenagens prestadas por *Sintonia* a Álvaro Maia, as mesmas foram se tornando mais recorrentes após o ano de 1941. Em edição comemorativa à Proclamação da República, três personalidades locais são lembradas pela revista: Leopoldo Péres, colaborador e presidente do DAA; Ruy Araújo, secretário-geral no exercício interino da interventoria e, por último, Álvaro Maia, apontado por *Sintonia* como um político exemplificador e expressão fidedigna das palavras mencionadas pelo chefe da nação nas palavras de ordem: Disciplina, Aplicação, Discrição e União. Assim, sua representação se constrói por suas iniciativas políticas inseridas dentro do programa de “reconstrução moral” do Brasil proposto por Getúlio Vargas.²⁷²

Nesses contextos de homenagem, *Sintonia* tenta apresentar aos seus leitores não apenas um resumo das ações políticas realizadas pelo Interventor Federal no Amazonas (saneamento, assistência social, etc.), mas um conjunto de imagens fotográficas que expressam tanto dinamismo, quanto modernidade na gestão da coisa pública.

Várias inaugurações foram divulgadas pela revista, como o término da obra do Parque 10 de Novembro, com piscinas para a prática de esporte visando os programas estabelecidos pelo Estado Novo, e a construção de uma rede esgoto para atender ao serviço de saneamento básico da cidade. Dessa forma, as mensagens destacando a capacidade do interventor enquanto governante eram constantes, servindo de pano de fundo para o culto da imagem de Álvaro Maia enquanto governante competente e atuante e pessoa comum, cheia de qualidades como bondade, abnegação, etc.²⁷³

Para nós, a edição da revista *Sintonia* em que mais claramente se parece facilitar o convencimento e a aceitação da imagem de Álvaro Maia, foi a fevereiro de 1943. A capa (ver Imagem nº 16) mostra um cordial aperto de mãos entre Getúlio Vargas e o Interventor Federal com os seguintes dizeres: “Getúlio Vargas e Álvaro Maia pelo Amazonas e pelo Brasil. O abraço que trouxe a certeza do ressurgimento da Amazônia”.²⁷⁴

O abraço fraterno reforça a ideia presente no “*Discurso do Rio Amazonas*”, proferido por Vargas, quando ocorre a visita do presidente Getúlio Vargas a

²⁷² *Sintonia*, nº 30. Manaus, nov. 1942.

²⁷³ ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e Poder*. Op. cit. p. 153.

²⁷⁴ *Sintonia*, nº 33. Manaus, fev. 1943.

Manaus. Na ocasião, fala-se da integração da Amazônia à economia nacional através da sua potencialidade extrativista.²⁷⁵

Diante desse grande acontecimento e da própria guerra que já se tornara realidade para o Brasil devido à sua aproximação com os Estados Unidos e a assinatura dos *Acordos de Washington*, anteriormente referenciados, *Sintonia* passa a se preocupar em preparar um cenário de apoio dos amazonenses ao Interventor Federal, amplificando sua atuação no momento em que o presidente chega a cidade. Mas qual teria sido a proposta desenvolvida pela revista?

Em fevereiro de 1943, com a publicação da edição 33, uma série de comentários de várias personalidades sobre o governo de Álvaro Maia vem a público. Para não parecer nada muito costumeiro, Kideniro Teixeira e Rigoberto Costa coletam testemunhos de vários segmentos da sociedade dentre os quais se destacam: Jornalistas, Médicos, Advogados, Engenheiros, Funcionários Federais, Operários e Estudantes para "*Um Valioso Testemunho Insuspeito*". Nesta ocasião, opinaram Djalma Batista, o diretor da Manaus Tramway, o operário Otávio da Câmara, André Rocha, agente do Lóide Brasileiro em Manaus, Rodrigo da Rocha Brito, representante da companhia Ramicel de São Paulo no Amazonas, Raul Lima de Mâcedo, Inspetor da Alfândega de Manaus.

O interessante neste caso é que cada pessoa, ao opinar sobre Álvaro Maia, sempre iniciava o seu comentário com a seguinte frase: "O senhor Rigoberto Costa pede-me para fazer qualquer coisa escrita sobre o governo de Álvaro Maia". É nesse sentido, que podemos concluir que tudo foi organizado pelo interventor em conjunto com os membros da revista *Sintonia* que estavam atendendo a uma solicitação formal para enaltecer a figura do chefe do executivo do Estado do Amazonas, diante da autoridade máxima do país.

Em todos os relatos percebemos um discurso em comum, como se todos tivessem um roteiro a ser seguido. O início da fala representava os ditames da Revolução de 1930 e as mudanças econômicas estabelecidas no Amazonas e implementadas no governo de Álvaro Maia, em seguida era enaltificado o seu empenho patriótico pelo país e, por fim, por um governo popular preocupado com os rumos do Amazonas:

²⁷⁵ Sobre o assunto consultar Maria Verônica SECRETO. A ocupação dos "espaços vazios" no governo Vargas: do "Discurso do rio Amazonas" à saga dos soldados da borracha. *Estudos históricos*. 2007.

Com o desaparecimento da politicagem, que a ganância dos partidos alimentava restabeleceu-se o regime de confiança e, com ele a paz no seio da família amazonense. E, tudo isso porque, há no timão do Estado, um homem sensato, inteligente, culto e bom, que é o reflexo daquele outro a quem estão em boa hora entregues os luminosos destinos do Brasil.²⁷⁶

Para fortalecer o propósito de *Sintonia*, a agência responsável pela divulgação das informações sobre Getúlio Vargas envia um texto para publicação com o seguinte título “*O Ressurgimento do Amazonas*”, nesta pequena nota já é construído o pensamento que guiaria a população Amazônica durante a segunda guerra mundial:

Quando estive no Amazonas o presidente Getúlio Vargas com seu brilhante colaborador sentiu que naquele imenso mundo novo nunca sequer olhado pelos governantes que tivemos havia um chefe de capacidade de força construtiva, de civismo e de inteligência um dirigente bom a altura das questões transcendentais da região. E fez promessas que estão agora sendo cumpridas, destinadas a tornar o Amazonas um poder econômico de indiscutível eficiência e grandeza.²⁷⁷

Assim, podemos argumentar no sentido de que a imprensa acabou se tornando um elemento fundamental na construção de imaginários sociais e na construção do que se apresentava como realidade. *Sintonia* engajou-se no processo de difusão e consolidação do projeto ideológico estadonovista, buscando conquistar a simpatia popular para o regime que defendia, seja produzido fatos jornalísticos que colocassem o político em evidência, mediante a exaltação das lideranças políticas do estado e do país, como no caso de Álvaro Maia e do próprio Getúlio Vargas.

Desde o ano de 1935, Álvaro Maia vinha investindo recursos para a criação de políticas sociais a fim de atender a população nordestina que chegava a Manaus para colaborar com as demandas da economia extrativista proporcionada com o retorno da exploração seringueira²⁷⁸. No entanto, esse investimento não ficaria restrito somente a política assistencialista, assim, através de *Sintonia* também observamos um investimento do Estado, em conjunto com o Ministério do

²⁷⁶ Fala de Agnello Bittencourt, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Amazonas. *Sintonia*, nº 33. Manaus, fev. 1943.

²⁷⁷ *Sintonia*, nº 36. Manaus, maio 1943.

²⁷⁸ Para Eloína Monteiro, o *Discurso do Rio Amazonas*, que foi editado no Diário Oficial do Estado, “permitiu a Vargas orientar o homem amazônico e estimular sua adesão com as realizações do Estado Novo”, para tanto, Álvaro Maia reproduzindo tal estratégia embasada na necessidade de povoar a região amazônica, considerou a necessidade da migração como um quesito importante para a formação da mão-de-obra dos seringueiros.

Trabalho, na construção de infraestrutura das estradas adequadas com o objetivo de proporcionar rapidez e conforto no “Transporte do Trabalhador para o Vale Amazônico”.

A política de investimentos prometida por Getúlio Vargas para possibilitar o ressurgimento do Vale Amazônico, resultou na vinda de técnicos do Ministério do Trabalho para iniciar estudos referentes às necessidades da região com o intuito de torná-la apta para receber os trabalhadores que seriam encaminhados pelo governo e empregados na extração da borracha.

Nesse estudo divulgado pela revista juntamente com Álvaro Maia foi informado ao chefe da Nação, que o problema essencial era o de transportes, sendo, necessário, aumentar a capacidade de locomoção para então chegar aos grandes seringais de maior produção.

O deslocamento da mão-de-obra nordestina até o Amazonas era realizado em aproximadamente dois meses, percorrendo cerca de 5.000 km com diversos pontos de baldeação²⁷⁹. Nesse aspecto a maior preocupação do Ministério do Trabalho estava relacionada ao plano de organização dos serviços básicos para esses migrantes como, por exemplo: hospedagem, alimentação e assistência médica com a finalidade de evitar surto de doenças e principalmente morte infantil.

Desta forma, o Ministro Marcondes Filho deu amplos poderes para que o Departamento Nacional de Imigração organizasse um perfeito serviço para a acomodação e encaminhamento dos nordestinos no Amazonas e, segundo nota disponível em *Sintonia*, é possível identificar o que havia sido feito:

Nenhum detalhe foi esquecido para garantir o êxito da batalha da borracha. O Trabalhador nordestino, por hábito secular, não dorme em cama. Desta maneira ele transporta a rede e na hospedaria, as véspera da sua partida para o Amazonas toda a sua bagagem sofre completa desinfecção. Por sua vez, sua família é vacinada e identificada. Em Belém ou Manaus, já um contrato de trabalho aguarda o nordestino, que teve do Estado Nacional toda a assistência material desde a entrada na hospedaria, transporte, distribuição de medicamentos, além dos aviamentos necessários aos seringais.²⁸⁰

Ainda com relação à revista *Sintonia* foi possível perceber sua participação na construção do discurso de aceitação frente à chegada desses trabalhadores do

²⁷⁹ Dados obtidos através do levantamento realizado pelos Técnicos do Ministério do Trabalho e divulgados pela revista. *Sintonia*, nº 36. Manaus, maio de 1943.

²⁸⁰ *Sintonia*, nº 36. Manaus, maio de 1943.

nordeste do país, num movimento sustentado pelo interventor Álvaro Maia. Em seus pronunciamentos sempre procurou reconhecer a contribuição do nordestino para o fortalecimento do Amazonas, sendo, necessária a união com o caboclo do Paraíso Verde para que juntos formassem o exército da borracha.

Na condução dos soldados da borracha estava definitivamente consolidada a figura de Álvaro Maia. No entanto, o que se viu através de *Sintonia* foi que a mobilização produzida pela *Batalha da Borracha*, causou uma comoção generalizada na região. Assim, na edição de junho de 1943 a firma *SINFONIO & CIA* divulgou, em nome dos seus chefes e auxiliares, uma mensagem de solidariedade a todos os seus amigos e fregueses, reforçando a ideia de que é preciso cumprir a palavra de ordem do presidente Getúlio Vargas, definindo o que se esperava da Amazônia como esforço de Guerra: “*Produzir mais borracha para a vitória!*”.²⁸¹

Como comandante dos “soldados da borracha”, coube ao interventor federal à exposição dos motivos que pudessem justificar o trabalho de todos os seringueiros ali presentes. Sob os dez mandamentos jurados à luz e a sombra da Bandeira Nacional, são publicados por *Sintonia* os deveres de todos perante o seringal:

*1º Cumpriremos todas as instruções que nos forem legalmente enviadas, sempre recebidas com entusiasmo, procurando produzir mais borracha porque a extraordinária ação do presidente Getúlio Vargas tem o milagre de contagiar todos os brasileiros. 2º Cumpriremos essas instruções ingressando alegremente nas selvas. 3º Cumpriremos essas instruções explorando e defendendo imensidades de árvores, porque o presidente Vargas é um apóstolo da humanidade. 5º Prometemos trilhar diariamente as estradas de seringueiras, porque enquanto, honrarmos os compromissos do Brasil, que o presidente Getúlio Vargas firmou perante o mundo, também realizamos uma obra de economia, integrando o Amazonas a economia nacional. 10º Queremos tornar bem claro que pela vida e pela morte tudo faremos e aceitaremos em bem do Brasil, do continente americano, das Nações Unidas, na guerra universal contra a tirania e a opressão.*²⁸²

Fica evidente os esforços de Álvaro Maia para aumentar de forma gradativa a produção da borracha, assumindo diante do Estado Novo a defesa da expansão dos seringais. No entanto, a colaboração da Imprensa e, destoa dela, de uma revista como *Sintonia* – através de Rigoberto Costa, Kideniro Teixeira e

²⁸¹ Sobre esta campanha, cabe conferir: GONÇALVES, Adelaide; COSTA, Pedro (Orgs.). *Mais borracha para vitória!* Brasília: MMA / MAUC / NUDOC, 2008.

²⁸² *Sintonia*, nº 37. Manaus, 1943. Para um estudo recente sobre o assunto, cf.: LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. *Soldados da Borracha: das vivências do passado às lutas contemporâneas*. Manaus: Valer/Fapeam, 2014.

Moacyr de Miranda – foi também fundamental para a divulgação da ideologia do sistema e dos programas políticos. Segundo Hosenildo Alves nas páginas de *Sintonia*, o Estado do Amazonas passava “a ser mostrado como um dos responsáveis diretos pela vitória na guerra, uma vez que, em seu vale se encontrava a árvore (a seringueira), da qual se extraía o látex, matéria prima que era transformada em arma para vencer o Eixo” ²⁸³. É nesse sentido que David Israel, empresário e colaborador da revista, escreverá outro acróstico de exaltação ao Amazonas e principalmente à produção da borracha e à própria revista:

Seringueiro! Heróe das selvas da Amazonia;
Inclina-se para ti nesta hora gloriosa;
Nossa mais latente “Canção de Fé e Esperança”
Tú, o soldado silencioso, rasgando a seringueira;
O seu sangue lacteo, transformarás, por certo,
Na mais segura das armas, contra os inimigos de DEUS;
I-de, pois! Para a frente! Para a Borracha!
As vossas energias benditas, levarão o Brasil a VITÓRIA. ²⁸⁴

²⁸³ ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e Poder*. Op. cit., p. 165.

²⁸⁴ *Sintonia*, nº 37. Manaus, 1943.

Considerações Finais

A revista *Sintonia* surgiu em setembro/outubro de 1939 atuando como uma revista de publicação mensal, que continha pouco mais de três dezenas de páginas, assumindo um formato e *layout* comum a maioria dos impressos do gênero revista. Em seus primeiros números, ainda em 1939, percebemos que sua intencionalidade era a de referenciar a classe dos telegrafistas, procurando dar ênfase ao reconhecimento de uma categoria de profissionais que, segundo seu idealizador, editor-chefe e proprietário, Rigoberto Costa, era um dos pilares de sustentação da República brasileira.

Durante suas quatro primeiras edições pode-se ter contato com diversos textos escritos e reproduzidos por telegrafistas, em sua maioria funcionários da Delegacia Regional do Amazonas, sediada em Porto Velho, região então vinculada ao Estado do Amazonas. Parte significativa das matérias se propunha a trazer benefícios aos próprios telegrafistas, em meio a outras temáticas, mais gerais, que se destinavam ao público em geral.

Contrariando ideias cristalizadas na historiografia brasileira que negavam a existência de movimentos, protestos e reivindicações sindicais durante o Estado Novo, e também as que apregoavam que, por força da atuação repressiva de órgãos governamentais como o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) a imprensa não encontrou alternativa a não ser o silêncio diante de tais questões, foi perceptível perceber os telegrafistas do Amazonas reivindicando melhorias e ações governamentais e denunciando condições de vida e trabalho precárias. Também foi interessante perceber que a revista assumiu a iniciativa de repercutir a demanda, tomando posição favorável àquele pleito.

Cumpria ali, portanto, o seu papel de colaboração no cenário associativo amazonense, mas também se colocava numa posição incômoda, instável e de potencial confronto, já que, circulando durante os anos de maior fechamento da ditadura Vargas, sujeitava-se às normas e controles estabelecidos pelo DIP e executados em cada Estado pelos DEIP'S.

Foi exatamente neste momento de maior autonomia diante do controle político que o DIP estabelecia sobre os meios de comunicação, que a publicação

enfrentou seus maiores dilemas existenciais, aqui entendidos em sua literalidade, ou seja, seus dilemas para continuar não apenas publicando seus números, como também para conseguir regularizar a periodicidade mensal pretendida.

Para além dos conteúdos voltados à radiotelegrafia, explorou conteúdos diversos, buscando alcançar leitores também distintos. Observou-se a recorrência de matérias de conteúdo político (ampliados a partir de seu segundo ano de existência); literários, com o acolhimento de membros destacados da vida jornalística e literária regional; esportivos e de entretenimento, incorporando, ainda que esporadicamente, conteúdos “femininos”. Manteve ainda um interessante espaço de interação com seu público, publicando e respondendo comentários dos leitores acerca de temas diversos e, em especial, dos textos publicados em edições anteriores.

Dialogando prioritariamente com os setores médios urbanos e com a pequena e não muito diferenciada elite local – segmentos que compunham, *grosso modo*, os círculos letrados da cidade – explorou também conteúdos que se assemelham ao “colunismo social” dos jornais contemporâneos, incorporando informações sobre noivados, casamentos, nascimentos e batizados.

Essa abertura, crescente com o passar do tempo, deslocaria lentamente o periódico para uma configuração mais próxima a de um mensário ilustrado de variedades, já pensado em seu número de lançamento, quando anunciava-se como um “*mensário ilustrado de actualidades e propaganda nacional*”.²⁸⁵

Com o intuito de inventariar os conteúdos da revista e identificar seus posicionamentos, notadamente políticos, e como eles influíam em sua relação com os governos (local e nacional) e seus representantes, momento em que recorreremos à pesquisa sistematizada, a partir dos quarenta e um números publicados entre os anos de 1939 a 1945.

Outro ponto a ser destacado é seu acento nos temas e questões regionais, não incorrendo, exclusivamente, num regionalismo romântico, de exaltação ao quadro local (homem, natureza e cultura), mas também pensando-o numa dimensão política, em sua dinâmica relacional com o contexto nacional. Assim, se em um primeiro momento, apoiada pelas elites comerciais regionais *Sintonia*

²⁸⁵ *Sintonia*, nº 1. Manaus, set./out. 1939.

procurou mostrar o Amazonas para o Brasil²⁸⁶, já a partir de seu segundo ano e de sua maior adesão aos preceitos do Estado Novo, mediados pelo DIP, a revista tendeu a discutir como as ações governamentais nacionais impactavam o contexto regional e, inversamente, como a atuação política dos governantes locais, contribuía para a consolidação do regime estadonovista e para o desenvolvimento do país. Essa última dimensão viu-se ainda mais amplificada após 1942 quando a assinatura dos “*Acordos de Washington*” produziram a “*Batalha da borracha*”, impondo à região uma centralidade no esforço de guerra assumido pelo país com sua adesão aos aliados.

A assimilação deste último perfil, amplificada já a partir do quinto número da publicação, quando Rigoberto Costa faria os primeiros acenos de colaboração ao regime, permitiu a resolução de problemas e a superação dos gargalos editoriais, materializados tanto no preço elevado do papel – e de sua alta taxaço pelo governo –, quanto de sua regularização, com a aprovação e formalização de seu registro no DIP, o que nem todos os periódicos da época permitiam.

Assim, pensamos ter resultado comprovado o processo de plena cooptação de *Sintonia* pelo Estado Novo, percepção essa reforçada não apenas pela regularização da periodização e pela obtenção de isenções de impostos para a compra de papel, anualmente renovadas, mas também e principalmente pelo impacto de mudanças que se percebe em seus conteúdos. Estes passaram a assimilar mais pontualmente matérias que eram recebidas das agências oficiais de propaganda, além de abrirem espaços cotidianos para a veiculação e o elogio das ações governamentais.

Central também foi o papel assumido pela revista no processo de difusão do culto ao personalismo de Getúlio Vargas, com referências apoloéticas ao chefe da nação que o apresentavam não apenas como um grande governante, mas como o único político capaz de unificar a nação e direcioná-la para o caminho do progresso e do desenvolvimento. Em *Sintonia*, Vargas estará presente da capa às páginas destinadas ao anúncio de produtos e mercadorias; das matérias eminentemente políticas à crônica literária, com traços de sua personalidade e caráter destacados

²⁸⁶ Lembremos que já desde seu primeiro número *Sintonia* ostentava o dístico: “*Uma revista da Amazônia para o Brasil inteiro*”. *Sintonia*, nº 1. Manaus, set./out. 1939.

como exemplos de patriotismo, trabalho, empenho e abnegação, destinados a serem seguidos por todos, fossem homens, mulheres ou crianças.

A construção da imagem getúliana tornou-se na revista, parâmetro para igual procedimento com as lideranças políticas amazonenses e, neste particular, *Sintonia* deu particular destaque a dois personagens centrais: Álvaro Maia, Interventor Federal no Amazonas; e Leopoldo Péres, Chefe do Departamento Administrativo do Amazonas.

Péres encarnava o papel de grande mediador no relacionamento entre as duas esferas governamentais – a federal e a estadual –, buscando estabelecer um maior dinamismo na esfera administrativa e uma ação moralizadora, prioritariamente voltada para o controle dos gastos municipais e do enquadramento mais pontual das prefeituras aos programas e metas do governo federal.

Sob diversos pontos de vista, Péres assimilava o projeto editorial de *Sintonia*, em especial por sua ênfase na valorização da Amazônia e crença em sua redenção econômica por meio de um maior atrelamento ao Estado Novo. Péres, era ainda um literato e um homem da imprensa, tendo colaborado vividamente com a revista em inúmeras de suas edições. Nela assinou matérias elogiadas à Vargas e, por ela também ampliou sua projeção literária e política, chegando a desenvolver fortes relações pessoais com Vargas ²⁸⁷. Desta forma, se é possível pensar que a projeção política de Péres carreou apoios governamentais à *Sintonia*, é possível pensar, inversamente, que *Sintonia* carregara Péres ao poder, ou pelo menos colaborou neste aspecto.

Tratamento maior que ao destinado à Péres a revista só dedicaria à Álvaro Maia, o intelectual amazonense que se consagrara na vida política estadual, mediando e articulando as tensões aristocráticas locais em conflito. *Sintonia* destacaria do Interventor a genialidade literária que o fizera alcançar a honraria de ser reconhecido como “o príncipe dos poetas amazonenses”, mas acima de tudo, Maia seria exaltado por suas qualidades políticas, sem igual na articulação de apoios e na gestão administrativa do Estado. Álvaro Maia era ainda lembrado e

²⁸⁷ Lembremos que “*Getúlio Vargas: o homem e o chefe*”, de sua lavra, fora publicada como matéria em *Sintonia*, antes de vir a se tornar uma das obras de propaganda do Estado Novo mais destacadas do período.

festejado por sua “canção de fé e esperança” ²⁸⁸, o brado visionário capaz de iluminar o caminho para a superação da crise opressora que se abatera sobre a região desde 1912.

Coadjuvando Vargas, Álvaro Maia era, por fim, projetado como parceiro leal e devotado ao presidente, assumindo seu programa no contexto local e, desta forma, atraindo a atenção do chefe da nação para os graves problemas da Amazônia.

A simbiose produzida entre as ideias defendidas por *Sintonia* e àquelas mobilizadas por Leopoldo Péres e Álvaro Maia com relação ao ressurgimento do Amazonas, não devem ser entendidas como mero oportunismo ou subserviência, utilizados estrategicamente pelos editores do periódico como forma sobrevivência e projeção de seu empreendimento, antes – e sem descartar o uso estratégico do apoio ao governo – parece ter ocorrido uma identificação de interesses que emergiam do mesmo campo político e do mesmo plano ideológico. Como pano de fundo, Péres, Maia e *Sintonia*, viam na continuidade do estado forte e no desenvolvimentismo de Vargas um caminho para o país e uma saída para o Amazonas. E todos os três apostaram nisso!

²⁸⁸ Conferência proferida em 1923, no Teatro Amazonas, por ocasião das comemorações do centenário da adesão da Amazônia ao Estado nacional brasileiro.

Referências

- ALVES, Hosenildo Gato. *Imprensa e Poder: A Propaganda Varguista na Imprensa Amazonense (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2009.
- ARAUJO, Inácio. *Cinema: O Mundo em Movimento*. São Paulo. Scipione, 1995.
- BACKZO. A Imaginação Social. *Enciclopédia Einaudi*, vol. 5 Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1985.
- BARBOSA, Marialva. Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos das; MOREL, Marcos (Org.). *História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos*. Anais do Colóquio. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: Imprensa, Poder e Público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000, p. 2002.
- BERMAN. Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.
- BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário amazonense de biografias*. Manaus: Editora Artenova / Fundação Cultural do Amazonas, 1969.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001.
- BURKE, Peter (org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Edusp, 1992.
- CALIRI, Jordana Coutinho. Os sonhos da cidade: A modernidade e os jornais amazonenses no início do século XX. *Revista Escritas*, vol 5, nº 1, p. 3-13, 2013.
- CAMPOS. Francisco. *O Estado nacional; sua estrutura, seu conteúdo ideológico*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1940.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *História e imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto: EDUSP, 1988.
- CAPELATO, Maria Helena. “Propaganda política e controle dos meios de comunicação” In: PANDOLFI, Dulce. (Org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999, p. 167-178.
- CAPELATO, Maria Helena. Estado Novo: novas histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.) *Historiografia Brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 183-213.
- CAPELATO, Maria Helena. *Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo*. São Paulo: UNESP, 2009.
- CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano, vol. 2* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 107-143.

- CARDOSO, Rafael. (Org.). *Impressos no Brasil 1808-1930. Destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.
- CARVALHO, José Murilo de. "Brasileiro Cidadão?" In: *Pontos e bordados*. Escritos de história e política. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- CARVALHO, José Murilo de. República-Mulher: Entre Maria e Marianne. In: *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 75-108.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CHARTIER, Roger. *A História ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CODATO, Adriano Nerro; JUNIOR, Walter Guandalini. Os autores e suas ideias: um estudo sobre a elite intelectual e o discurso político do Estado Novo. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, nº 32, 2003, p. 145-164.
- CODATO, Adriano. Centralização Política e Reforma Burocrática: O Significado dos Departamentos Administrativos no Estado Novo. *Revista do Serviço Público*, Brasília, vol. 62, p.321-339, setembro de 2011.
- CODATO, Adriano. Os mecanismos institucionais da ditadura de 1937: uma análise das contradições do regime de Interventorias Federais nos estados. *Revista História*, São Paulo, vol. 32, n.º 2, p 189-208, dezembro de 2013.
- CORREIA, Luiz de Miranda. *A Borracha da Amazônia e a II Guerra Mundial*. Manaus: Ed. Governo do Estado, 1967.
- CORREIA, Fabiana Libório. *Janelas do Mundo: Revistas de Variedades em Manaus (1900-1950)*. Dissertação de Mestrado em História. Manaus: UFAM, 2010.
- COSTA, Francisca Deusa Sena da. *Quando o viver ameaça a ordem urbana*. Manaus: Valer, 2014.
- CRUZ, Heloísa de Faria (Org.). *São Paulo em revista: Catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedades paulistana, 1870-1930*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.
- CRUZ, Heloisa de Faria. *Na cidade, sobre a cidade*. Cultura Letrada, Periodismo e Vida Urbana. São Paulo 1890-1915. Tese de Doutorado em História. São Paulo: USP, 1994.
- CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário. Na Oficina do historiador: conversas sobre História e Imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 255-272.
- DAOU, Ana Maria Lima. *A cidade, o teatro e o paiz das seringueiras: práticas e representações da sociedade amazonense na virada do século XIX*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFERJ, 1998.
- DIAS, Ednea Mascarenhas. *A ilusão do fausto*: Manaus, 1910. Manaus: Valer, 2003;
- FONSECA, Cristina M. Oliveira. As Ideias que trabalham nas instituições: definindo o caminho da construção nacional. *Anais do XXVIII Encontro Anual da ANPOCS*. Caxambu, MG, outubro de 2004.

- FORTES, Alexandre; NEGRO, Antonio Luigi. Historiografia, trabalho e cidadania no Brasil. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (Orgs.). *O Brasil Republicano*, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 181-211.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREIRE, José Ribamar Bessa (Org.). *Cem anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*. 2ª ed. Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1990.
- GARCIA, Sheila do Nascimento. *Revista Careta: Um estudo sobre o humor visual no Estado Novo (1937-1945)*. Dissertação de Mestrado em História. Assis, São Paulo: UNESP - Assis, 2005.
- GERTZ, René. Estado Novo: um inventário historiográfico. In: SILVA, José Luiz Werneck da (Org.). *O feixe e o prisma: Uma revisão do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, p. 111-131.
- GINSBURG, Carlo. *Os fios e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- GOMES, Ângela de Castro. Propaganda política, construção do tempo e mito Vargas. Anais do XXII Simpósio Nacional da ANPUH. João Pessoa: ANPUH, 2003.
- GONÇALVES, Adelaide; COSTA, Pedro (Orgs.). *Mais borracha para vitória!* Brasília: MMA / MAUC / NUDOC, 2008.
- GOODWIN JÚNIOR, James Willian. Anunciando a civilização: imprensa, comércio e modernidade *fin-de-siècle* em Diamantina e Juiz De Fora, MG. *Projeto História*, São Paulo, vol. 35, p. 97-117. Dezembro de 2007.
- GOULART, Silvana. *Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo*. São Paulo: Marco Zero, 1990.
- IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil, 1500-1964*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *História e Memória*. 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992, p. 535-549.
- LUCA, Tânia Regina de. "História dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111.
- LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa e cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.
- MACIEL, Laura Antunes. *A Nação por um fio: Caminhos, práticas e imagens da Comissão Rondon*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 1998.
- MACIEL, Laura Antunes. Cultura e Tecnologia: A constituição do serviço telegráfico no Brasil. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 21, nº 41, p. 127-144, 2001.
- MAGALDI, Ana Maria; XAVIER, Libânia Nacif. *Impressos e História da Educação: Usos e Destinos*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008;
- MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gala edições de Arte. 2012.

- MAIA, Álvaro. *Nas Barras do Pretório*. Manaus: Sérgio Cardoso, 1958.
- MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempo de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP/ Imprensa Oficial do Estado, 2001.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *O sindicalismo brasileiro após 1930*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. 2ª ed. Brasília: EDUnB, 2002.
- MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MOURA, Ranielle Leal; RÊGO, Ana Regina. Nazismo e Fascismo nas páginas da revista *O Cruzeiro*. In: *Anais da Confederación Iberoamericana de Asociaciones Científicas y Académicas de la Comunicación*. s/d. Disponível em: < <http://confibercom.org/anais2011/pdf/24.pdf> >. Acesso em: 15 de abril. 2014.
- NOGUEIRA, Luiz Eugênio Negreiros. *O rádio no país das Amazonas*. Manaus: Valer, 1999.
- OLIVEIRA, João Chrisóstomo de. *João Leda, fuscador de vernáculo*. Manaus: Sérgio Cardoso, 1952.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi et al. *Estado Novo: Ideologia e Poder*. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 1982.
- PAIVA, Marco Aurélio Coelho de. *Identidade Regional e Folclore Amazônico na Obra de Mario Ypiranga Monteiro*. Manaus: Valer/ Governo do Estado do Amazonas, 2002.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Orgs.) *O Brasil Republicano*, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p.13-38.
- PERES, Leopoldo. *Getúlio Vargas: o homem e o chefe*. Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas de "O Cruzeiro", 1944.
- PERES, Leopoldo. *Política e espírito do regime*. Rio de Janeiro: Empresa "A Noite", 1941.
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A cidade sobre os ombros: trabalho e conflito no porto de Manaus (1899-1925)*. Manaus: Valer, 2003;
- PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)*. Doutorado em História. São Paulo, PUC, 2001.
- PROST, Antonie. *Doze lições de História*. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2012.
- RABELO, Fernanda Lima. O DASP e o combate à ineficiência nos serviços públicos: a atuação de uma elite técnica na formação do funcionalismo público no Estado Novo (1937-1945). *Revista Brasileira de História e Ciências Sociais*, vol. 3, Dezembro de 2011.
- ROCQUE, Carlos. *Grande Enciclopédia da Amazônia*. São Paulo: Obelisco, 1968.

- SANTOS, Eloína Monteiro dos. *A Rebelião de 1924 em Manaus*. Manaus: SUFRAMA, 1990.
- SANTOS, Eloína Monteiro dos. *Uma liderança política cabocla: Álvaro Maia*. Manaus: EDUA, 1997.
- SANTOS, Francieli Lunelli. Resenha. *Revista de História Regional* 13(1): 141-143, 2008.
- SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. São Paulo: Ed. Contexto, 2003.
- SCHEMEN. Claudia. O controle social e as festas cívicas no Brasil de Getúlio Vargas (1937/1945) e na Argentina de Juan Domingo Perón (1946/1955). *Revista Dimensões*. vol. 30, 2013, p. 335-361.
- SECRETO, María Verónica. *Soldados da Borracha: Trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.
- SECRETO. A ocupação dos “espaços vazios” no governo Vargas: do “Discurso do rio Amazonas” à saga dos soldados da borracha. *Estudos históricos*. 2007.
- SILVA, Ana Paula da. “A lição da mocidade reta”: Um olhar sobre biografias de Getúlio Vargas para crianças e jovens (1937-1945). Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro: UERJ, 2011.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Mauad, 1994.
- THOMPSON, Edward Palmer. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Rio: Zahar, 1981.
- VELLOSO. Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Contemporânea do Brasil (CPDOC), 1987.
- VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo Et al. A Imprensa Como Fonte Para a Pesquisa Histórica. *Projeto História*, nº 3. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1984, p. 47-54.
- ZICMAN, Renée Barata. História a través da Imprensa: algumas considerações metodológicas. *Projeto História*, nº 4. São Paulo, Educ, 1985, p. 89-102.

Lista de Imagens

#	Imagem	Após Pág:
Imagem nº 1	Capa do primeiro número de <i>Sintonia</i> .	35
Imagem nº 2	Capa de <i>Sintonia</i> com retrato da radialista Aida de Lima.	64
Imagem nº 3	Capa de <i>Sintonia</i> homenageando Getúlio Vargas.	65
Imagem nº 4	Capa de <i>Sintonia</i> comemorativa à Independência do Brasil.	66
Imagem nº 5	Página comemorativa ao dia 19 de Abril	69
Imagem nº 6	Uma “Página Feminina” de <i>Sintonia</i>	75
Imagem nº 7	Página de Passatempos de <i>Sintonia</i>	75
Imagem nº 8	Coluna “ <i>Pois Fique Sabendo</i> ”	76
Imagem nº 9	Coluna “ <i>Sintonia Infantil</i> ”	76
Imagem nº 10	Matérias do Departamento Latino Americano da British News	78
Imagens nº 11 e 12	Anúncios publicados por <i>Sintonia</i>	87
Imagens nº 13 e 14	Anúncios das Lojas Pernambucanas	89
Imagem nº 15	Capa de <i>Sintonia</i> homenageando Leopoldo Péres.	112
Imagem nº 16	Capa de <i>Sintonia</i> homenageando Vargas e Álvaro Maia	127

Imagem nº 1

26
37

№ 1

REVISTA DOS TELEGRAPHISTAS DO AMAZONAS

MENSARIO ILLUSTRADO DE ACTUALIDADES E PROPAGANDA NACIONAL

Director :
Rigoberto Costa

A Republica Brasileira, nova, forte e justa, confia na grandeza, progresso e tranquillidade do Paiz, mostrando a luz do mundo, o radio, como o factor mais importante na expansao e desenvolvimento de um povo.

RIGOBERTO COSTA.

Uma Revista da Amazonia para o Brasil inteiro

ANNO I * SETEMBRO/OUTUBRO - 1939 * NUMERO I

050 Ann M
5618

Sintonia, nº 1. Manaus, set. 1939.

Imagem nº 2

28
28

SINTONIA

REVISTA DA AMAZONIA PARA O BRASIL INTEIRO

MENSARIO
ILUSTRADO
DE
ATUALIDADES
E
PROPAGANDA
NACIONAL

REGISTRADO NO
DEPARTAMENTO
DE
IMPRESA E
PROPAGANDA
N.º DO REGISTRO 39

ANO II - N.º 14
MANAUS
MAIO DE 1941

1\$500

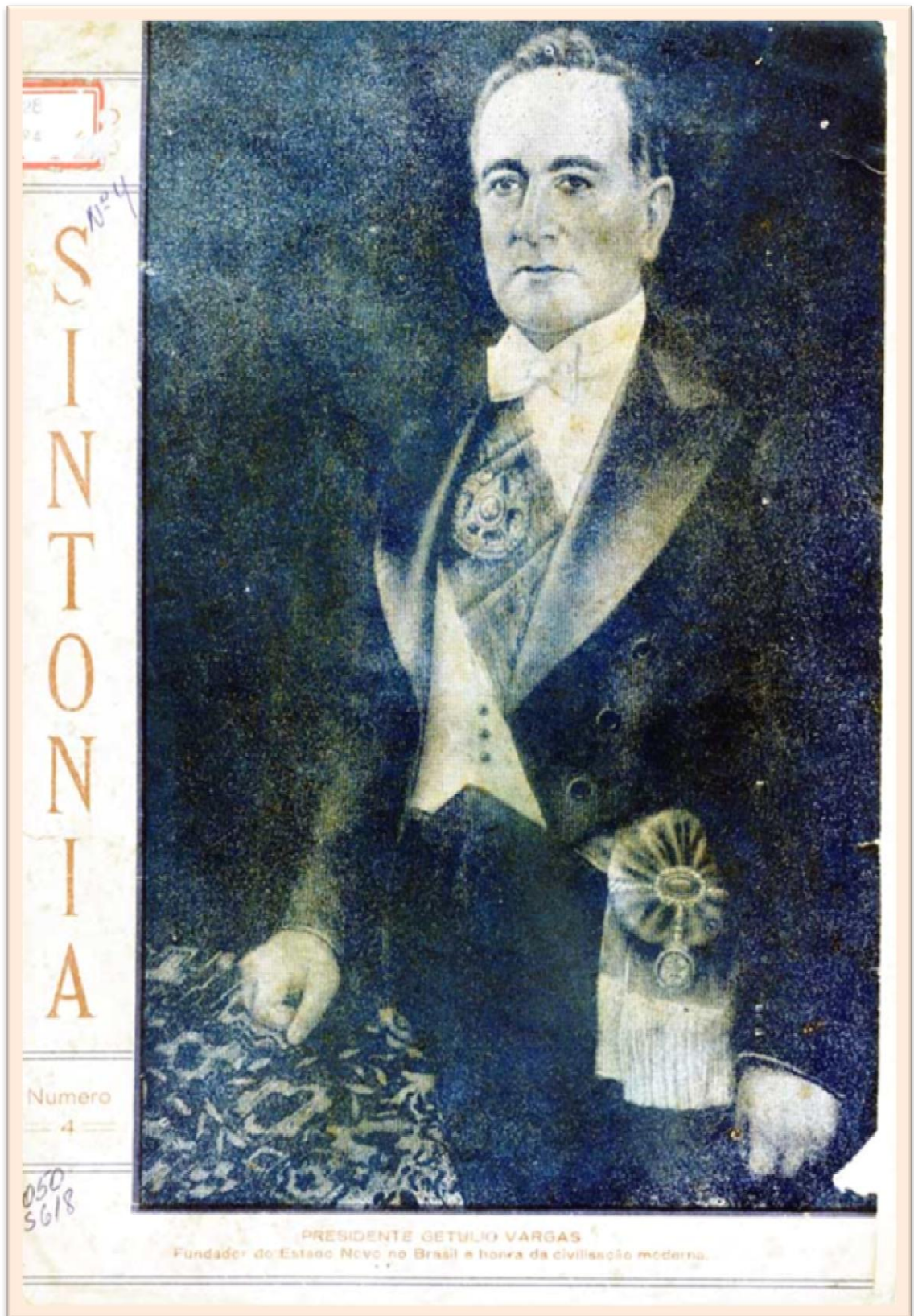
40mm
050
5618



Aida de Lima, nossa assinante de honra, ao microfone da
WGEO, saúda a nossa revista. (vide texto)

Sintonia, nº 14. Manaus, maio 1941.

Imagem nº 3



Sintonia, nº 4. Manaus, junho de 1941.

Imagem nº 4



Sintonia, nº 17. Manaus, setembro de 1941.

Imagem nº 5

SINTONIA Uma revista da Amazonia
para o Brasil inteiro.

Mensário ilustrado de atualidades e propaganda nacional

ANO II
MANAUS PROPRIEDADE E DIREÇÃO DE RIGOBERTO COSTA
Gerencia de HILDEBRANDO DE OLIVEIRA NUM 13
ABRIL - 1941

SALVE 19 DE ABRIL!...

**SAUDAÇÃO ACROSTICA
Ao Presidente GETULIO VARGAS**

Guiando o ESTADO NOVO em ORDEM E PROGRESSO,
Em todos os quadrantes do inclito BRASIL,
Teu nome já se ouve, em hinos ao EXCELSO
Unindo brasileiros, em glorioso accêssso
Levando o pavilhão a tropa varonil;
Inclina-se o povo, em singular succêssso;
Ohl . . . Chefe que dominas com teu olhar viril.

Vibrando o BRASIL, todo, em festas, glorifica
A data natalicia, o magno dia teu,
Resando genuflexo o povo, santifica,
Gosando os beneficios, que a tua mão lhe deu.
A PATRIA BRASILEIRA, ao Presidente VARGAS
Sáuda neste dia, com todo vigor seu.

Manaus, 19-4-1941. *David J. Israel*

Com esta modesta quão significativa saudação acrostica, SINTONIA—Mensário Ilustrado de Atualidades e Propaganda Nacional.— muito se honra em homenagear o inclito cidadão e eminente brasileiro, Senhor Doutor GETULIO VARGAS, emerito Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil e que, na época atual de apreensões em que os povos, no velho mundo, se degládiam, cegos pela venda das desequilibradas ambições humanas, dirige, com pulso de ferro, qual timoneiro em noite procelosa, a nave invicta da nossa nacionalidade, com a pujança do mais elevado patriotismo, no ritmo fecundo de

ORDEM E PROGRESSO

Sintonia, nº 13. Manaus, abril de 1941.

Imagem nº 6

SINTONIA feminina 



Aquí tens gentil leitora, o presente de Bóas Festas que vos oferece «Sintonia», a sua revista. Nesta pagina, encontrareis algo do que está muito em moda.



Novos ombros
Aqui está um lindo modelo com os novos ombros curvos. O tecido é «tweed» escuro verde e amarelo (uma bela combinação para as leitoras de «Sintonia»). Para passeio e para reuniões esportivas.



MODELO PARA «BLACK-OUT»
Os acontecimentos internacionais, também influenciam de certo modo na moda, pois, até, já foram usados os modelos para o BLACK-OUT ou melhor, para quando se faz os escuros como medida de defesa contra bombardeios aéreos. Aqui damos um elegante modelo em duas peças, de DARATHEA.



IODALB
IODO ORGÂNICO

O X **EMÉDIO DA ARTERIOSCLEROSE**
*Um produto *Raul Leite**

SINTONIA - Dezembro - 1941.

Imagem nº 7



PASSATEMPOS

ENIGMAS

CHARADAS

LOGOGRIFOS

PALAVRAS
CRUZADAS

ETC. ETC.

GRANDE TORNEIO DE PALAVRAS CRUZADAS

Ampliando esta secção, para tão somente proporcionar o maior e mais util recreio aos nossos leitores, lançamos um interessante torneio de PALAVRAS CRUZADAS, tendo também em vista uma secção de CHARADAS e outros tantos passatempos recreativos.

O presente torneio será encerrado ás 18 horas do dia 31 de Dezembro proximo, devendo as soluções, ser enviadas a nossa redação, no proprio desenho impresso e acompanhado do nome e endereço do solucionador, que poderá usar pseudonimo, não podendo porém deixar de enviar o seu nome verdadeiro, sem o que será desclassificado.

Em nosso proximo numero daremos publicidade a lista dos premios oferecidos para esse torneio, por diversas casas comerciais.

C H A V E

HORISONTAIS

- 1 O que governa um país.
- 7 Outra cousa mais.
- 8 Nome de alguns rios da França
- 9 Nota musical.
- 10 Autoridade do exercito abyssínio.
- 11 Reino da Guiné.
- 12 Cabelo branco.
- 14 Juiz de Israel.
- 19 Canhamo da Índia.
- 20 Nota musical.
- 21 Cidade do Japão.
- 22 Imensidade.
- 24 Detestavel.
- 27 Planta Medicinal.
- 29 Trevo azêdo.
- 30 Especie de Capa.
- 32 Rispido.
- 35 Fluido (invertido).
- 37 Instrumento agricola.
- 38 Filha do Rio Inacho.
- 39 Gemido.
- 40 Que tem os dedos direitos.



VERTICAIS

- 1 Jogada de baralho.
- 2 Exclamação.
- 3 Mamifero do Thibet.
- 4 Nome de uma canção brasileira.
- 5 Serra da Provincia de Traz os Montes.
- 6 Planta do Brasil.
- 13 Mergulhão.
- 14 Quinto mês dos Hebreos.
- 15 Aldeia da França.
- 16 Ilha e Mar do Japão.
- 17 Contração.
- 18 Vinho ruim.
- 23 Herva odorifera das labiadas.
- 24 Abreviação de Maximiliano.
- 25 Nome de homem.
- 26 Marcador.
- 27 Pedra.
- 28 O contrario de «abandonado».
- 31 Igual.
- 33 Sobrenome de heroe legendario hespanhol.
- 34 Ultima silaba de «chuvisco».
- 36 Planta da India.



PARA OU

Alexandre mandou certa vez, um grande presente em dinheiro a Focio. Ao recebê-lo Focio disse:

— Porque será que o Rei me manda presentes e a ninguém mais?

O mensageiro respondeu-lhe.

— Porque ele te considera o unico homem digno em Athenas.

— Se ele assim pensa, dizê-lhe que me permita continuar a ser-o.

E restituiu o presente.

* * *

O FARMACEUTICO: Acabo de inventar um especifico maravilhoso.

— Para que enfermidade?

— Ah! Isto é que ainda não descobri.

NUM FOTOGRAFO: De maneiras que a senhora faz questão que ponha seu nome no retrato.

Claro. Para que me reconheçam ...

* * *

Chego sempre tarde por culpa do relógio.

— Atraza?

— Não. Ainda não comprei.

SINTONIA Novembro—1940

POIS FIQUE SABENDO

1... que as nossas estradas de rodagem, até o ano de 1940, atingiram a extensão de 289.324 quilômetros.

2... que a população do Rio de Janeiro aumenta na proporção de 4 mil pessoas anualmente.

3... que o Brasil, no ano de 1941, importou 5.514.417 contos de reis exportando no mesmo ano 6.729.401 contos, o que, balanceando, dá-nos um saldo de 1.214.984 contos de reis.

4... que embora continue sendo o café a nossa principal mercadoria exportável, em 1941, caiu para 39,00%, sobre o valor total da exportação, que, em 1938 alcançara a quota de 39,80%.

5... que, eclesiasticamente, divide-se Brasil em 17 arquidioceses que por sua vez, tem como subordinadas 54 dioceses, 23 prelazias e 2 prefeituras apostólicas. Subdividem-se essas circunscrições em 2.879 paróquias, 78 curatos e 31 capelas curadas.

6... que conforme consta das estatísticas do nosso comércio exterior, as exportações de tecidos cresceram animadamente. De quatro mil e poucos contos em 1929, passamos a exportar em 1941 a apreciável soma de 230 mil contos de reis.

7... que em toda região Amazônica, compreendendo Acre, Amazonas e Pará, com 3.036.985 Km², só estão cultivados 56.222 hectares de terras, isto é, 5.622.200 acres! Desse modo cada habitante só possui cultivados para si 2,7 ares de terra, quando sabemos, por estudos norte-americanos, que toda região deve possuir no mínimo 50 acres cultivados para cada habitante, para satisfazer às necessidades mínimas de nutrição da respectiva população.

8... que até bem pouco tempo era a Índia Inglesa a maior exportadora da mamona no mundo. No entretanto, conforme provam os números contidos no Anuário Internacional de Estatística publicado em 1938, o Brasil conseguiu arrebatá-la à Índia esse privilégio de maior fornecedor das sementes oleaginosas em apreço.

9... que no limiar do presente decênio, ou melhor em 1930, contribuiu a Índia Inglesa com 73,5% da produção mundial da mamona e o Brasil apenas com 11,10%. Em 1938, porém, a produção brasileira da mamona alcançou o expressivo índice de 58,20% enquanto a Índia regressou para 24,30% apenas.

10... que no Brasil, a Baía e o Estado líder da produção de mamona em bagas, possuindo, além do mais, as melhores qualidades de sementes, as que dão maiores percentagem de óleo.

11... que esse produto nacional impôs-se de tal maneira no mercado universal, tamanho foi o movimento de procura no sentido de sua aquisição que somente a Baía, nos anos de 1940 e 1941, exportou, apesar de todas as restrições criadas pela atual guerra às permutas internacionais, a elevada cifra de 1.635.309 quilos de mamona no valor de 4.635.199\$000.

12... que na América do Sul, o Brasil é o único país que produz a seda animal ainda que em quantidade reduzida. Essa indústria não poderá alcançar maior índice de produção sem que se multipliquem os centros criadores da preciosa lagarta, os quais obviamente dependem da intensificação que se der a cultura científica da amoreira. A produção de casulos, no país não atende às necessidades da indústria nacional. Produzimos até agora 420 toneladas de casulos, mas importamos ainda cerca de 400, dispendendo nesta aquisição de 35 a 40 mil contos.

Façam seus anúncios
falados pela
Retransmissora Ajuricaba
ESTUDIO e Esentório:
Rua Barroso, 133

A RENASCENÇA

MERCEARIA E FERRAGENS
Avenida Joaquim Nabuco, 879
Telefone, 1724

FILIAL **Casa Dias**
TELEF. 17-36

MERCEARIA E FERRAGENS
Rua Luis Antoni canto com a 10
de Julho

Grande e variado sortimento de
todos os artigos

LUCIANO MARQUES & CIA.

A guerra através das idades

Na "Bodleian Library", em Oxford, encontra-se uma estupenda coleção de livros, que dizem respeito exclusivamente à arte de guerra. Entre os livros e tratados de coisas militares ali existentes, ha alguns que remontam ao reino de Henrique VIII — ou seja, ao ano de 1513.

Outros livros dos séculos XVI e XVII referem-se à tática militar, e aos exercicios de alabardas e mosquetes.

Ha nessa biblioteca um precioso exemplar do livro de William Adams, o inglez ao qual foi entregue a construção de navios para o "Shogun" do Japão, nos primórdios do século XVII.

Ha tambem uma carta de um marujo espanhol, do tempo da "Invencível Armada", e alguns papeis do Almirantado, atribuidos a Samuel Peppys, o esquivão que foi Secretário do Almirantado no tempo de Carlos II.

Um desses papéis contem a alegação de um individuo, que se dizia capaz de transformar agua salgada em agua potavel, sem todavia explicar o processo, tratando-se sem duvida alguma de uma fraude.

A "Bodleian Library", que foi inaugurada no ano de 1602, é provavelmente a mais antiga de todas as bibliotecas ainda hoje existentes na Grã-Bretanha, foi aumentada recentemente, afim de acomodar o alluxo crescente de livros que para ali são enviados.

MEDICAMENTOS

faça suas compras na

Drogaria Universal

Imagem nº 9

SINTONIA *Infantil*

A data de 7 de Outubro marcou o 3.º aniversário do inteligente garoto Elias filho querido do nosso assinante Sr. Marcos Esquinazi e de sua esposa Sra. D. Sultana Esquinazi, pelo que, neste registo SINTONIA parabeneza cordalmente.

JONAIR—A 10 do corrente, comemorando o seu primeiro ano de vida, foi, pelo Sr. Francisco de Souza Machado e esposa, D. Maria Lucia de Freitas Machado, levado a pia batismal o pequenino atleta Jonair Palmeira de Lemos, primeiro rebento do feliz casal José de Lemos—Nair Palmeira de Lemos. Atendendo ao gentil convite que nos fez o Sr. José de Lemos, nosso amigo e assinante, fizemos nos representar, levando os nossos melhores augúrios á ditosa criança, agradecendo nesta nota, as honrosas deferencias da distinta familia.

SOLANGE—Esta formosa criança é filha do nosso amigo e assinante Sr. Esmeraldino Alencar, competente pratico da Navegação Colombiana e de sua esposa Sra. D. Luiza Loureiro de Alencar e que a 18 de Novembro recebeu os primeiros parabens pelo seu feliz aniversario. **SOLANGE** pela singular beleza e robustez será uma das candidatas do



SOLANGE

concurso que realizaremos no proximo ano entre os filhos dos nossos assinantes. E aqui se resumem os cumprimentos de SINTONIA—Felicidades! Solange!

Ferreira e Raymundo Zeno Ferreira, ex-official do exercito e tesoureiro da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional, nesta Capital.

SINTONIA faz pois, dos prezados concidadões, os intermediarios, das mais sinceras felicitações, e melhores votos de felicidades que, respectivamente envia a Exma. Sra. Dona Sinhá Pinheiro Ferreira.

Eis a dupla
que difficilmente
será vencida
em nosso con-
curso **BELEZA**
e **ROBUSTEZ**

Z E Z É
e
Z A Z Á



TYPOGRAPHIA **FENIX**
de **SERGIO CARDOSO**
Rua Joaquim Sarmiento N.º 78
MANAUS

ZEZÉ E ZAZÁ—Maria José e Maria Conceição, surpreendidas pelo nosso foto-reporter no jardim da matriz. A semelhança é tal, que, francamente, não sabemos qual seja a Zezé nem a Zazá. Estas mimosas crianças são o encanto do venturoso lar do nosso assinante e melhor amigo, Sr. Leão Oama Titan ativo viajante da Machine Cottons Limited, e de sua Exma. Esposa Sra. Zulena Vasconcelos Titan, aos quais, pelo 4.º aniversário das lindas gêmeas, ocorrido a 8 do corrente, enviamos os mais fervorosos votos de um venturoso porvir.

ONEIDA—Treis anos apenas, completou a 26 deste mez, a interessante garota Oneida Pascarelli Monteiro, filha do nosso assinante Sr. Leopoldo Monteiro, destacado auxiliar da Livraria Academica, e sobrinha do Sr. Raul Pascarelli, chefe de impressão na Tipografia Fenix e competente impressor



ONEIDA

de SINTONIA. E' com grande satisfação que registramos essa data, enviando a Oneida, de felicidades, os votos mais sinceros.

Dr. Oder Poggi

MEDICO
CLINICA MEDICA E CIRURGICA

Doenças próprias das mulheres. Partos e cesáreas.

Doenças do aparelho digestivo e glandulas anexas: Estomago, Intestino, Fígado, Bexiga.

Consultorio: Farmacia NUNES
Rua H. Martins, 171 Fone 1018
Residencia: S. Marinho, 793 casa 6—(Vila Péres)

HORARIO
Das 9 ás 11—15 ás 17
Diariamente das 9 ás 10—consultas inteiramente gratis, para os pobres.—MANAUS.

SINTONIA — Novembro — 1940

Imagem nº 10

A GUERRA

Paraquedistas britânicos caem na França ocupada



Esses paraquedistas são levados a bordo dos grandes aviões de transporte, nos quais ficam sentados com as pernas pendentes de uma abertura no chão do aparelho, enquanto os seus paraquedas permanecem presos no interior do mesmo. Uma luz vermelha dá-lhes o sinal de "Preparar" quando essa luz se apaga para acender-se outra, verde, os paraquedistas ziram-se pelo orifício a cuja borda estão sentados enquanto o paraquedas se abre automaticamente, graças à pressão que o sustenta de dentro do avião.

Um dos novos Porta-Aviões da Marinha Britânica o **VICTORIOUS**



Os aparelhos do "Victorious", irmão-gêmeo do "Illustrious", deslocando 21.000 toneladas de arcação total e uma das unidades da sua classe, tomaram parte ativa na perseguição e nos ataques desfechados contra o super-couraçado "Bismark", orgulho da marinha de guerra do Reich, cujos técnicos pretendiam ser ele instabersível. Como se sabe, o "Bismark" foi perseguido e destruído pela Home Fleet, depois de um encontro em que um tiro feito da belonave nazista fez voar pelos ares o cruzador de batalha "Hood", atingido em seus pontos de nucleação.

O "Victorious" mede 753 pés de comprimento, tem uma tripulação de 1.600 homens e está armado com 16 canhões de 4,5 polegadas, desenvolvendo uma velocidade de mais de 30 nós horários.

BRITISH NEWS SERVICE

Na fotografia abaixo vê-se o "Malaya" — oferta dos súditos da Confederação dos Estados Malaios à Grã-Bretanha — um couraçado que já tomou parte em muitas das importantes ações navais travadas desde o início das hostilidades, ao sair do porto de New-York após ter sido convenientemente reabastecido.

BRITISH NEWS SERVICE



UM DOS MELHORES TIPOS DE BOMBARDEIROS DA RAF



Um dos novos aviões de bombardeio pesado e longo raio de ação da RAF — o "Halifax" — quadrí-motor pertencentes às esquadilhas do Comando de Bombardeio. O "Halifax" tem uma envergadura de 90 pés, de ponta a ponta das asas, por 70 pés de comprimento e 22 pés de altura, quando pousado sobre seu trem de aterragem.

Trata-se de um aparelho provido de 4 motores "Rolls-Royce Merlin", construído sob a forma de monoplano de asa baixa, de lemes duplos, possuindo ainda uma torre de proteção traseira, que, como se pôde ver, projeta-se bastante para fora dos lemes de direção da cauda. Esses aparelhos têm tomado parte em todos os raids que a RAF vem desfechando contra os seus objetivos militares.

BRITISH NEWS SERVICE

Mme. ARABELA

Se algo vos preocupa, procurai hoje mesmo Madame Arabela, que através da bola de cristal, e pela quiromancia, desvendará em retróspicos mais íntimos de vossa vida íntima, eu publica. Gabinete, Rua Lobo d'Almeida, 24. Consultas das 8 da manhã às 21 horas.

OURIVESARIA CANTISANI

Nesta bem montada casa executa-se com a maior perfeição e fino gosto, os trabalhos mais delicados na arte de Joalheria, Ourivesaria e Relojaria.

Especialidade em monogramas, colares, alfinetes e outros objetos, escudos e ornatos em estilo moderno.

Toma encomenda de todos os trabalhos orçamentados em PLATINA, OURO E PRATA.

Rua Marechal Budega, 280 — Manaus

O mais arriscado de todos os serviços — na palavra de Churchill



Oficiais e marinheiros do submarino inglês "Sea Wolf" (Lobo do Mar) chegando a bordo dessa unidade depois de um período de descanso em terra, durante o qual o submarino foi revistado, re-aprovisionado e preparado para uma nova aventura em alto mar. Ainda recentemente o primeiro ministro Winston Churchill, prestou o seu entusiástico tributo ao trabalho dos submarinos ingleses que durante os 7 primeiros meses deste ano conseguiram afundar ou danificar sistematicamente 17 belonaves do Eixo, destruindo ainda nada menos de 105 dos seus navios de abastecimento.

BRITISH NEWS SERVICE

Imagens nº 11 e 12



UM CONVITE !CORDIAL!
Experimente as
Novas Vantagens e
satisfações que é capaz
de oferecer-lhe o
"Telephone Automatic",
por necessidade, conveniencia ou
simplesmente para comunicar-
se com as pessôas de suas
relações e familiares, encurtando
assim a distancia que os separa.

Recorra ao Telephone Automatico

Uma conversação
será uma
Satisfação



SOC. ERICSSON DO BRASIL Ltda.
SERVIÇO TELEFONICO DE MANAOS — Rua Guilherme Moreira, 268

Uma nova e superior
"ROYAL"
A MAQUINA DE ESCREVER N.º 1 DO MUNDO
E DE MAIOR CONFIANÇA



Com marginador magico
Liberdade de Mudança
Controle de toque
Coordenação de controles
Amortecedores de choques
Teclado Standard
e muitos outros aperfeiçoamentos.

PRODUZ UMA ESCRITA
MELHOR...
COM MAIS FACILIDADE...
MAIS RAPIDEZ...

Peçam catalogos e mais informes aos
UNICOS DISTRIBUIDORES PARA O AMAZONAS E ACRE

SOUZA, MESQUITA

— MANAUS —
Rua Marechal Deodoro n.ºs 220 e 237
CAIXA POSTAL, 61-A

— BELEM —
Rua Manoel Barata, 367 — End. Teleg. — SEFLE —
CAIXA POSTAL, 310

Imagens nº 13 e 14

A PERNAMBUCANA

A mais lidima expressão
de elegancia
e distinção da cidade




*A Loja que reúne o maior conjunto de sugestivos
modelos em todos os tipos de fazendas*

A mais elegante e a mais **BARATEIRA**

MATRIZ: Avenida 7 de Setembro, 735
FILIAL: Instalação, 581

A PERNAMBUCANA

Sorri para a tua
vida, vestindo uma
roupa nova das
lindas fazendas



Levantines
Morins
Platilhas

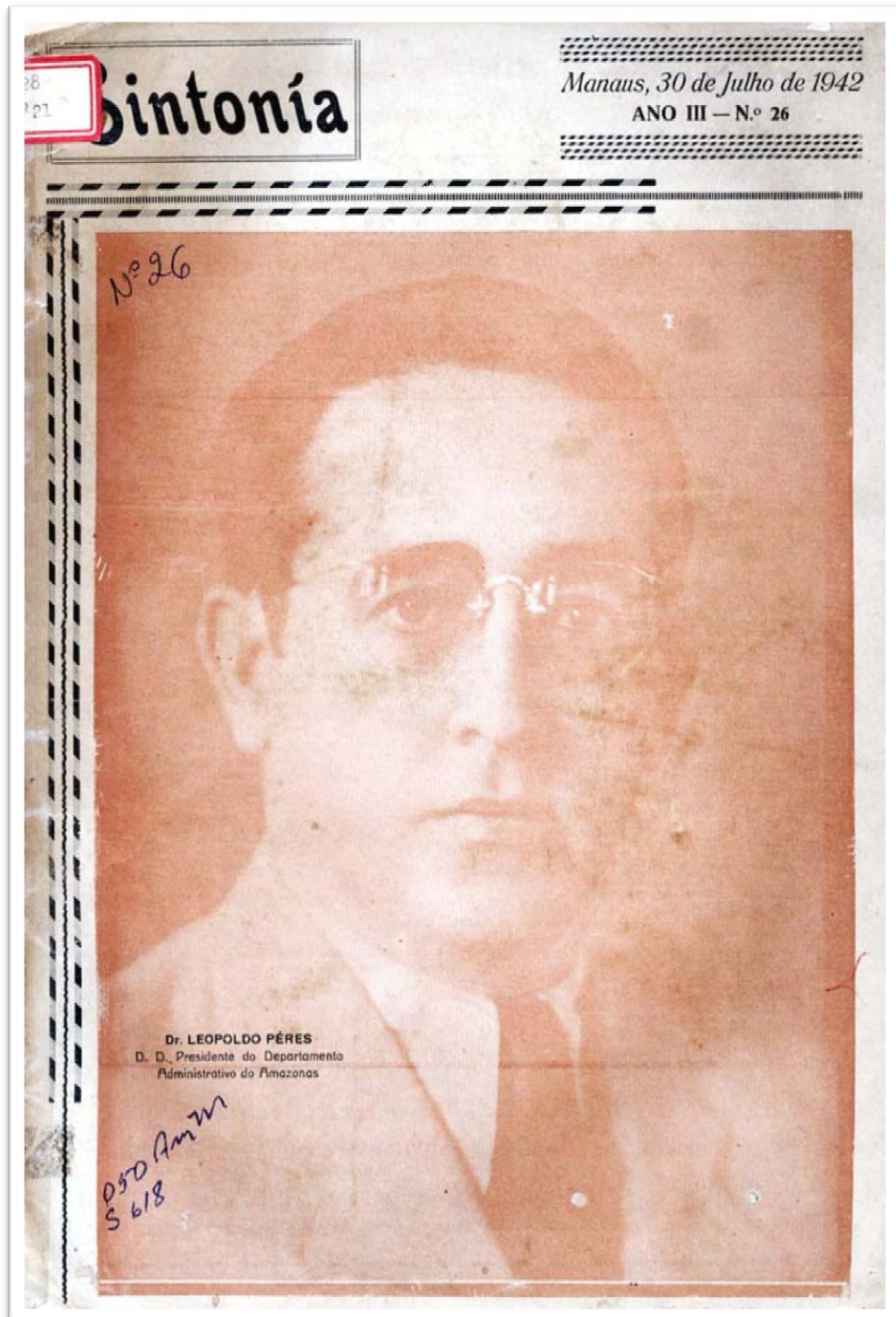
Raions
Fantasias
Voiles

NOVIDADES PELO ULTIMO VAPOR

MATRIZ - Av. 7 de Setembro, 735 - FONE 2076 - **FILIAL:** Instalação 581 - Fone 1868

Sintonia, nº 30. Manaus, novembro de 1942.

Imagem nº 15



Sintonia, nº 26. Manaus, julho de 1942.

PELO AMAZONAS E PELO BRASIL!

O Departamento Administrativo completa o seu terceiro ano de existência fecunda e cheia de relêvo.—A obra profícua e vigorosa do Dr. LEOPOLDO PÉRES, presidente do alto conselho do governo



DR. GETULIO VARGAS
D. D. Presidente da República



Grupo tomado por ocasião da visita de cordialidade, feita pelo Tribunal de Apelação do Departamento Administrativo, em homenagem ao terceiro aniversário daquela alta corporação governativa.

desse notável equilíbrio de propósitos e iniciativas, que desde o primeiro instante assaltou da ação sistêmica da Interventoria Federal, cristalizada no positivismo esclarecido do Dr. Alvaro Maia, e do Departamento Administrativo, integrado de personalidades de não menor estatura cívico-moral, beneficiou o povo do Amazonas numa sequência ininterrupta de medidas e providências equitativas às suas mais justas aspirações de prosperidade.

Um ano depois, precisamente a 15 de Julho de 1940, a fim de exercer outra elevada função federal no sul do país, foi o Dr. Joaquim Tassinari, por direito do governo, substituído na presidência pelo Dr. Leopoldo Pérez, então vice-presidente daquele alto Conselho.

LIGEIROS TRAÇOS DE UMA PERSONALIDADE

Em relação à personalidade do presidente atual do Departamento Administrativo, fazemos menção aos conceitos emitidos, a propósito daquela brevíssima data, pelo grande molatino amazonense "O JORNAL", nestas palavras: "O sr. Leopoldo Pérez é uma personalidade singular na paisagem social e política da Planície. Desde muito moço investido em funções públicas da maior responsabilidade, principalmente cívicas, o seu espírito decotou-se na classe de líder, de colunizador, e ao mesmo tempo em que sua inteligência se afirmava, luminosa, solar, sua virilidade patriótica conquistava-lhe uma posição vertical de líder, não somente da corrente da juventude, que o seguia em seus desdobramentos, mas ainda de outras esferas mais experimentadas e, por isso, menos soltozias ao comando dos novos. Nenhum meio, porém, escapava à inflexível banalidade do moço que estava chamado para dirigir, cujo destino era ser renegado equívoco. Onde quer que se

MAIS um ano de profícua labor verificou, no dia 15 deste, o Departamento Administrativo do Amazonas, instituído pelo decreto-lei federal nº 1203, de 9 de Abril de 1939, para a concentração dos princípios fundamentais do Estado Novo, órgão colateral dos executivos estaduais e municipais, cabe-lhe precisamente "constatar na feitura das leis, sujeitas à sua prévia aprovação, e fiscalizar a execução dos decretos, com o controle legislativo e financeiro sob a sua função promotoria, além do que expressamente lhe toca na economia dos serviços públicos, sua racionalização e eficiência, metodologia, agrupamento, extinção e criação, organização, e das várias repartições e estabelecimentos do Estado e dos municípios". Um organismo da mais estreita confiança do poder central junto aos delegados interventorais nos governos, para a cooperação a mais exaltada dos negócios administrativos de cada Estado, em face do Governo da União.

Instalado a 15 de Julho de 1939, sob a presidência do saudoso patriota Dr. Joaquim Augusto Tassinari, nome respeitável e de uma linha de serviços valiosos, prestada à causa pública de sul a norte do país, e grandemente ligado ao nosso Estado pela sua atuação em diversos setores da vida administrativa, desde logo começou a fazer sentir o seu valor fecundo.

A administração do Estado, que já se tornara creadora de sólidas estruturas por sua honeste e trabalho, passou a receber do novo órgão do governo, uma colaboração eficaz, sincera do seu claro e seguro discernimento dos problemas cotidianos. E do perfeito acerto de vontade, que para logo se verificou existir entre os responsáveis pelo destino da coisa pública;



Outros aspectos da mesma homenagem, quando usavam da palavra o Dr. Leopoldo Pérez, presidente do Departamento Administrativo, e o Desembargador Arthur Magalhães, presidente da Colômbia Cívica de Justiça.



DR. ALVARO MAIA
D. D. Interventor Federal no Estado do Amazonas